

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CLAUDIA ANNIES LIMA

**EXPERIÊNCIAS DANÇANTES: A CORPOREIDADE
DE SUJEITOS NÔMADES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Maria Borges de Sousa

Florianópolis, agosto de 2011.

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

SAUDADE¹

Sete letras que se calam
 Ocultando um pensamento
 Raras vezes alegria
 Muitas vezes sofrimento

Criatura de grande talento
 E invejada sabedoria
 Dizia tudo que pensava
 Fazia sempre o que dizia

Foi mãe, foi filha, foi mestre
 O escapulário do saber
 Muito simples e dedicada
 No cumprimento do dever

Na curta estrada da vida
 O saber te conduzia
 Num abrir e fechar de olhos
 O grande pai te chamaria

Sempre estarás presente
 Lembrar-me-ei sem te ver
 De tudo que me pedistes
 Saudades, saudades só de você

¹ Poesia de autoria do meu pai, Claudio Nascimento Lima, escrita para minha mãe, Wilma, após sua morte.



Dedico esta caminhada ao meu pai, Claudio
e à minha mãe, Wilma (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À minha família, por me sentir amada e compreendida nas minhas ausências durante esse processo.

Meu grandioso pai Claudio, pela abundância de mimos-afetos, pelos investimentos e por confiar e amparar todas as minhas escolhas, mesmo quando discorda delas. Reconheço seus gestos com gratidão.

Ao afilhado Guga, estrela de luz e orgulho da minha vida. Relação intensa que me des-estabiliza na dor e no amor incondicional.

À Mana Edi, pela relação de afeto que construímos progressivamente, à qual muito me encanta.

Ao Gui da ‘Kiquia’, pequeno Ser que alegra meus momentos.

À Nelci, com sua presença de cuidado e fé meus dias ficaram mais tranquilos.

À minha amiga Vivi, pela beleza do nosso encontro nessa vida, uma magia de luz. E por nos presentear com a flor sagrada que gesta em seu ventre.

À amiga Gi, pela confiança depositada em mim pra tudo, ou quase tudo.

Ao Fabrício, companheiro especial dos des-contínuos passos da vida e incentivador maior desta escolha.

Ao amigo Rô, inspirador de partidas, sempre me faz ir mais longe com sua sabedoria.

As amigas de Sampa, Karen, Lizzie, Simone e Lílian, mesmo longe geograficamente, a vibração de suas torcidas e os afetos chegaram a meu coração.

Ao Boris, amigo que o mestrado me presenteou. Esteja onde estiver, minha ternura por ti existirá. À Ana Luisa e Jonatan, casal Guatemalteco, pela doçura de suas presenças. Sorte minha ter os conhecido.

Ao amado grupo de *biodanceiros*, meu ninho de aconchego incondicional.

Aos homens da Associação Vida Nueva, em especial Val e Jota, um oceano de ensinamentos e encantos, oportunidade rara que deslocou meus saberes.

Aos Freis Luiz e Rogério, pela confiança e sorrisos com que me receberam.

À amiga Isa e sua criança em gestação e ao amigo Deidvid, suas presenças alegam minha vida.

À minha recente e tão presente amiga peregrina Carol, pelo desafio aceito como companheira do caminho nômade que nos espera.

Ao Marcos Fleck, ser que toca no silêncio e no olhar e que acariciou momentos de angústia nesse processo, com sua louca e sábia frase-filósofa.

Ao Núcleo Vida e Cuidado por respeitar afetivamente as diferenças de ser e estar como passageira nesse valioso espaço de saberes.

À banca examinadora pela primeira leitura, Prof.^a Dra. Patrícia de Moraes Lima, há tempos no meu itinerário afetivo e intelectual; Prof.^a

Dra. Sônia Maluf, pelo aceite na parceria dessa caminhada.

Em especial, à minha orientadora-amiga Ana, que mergulhada pelo afeto intenso que tatua nossa relação manteve a abundância dos seus cuidados comigo, mesmo nos momentos de maior pré-ocupação. Jamais me esquecerei desse desafio partilhado com muito amor e uma pitada de aflição.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo analisar os significados atribuídos à experiência de viver nas ruas pelos acolhidos na Associação Vida Nueva (AVN) localizada no município da Palhoça/SC, e como estes participam na constituição da sua corporeidade. A concepção metodológica configura-se como estudo de caso de abordagem etnográfica numa relação aproximada entre pesquisadora e os atores do contexto investigado, sendo utilizado como instrumentos de coleta de dados, diário de campo, documentos disponibilizado pela instituição, observações e entrevistas. No decorrer da pesquisa procurei legitimar os fios que configuram os modos de ser e estar nas ruas, marcado pelos deslocamentos infinitos. Os desdobramentos que compõem a caminhada tecem olhar sobre breve panorama da população em situação de rua; a estética das ruas e seus adereços, assim como o movimento das piruetas no trecho pelos protagonistas da pesquisa. Para análise foi privilegiado as narrativas de sujeitos que passaram e/ou estão na AVN, em especial dois deles, Val e Jota, denominados protagonistas desta pesquisa. A título de considerações, esse estudo possibilita defender as imprevisibilidades inscritas na corporeidade dos sujeitos que passaram pela experiência de viver nas ruas e apropriam-se dos deslocamentos como legítimos de suas existências. As relações estabelecidas nas e com as ruas são afetadas pelas adversidades que a compõem pelos bons e ruins momentos. E a permanência em habitar as ruas, torna-se, algumas vezes, in-evitável pelo desejo-escolha de ali estar.

Palavras-chave: Corpo. Rua. Experiência de viver na rua. Trecho. Narrativas

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the meanings that individuals, who have been taken in by the *Associação Vida Nueva (AVN)* institution located in Palhoça SC, assign to the experience of living on the streets, and how these meanings take part in the construction of their corporeality. The methodology used for the research was a case study, with an ethnographic approach, that resulted from the relationship established by the researcher, the actors and the investigated context. The tools used for data collection includes a field journal, documents made available by the institution, observations, and information brought up in conversations with participants in different situations and opportunities. During this journey, I sought to legitimize the threads that shape the ways of being on the streets, marked by unlimited movements that place the individuals on the streets and stretches. I emphasized the developments that arrange the treks of each one of the participants, with analogies taken from a brief overview on street population. I added to my arguments a look at the esthetics adorning these streets, at the accessories decorating this lifestyle, and at the juggling movements that happen on the stretches traveled by the leading characters of this research. In the analysis, I highlighted the narratives by two individuals who are and/or were staying at AVN. They were called Val and Jota. As for the considerations, this study ventures to defend the idea that the unpredictable elements inscribed in the corporeality of individuals who lived on the streets are dimensions that encourage the movements and that make the self-perceptions, as well as the perceptions of the world, authentic. The affinities established on and with the streets are affected by the adversities they experience in their everyday lives, in which they dance between good and bad moments. This dissertation understands that the stay on the streets results in a living style that becomes an in-avoidable welcoming made of desires, choices, addictions, sense of being there.

Key-words: body, street, living on the streets experience, stretches, narratives

SUMÁRIO

PRELIMINARES.....	13
UM ITINERÁRIO EM ABERTO.....	33
RUAS: LUGARES DO IMPREVISÍVEL.....	65
PIRUETAS NO TRECHO.....	95
PELO CAMINHO DO CORAÇÃO FAÇO A CHEGADA SEM FIM.....	131
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXOS.....	145

PRELIMINARES

No encontro com o tema de pesquisa, o inusitado...

Voltar o olhar para si mesmo, repensar tudo o que nos foi pensado a partir da academia, (...) dos textos especializados, (...) dos discursos politicamente corretos, (...) das consciências acomodadas daqueles que se conhecem como parte da normalidade, do racional, do democrático, do verdadeiramente humano, é o que provoca a relação direta e aberta com aqueles que não fazem parte de todas essas certezas.

(Lara, 2003, p. 13)

Há uma recusa, entre tantas outras, que habita nosso ser: voltar a olhar para si mesmo e desafiar-se a repensar quase tudo o que se refere aos nossos saberes, aos modos como dizemos de nós e do outro, do mundo onde estão ancoradas nossas infundáveis buscas por respostas que aquietem a angústia silenciosa, o desejo de saber fazer. É uma recusa-resistência que melhor se revela no instante eterno da escrita, de mostrar o texto que nos engendra em cada linha, em seu percurso incerto para se deixar encontrar com o tema em pesquisa. É uma resistência-aventura que quer provocar uma relação aberta e direta com aqueles e aquelas que não fazem parte do que acreditamos e colocamos como pauta-proposição de conhecimento. Assim me apresento, com a resistência curiosa, mas desejosa de saber fazer e ciente dos limites, embora sem abandonar as possibilidades que compõem essa travessia. De início, ou com os olhos embaçados pelas certezas, tamborilo por caminhos que nomeio como preliminares. No percurso, o inusitado me assusta afirmando: pesquisar é uma peripécia que envolve achar e perder, que vai aos pouquinhos contando o quanto nada nessa é simples, porque tanto desassossega.

Essa audaciosa pesquisa foi costurada cotidianamente com o desafio de manter meu *pensamento nômade, aquele que não tem caminhos definidos a priori, que segue ao léu, seguindo o fluxo dos acontecimentos, fazendo descortinar perspectivas novas, muitas vezes insuspeitadas* (GALLO e VEIGA-NETO, 2007, p.19). Para atar os fios e desatar alguns nós precisei somar às minhas escolhas a sensibilidade na relação com o *outro*, e para isso, me autorizei a borrar meu corpo com o que aprendia, a inquietar minhas verdades com as dúvidas que

choviam no campo, reconhecer que o percurso afetava meu ser inteiro. Era uma responsabilidade partilhar os saberes da academia sem menosprezar aqueles que os sujeitos da pesquisa traziam do seu mundo, dos trechos em travessia.

Foi no itinerário desta travessia que uma questão se tornou necessária: pedir licença para descortinar parte da minha trajetória. Começo pelas lembranças da adolescência, quando presenciava minha mãe trabalhando como professora de Educação Infantil, depois como administradora escolar e por último, na gestão de uma escola. Imersa em tantos afazeres oriundos do trabalho na Educação, seus passos foram significados pelo compromisso com a coisa pública e pelos vínculos estabelecidos no tecido social da escola. Com os responsáveis pela limpeza, professores, técnicos, gestores, até os parceiros mais distantes. Sua postura ética evidenciava uma disposição afetiva que diluía questões delicadas, como por exemplo, aquelas que estavam implicadas na sua participação em movimentos da classe, como as greves de sua categoria. Esse perfil profissional integrava à solidariedade com o outro, um jeito de ser generoso que fazia ressaltar sua sabedoria, tanto quanto a coragem para resolver dificuldades que afetavam o cotidiano, e isso tocava em mim a aprendizagem dos sentidos que engendram o relacionar humano.

Falar desse tempo desperta uma saudade emocionada dessa mulher-mãe que habita agora o desconhecido, mas com a qual referencio meus saberes para permanecer na dança da vida sem me esquecer de que é essencial ser em presença. Reconheci a beleza de suas condutas depois de sua morte, ao identificar a grandiosidade de ser-estar em com-vivência com o outro. No cotidiano da relação com minha mãe aprendi a admirar seu jeito cuidador com todas as suas relações interpessoais, profissionais, o que advém de um interesse em “gastar tempo” com o *destino feliz* do *outro*. Essa atitude Heidegger (1994) nomeia como cuidado, a capacidade que temos de nos antecipar ao bem estar das pessoas com quem convivemos, de tornar o ambiente acolhedor, de construir um mundo melhor que potencialize todas as formas de vida.

Lembro do prazer dos seus discursos quando se referia às atividades profissionais que desenvolvia, marcados pelos relatos de situações particulares das pessoas com as quais partilhava seu dia-a-dia. Uma fala nascida de um olhar sensível com esse *outro*, tocada pela responsabilidade social e afetiva. Um jeito peculiar que se abre ao universo da presença, convidando-nos a criar espaços que possam ir além das circunstâncias mais visíveis para alcançarmos uma reflexão

que nos situe na dimensão do encontro, do efêmero, das possibilidades que se revelam quando estamos vinculados à experiência comunitária. Minha mãe buscava compreender as situações participando delas, atenta para ir além das palavras mais imediatas, a fim de perceber o que havia de relevante para ser agenciado em grupo.

Com minha mãe fui tecendo as primeiras intuições em torno do cuidado com o outro e o prazer pelos afazeres assumidos. Sua atividade profissional era vivenciada com tamanho vislumbre que proporcionava vitalidade e se abria a uma dinâmica excessiva de trabalho, sem jamais apresentar queixas. A atitude de co-existência que advinha de seu labor na escola despertava em mim o gosto pelos processos educativos. Na tessitura da curta vida que teve, sua corporeidade deixou as marcas de suas pegadas, com contribuições para que até o mais improvável, como minha “estadia” neste campo de conhecimento, acontecesse. E cá estou finalizando o mestrado em educação.

Paradoxalmente vivo estas lembranças com outras circunstâncias, imersa em um espaço onde nada se repete nessa narrativa. O tempo agora é de inspiração para gestar outro ver, aberto à criação, à inventividade possível, a uma dança de autocriação. Tudo isso inventa outros olhares sobre a dinâmica relacional, com seus estilos afetivos e que produzem tanto a alegria, quanto o desconforto do que está no encontro. Sinto o que se renova com as impregnações do cotidiano. Quanto mais eu lido com as pessoas, próximas e distantes nos laços afetivos, mais eu descubro o prazer em querer estar com elas, para também me afastar e poder refazer o percurso. Acredito que cuidamos do outro como gesto de autocuidado, afinal, existimos no mundo com ele e por ele, foi o que observei no movimento de minha mãe.

Os aprendizados maternos aos poucos me acenavam a uma aproximação com a área das ciências humanas. Durante o terceiro ano do Ensino Médio fui buscar leituras sobre a Psicologia e informações sobre os possíveis lugares de atuação desse profissional. Progressivamente teci minha escolha por esse curso, identificada com a possibilidade de trabalhar com pessoas, de ser tocada pelas histórias de lutas, pelos seus sofrimentos, pelas suas conquistas e quem sabe, pelo desejo de contribuir com o bem estar social. Na sociedade contemporânea, como sabemos, o que se agudiza é o sofrimento humano, emaranhado em disputas multiculturais que exacerbam enfrentamentos, tantas vezes inúteis para as mudanças que almejam. A Psicologia, nesse contexto, se apresenta como um campo profissional que ousa minimizar os dissabores e somar nos desafios que o sujeito empreita para construir alternativas.

No que se refere à intuição, sinto-me contemplada por Sousa (2002, p.54) ao considerá-la um saber visceral, que ecoa por *toda a nossa corporeidade, se manifesta no limiar do confuso e do lampejo*, distante de almejar uma objetividade existencial. A autora acrescenta ainda: quando a intuição é passível de escuta e protegida de seus estigmas e marginalizações, promove a manifestação de uma razão sensível, da qual eu também corroboro.

Durante minha trajetória como estudante de psicologia, localizei as disciplinas e as experiências que despertavam maior interesse. Elas estavam voltadas para o aspecto social do curso, com visitas realizadas em instituições como o Hospital de Custódia de Florianópolis, que abriga enfermos em confronto com a lei. Mantenho ainda vivo na memória algumas imagens, cheiros, umidade, tonalidades cinzentas, objetos sucateados, a frieza do lugar, e sinto-me afetada pelo sentimento de náuseas que tive e tenho cada vez que recordo da degradação humana encontrada naquele espaço, com a nítida impressão simplória de “corpos vivos descartados”.

Vivências como esta, direcionaram minha escolha pelos estágios que privilegiam uma demanda político-social, entre eles: na área educacional, numa escola pública; na área social, em uma comunidade em situação de pobreza e na saúde pública, no posto de saúde. Esses espaços de aprendizagens proporcionavam constantes inquietações que se chocavam com minhas demandas existenciais. Fui sendo tocada por manifestações plurais que demarcavam lugares diferenciados. Na escola percebi, através das falas, dos gestos, dos movimentos corporais, que o ser humano traz por essência a indefinição. Nas brincadeiras de alunos e alunas, quando um menino expressava o prazer em dançar, com movimentação intensa do seu corpo, colocava em dúvidas sua masculinidade. As relações entre os professores, ao relatar sua inércia diante de uma situação de racismo entre os alunos, anunciavam o reforço de estereótipos, as invisibilidades que marcavam as questões raciais, culturais, sexuais. As violências que atravessam o universo da escola, com exigências de posturas normatizadoras, discursos preconceituosos, condutas que fragilizam o processo educativo mobilizavam minha curiosidade intelectual.

Na comunidade Frei Damião, localizada no município de Palhoça, realizei estágio de psicologia comunitária durante um ano. De início, me deparei com o sentimento de desespero, pois o lugar além de heterogêneo era constituído por diversas demandas sociais, tais como: práticas de violências; desemprego generalizado; frágil escolarização de boa parte dos moradores; falta de atenção primária à saúde; precariedade

no direito à habitação. Nesse cenário era incipiente a organização popular, então, o grupo de estagiários/as precisou dialogar intensamente para conceber o diferencial do trabalho que ali desenvolveria, fazendo jus ao campo da psicologia social. Nesta comunidade tive a oportunidade de ensaiar meu olhar crítico, de me comprometer com as pessoas e paralelamente ampliar a visão histórica da Psicologia, quase sempre identificada com uma postura clínica, individualista e patologizante.

Neste mesmo período assumi também o estágio em um posto de saúde da Vila Aparecida, situado no bairro Saco Grande/Florianópolis. Ali formamos um grupo terapêutico com os agentes de saúde comunitária para acolher suas queixas, muitas delas legítimas e associadas ao trabalho semanal. Essa experiência pincelou minha vista para as questões de saúde coletiva, mesmo influenciada pelas falas dos profissionais quando narravam suas dificuldades de lidar com o *outro*, diferente de si. A relação com a comunidade tinha um tom desqualificador, assim como o modo de conviver dos demais profissionais (técnicos, enfermeiros, médicos), o que aparecia como foco de reflexão quando retornávamos à sala de aula.

Essa dinâmica estava entrelaçada às temáticas que envolvem a prática do cuidado, o estar com o *outro* e a produção dos estigmas que generalizava os moradores usuários do posto de saúde e os colegas de trabalho. Para Goffman (1993), o estigma estabelece uma relação impessoal com o outro, o que impede que este sujeito seja reconhecido em sua singularidade e passe, então, a ser visto como representação de certas características, tais como: determinações culturais para internalizar marcas que o inferiorizam na vida comunitária; generalizações que atrofiam suas potencialidades; atualização de atributos que tornam o sujeito repulsivo diante do estigmatizador. Isso colabora para que este outro se veja sem espaços, sem voz, sem papéis, designado como “um ninguém”. Sua diferença é anulada pela recusa de sua legitimidade.

Durante o último ano de graduação me inseri numa formação continuada em Psicologia Social: práticas e investigação em contextos sócio-culturais, com duração de dois anos. Desfrutei de diálogos sobre políticas públicas, subjetividades, violências, gênero, entre outras questões, nos diferentes campos do conhecimento: antropologia, educação, filosofia, psicologia, saúde, sociologia. Diálogos tecidos por um olhar complexo para compreender o social e com um enfoque atravessado pela experiência de se fazer pesquisa. Nesse encontro com o conhecimento sistematizado por outras bases epistemológicas foram

plantadas as primeiras sementes como pesquisadora, o que, ainda de um jeito amador, gerou uma aprendizagem afetiva pelas professoras e professores da equipe.

Nutro admiração pelas escolhas feitas durante minha trajetória acadêmica, construída com um perfil diferenciado do que é habitual na formação em Psicologia, com seu viés clássico focado na linearidade dos procedimentos clínicos. Mergulhei em contextos formativos que me permitiram localizar conceitos relevantes, orientada por encontros que privilegiavam a coletividade. Hoje, não tenho dúvidas quanto às significações criadas pelos lugares por onde transitei e que consentiram um assumir de responsabilidades com o meu jeito de ser-estar diante do mundo, das coisas, das pessoas, da vida! Embora os espaços de intervenção em Psicologia focassem para o modelo clínico, esse foi o campo em que menos atuei até minha chegada na Associação *Vida Nueva*, sobre a qual falarei mais adiante.

Estética do *trecho* por mim percorrido...

Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos
(MAFFESOLI, 2001, p.79).

Meu trecho não tem certezas, nem as minhas, nem as de outros, porque é feito de cruzamentos que acolhem e repulsam. No trecho, “todo mundo é de um lugar” e também de lugar nenhum, o pertencimento acontece ou não, no percurso, à medida que os sujeitos experienciam negações, inclusões, transgressões, estilos que pulsam entre o dar e o receber. O trecho é uma metáfora que, a um só tempo pode indicar o não lugar, aquele que fixa em normatividades, que ata sentidos e interesses. Como nos fragmentos de um morador de rua, que embora não esteja entre os selecionados para a pesquisa, suas informações são complementares ao tema em foco.

[...] peguei o trecho pela primeira vez por desilusão quando descobri que minha mulher tinha me traído [...]; fiquei no trecho por 8 anos [...]; no trecho as pessoas se ajudam; [...] no trecho, às vezes é difícil encontrar quem nos dê comida e abrigo, mas bebida sempre tem um para

oferecer [...]; no trecho não tinha muita noção do tempo e não fazia muita diferença essa preocupação com dias e meses, não tinha tempo pra chegar e ninguém me esperando; [...] só porque tu tá no trecho as pessoas acham que todo mundo que tá na rua é vagabundo²

A noção de *trecho* quer expressar os significados trazidos por diferentes sujeitos a respeito de suas trajetórias de vida, talvez para apontar ideias sobre as escolhas que fazem de caminhar sem rumo e sem parada fixa. Como noção, quer transitar pelos lugares, reconhecer as relações de autonomia na experiência de estar consigo e com o *outro*. Ela deseja estar aberta para circular pelas solidariedades tecidas nas ruas, pelas amizades duradouras e fugazes, pelas dores e prazeres do itinerário feito também de sofrimentos, cuidado, risos, encontros, danças, violências³, invisibilidades, silêncios, solidões, contatos, paixões, sentimentos, ausências, saudades, medos, entre outras dimensões humanas que escapam do meu campo de visão. O *trecho*, então, convida a arriscar-me preliminarmente, assumindo leituras de mundo que anunciem teórica e metodologicamente, meu jeito de pensar. Esta noção refere-se a uma experiência *estética* de habitar *as ruas*, compreendo a estética a partir das reflexões propostas por Maffesoli (1997), como a capacidade de sentir em comum o mundo em movimento, de expressar os estilos plurais de ser e estar nas afinidades mundanas.

Na *estética* do *trecho* por mim percorrido está a proposta dessa pesquisa, implicada à minha trajetividade⁴ como mulher, acadêmica, estagiária de psicologia e profissional desta área. Nos lugares por onde passei-permaneci, tais como, escolas públicas, comunidades, programas sociais, núcleo de pesquisa, observei que as diferenças de gênero, raça, geração, com os corpos ali presentes configuravam os espaços sociais e educativos, provocando também (in)visibilidades, exclusões, desigualdades, com destinos variados: isolamentos, sentimentos de rejeição, inseguranças, inferioridades, entre outros que resistem às minhas percepções nesse momento. Através de desiguais práticas e

² Homem que morou na AVN, 29 anos – em 19.10.2010.

³ Compreendo violências a partir de Sousa (2002, p.83) *como sendo todo e qualquer processo que produz a desorganização emocional do sujeito, a partir de situações em que este é submetido ao domínio e controle de um outro, ou seja, as violências se caracterizam por relações de domínio em que alguém é tratado como objeto.*

⁴ Trajetividade será usada nesse texto para expressar que o conteúdo de tudo que me constitui tem raízes culturais, afetivas, históricas, sensíveis, relacionais.

discursos, nas variadas circunstâncias de convivência, eu pude observar que as manifestações corporais estão presentes para dizer das relações humanas. Observações que produziram inquietudes enquanto estudante da graduação e, posteriormente, tornaram-se tema de estudo, inaugurando o ensaio de meus primeiros passos, como pesquisadora.

Minha primeira experiência⁵ profissional como psicóloga foi junto ao Programa Sentinela⁶ da Prefeitura Municipal de Florianópolis, no qual permaneci por quase um ano. Mergulhada neste ambiente borbulhante de questões para investigar e pensar formas de intervenção, novas ansiedades foram articuladas às relações dali, associadas, novamente, com categorias como gênero, raça, classe social, violências, escolaridade, afetividade, entre outras. As diversas violências configuradas em cada situação de atendimento eram cortadas por relações de poder, cultural e historicamente construídas por homens, sobre as meninas-mulheres. Naquela época as estatísticas já apontavam que a maior parte das *vítimas* eram meninas e assinalavam que os homens eram os principais autores das violências. Lembro do meu desconforto relacionado ao Programa, que não previa atendimento aos violentadores, ou seja, focava suas concepções “somente” nas vítimas. No entanto, tenho conhecimento que o Programa é destinado à política pública para a infância.

Outro dado relevante dessa experiência refere-se à forte lembrança da minha inconformidade frente ao caso de um adolescente de quinze anos, “atendido” pelo Programa desde os oito anos de idade, com histórico de abuso sexual, abandono e rejeição familiar. As intervenções só eram possíveis porque ele escolhia receber o atendimento e aparecia no espaço do Programa quando desejava ou precisava, sempre inesperadamente.

Este menino já tinha uma breve vivência de habitar as ruas e sua subsistência vinha da prática da mendicância. Não possuía endereço fixo, era usuário habitual de substâncias psicoativas, com histórico de

⁵ Conforme LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Disponível em:

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf - 2002.

⁶ Assim denominado na época, foi implementado no ano de 2000, com objetivo de garantir, com prioridade, o atendimento, o resgate e proteção dos direitos das crianças e adolescentes vítimas de violências domésticas, em especial de exploração e abuso sexual. O Programa foi idealizado pelo Governo Federal e operacionalizado pelas Prefeituras com fiscalização e monitoramento do Estado. Em 2008, sofreu mudanças, passando a ser denominado CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social). Poucos municípios permanecem como Programa Sentinela.

evasão de diversas instituições batizadas como sócio-educativas. Conservo ainda hoje o desejo de saber o que ocorreu na sua trajetória de vida, por onde seu corpo transita e se ainda transita. Esse adolescente desestabilizava por completo meus saberes ao desvelar minha imaturidade profissional para poder olhá-lo com outros olhos, diferentes dos já viciados no convívio com os colegas de trabalho. Precisava enxergá-lo como sujeito, mas eu estava imersa num cenário que pouco postulava um viver feito também de esperanças.

Ainda nessa época realizava visitas domiciliares nas residências dos familiares atendidos pelo Programa e algumas destas se encontravam em situações precárias para abrigar as pessoas, carentes também de alimentação, roupas, de acesso à saúde, ao trabalho, ao lazer. Inevitável não se importar com aquelas condições, o que provocava sonos perturbadores, instigados pelas realidades do *outro* mergulhado na luta pela sobrevivência. Tais situações ecoavam na minha singularidade ao identificar o conforto material em que vivo, os direitos que acessava como cidadã e que eram negados a outro humano como eu. Que sociedade é essa, que possibilita oportunidades dessemelhantes? Instalava-se um sentimento de impotência diante de tantas demandas não supridas e geradas pelas brutais desigualdades que marcam a sociedade capitalista.

Em estado interno de buscas contínuas, em paralelo ao trabalho no Programa Sentinela ingressei como pesquisadora do Núcleo Vida e Cuidado: Estudos e Pesquisas Sobre Violências (NUVIC), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/ UFSC). Este Núcleo tem como eixo de reflexão a temática das violências. Nesse espaço foi possível tricotar interlocuções entre violências e gênero, educação, sexualidades, entre outras questões que se agregaram à minha formação. No contexto dos estudos que ali realizávamos nasceu a publicação de um artigo⁷, escrito em parceria com uma colega, sobre a *experiência* como Psicólogas no Programa Sentinela. Desde ali queria entender de maneira mais ampla o significado desse termo, oportunidade que surgiu quando estudamos alguns textos de Larrosa (2002, 2006), que compreende a *experiência* como:

⁷ LIMA, Claudia A. e MAY, Viviani A. *Ensaio sobre o atendimento psicológico às crianças e adolescentes vítimas de violências no Programa Sentinela de Florianópolis*. In: SOUSA, Ana Maria B.; VIEIRA, Alexandre e LIMA, Patrícia de M. **Ética e gestão do cuidado: a infância em contextos de violências**. Florianópolis: CED/UFSC/ Núcleo Vida e Cuidado, 2006.

a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, o que requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que ocorrem: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2006, p. 73).

É essa compreensão de *experiência* que vai perpassar meus escritos para imprimir ao texto os significados do campo empírico. Passados alguns anos, outras diferentes atividades foram vividas como psicóloga, dentro e fora de Florianópolis. Em 2007 decidi morar e trabalhar em São Paulo, onde tive a oportunidade de novas aprendizagens, alguns desafios. Em 2009 retornei a cidade de Florianópolis e escolhi atuar nas áreas que mais me seduzem dentro da Psicologia: social e educacional. Nesse mesmo ano, com a procura de inserção no mercado de trabalho investi na continuidade de minha formação e participei do processo seletivo para ingresso no Mestrado em Educação da UFSC. Na metade desse processo fui convidada a substituir uma colega numa Associação sem fins lucrativos, que tem como objetivo acolher pessoas com trajetórias de viver nas ruas e prestar-lhes, entre outras ações, atendimento psicológico.

No encontro com aquela população acessei vivências que contribuíram para deslocar a minha proposta inicial de pesquisa e meu olhar se dirigiu para outras inquietações decorrentes da *experiência* como psicóloga. Decidi fazer meu trabalho de campo ali, na **Associação Vida Nueva** (AVN), instituição a qual estive vinculada por quase dois anos para complementar o atendimento aos “moradores” (habituais e temporários) vindos de diferentes lugares. Esta Associação se revela como um espaço singular por se diferenciar de outras instituições destinadas a acolher pessoas que se encontram em contextos de vulnerabilidade social, muitas delas já conhecidas no decorrer da minha trajetividade profissional. Na AVN os habitantes são cuidados em suas necessidades primárias, respeitados nas suas diferenças pelos gestores da casa e ali experimentam viver com dignidade compartilhando com

outros o cotidiano da convivência coletiva. O campo da pesquisa será etnograficamente descrito mais adiante.

Assim, seduzida por esta *experiência*, corporifiquei-a na concretude da minha pesquisa do mestrado. Nesse movimento, algumas questões se anunciam, afinal, que corpos são esses? Como se (re)criam? Que olhares esses homens têm sobre o processo de constituição de si e da sua corporeidade? O que revelam suas narrativas? Como experimentam seus corpos em espaços públicos e privados? Que heranças culturais guardam da experiência da rua e como elas aparecem na corporeidade desses sujeitos? Quais as ressonâncias da proposta da Associação Vida Nueva frente a outras possibilidades de vida para eles? Num cenário de obscuridades, com adereços trôpegos e expectativas ancoradas nas questões acima, anuncio o problema-desafio desta pesquisa: **como a experiência nômade atravessa a constituição da corporeidade de sujeitos com trajetórias de viver nas ruas?**

Esse problema-desafio provocou a emergência do objetivo da pesquisa. Qual a finalidade do conhecimento que me proponho? Como a escritura dessa dissertação pode somar nas reflexões já elaboradas por outros autores? De que maneira os participantes podem usufruir deste trabalho que só foi possível com a argamassa que se dispuseram a oferecer para a construção das ideias? Mesmo atenta de que o conhecimento não tem um caráter utilitário e linear frente às realidade, apreensiva quanto à eficácia do mesmo e sem saber se ele cumpriria o que eu esperava, assim o elaborei:

Objetivo – Analisar, através das narrativas, os significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa à experiência de viver nas ruas e como estes participam na constituição da sua corporeidade.

Questões que nortearam as peripécias da pesquisa

- Conhecer a história de vida (possível) de dois⁸ sujeitos com trajetórias de viver nas ruas.

⁸ A seleção de apenas dois sujeitos se deve: ao curto tempo de duração do mestrado; à transitoriedade que marca a vida desta população, ora aqui, ora acolá; às dificuldades para acessar fontes documentais nas instituições de abordagem. A escolha por estes dois sujeitos está relacionada: ao tempo em que vivem/viveram nas ruas; às violências experimentadas nos trechos; aos múltiplos significados que eles atribuem a vida nas ruas, o que fui observando nos primeiros contatos. Outras narrativas se farão presentes como sujeitos complementares nesta pesquisa, por comporem a temática, porém sem identificação.

- Situar os diferentes adornos que compõem a corporeidade nômade, de homens com trajetórias de viver nas ruas;
- Buscar em fontes documentais, indicadores sociais relacionados à população em situação de rua;
- Abordar alguns aspectos relativos à acolhida realizada pela Associação Vida Nueva.
- Sistematizar as narrativas coletadas no decorrer das cenas-diálogos com estes sujeitos.

Rumos metodológicos de percursos...

*Caminhante, são tuas pegadas
O caminho e nada mais
O caminho e nada mais;
Caminhante, não existe caminho,
Se faz o caminho ao andar.*

(MACHADO *apud* MEIHY & HOLANDA, 2007, p.120)

O caminho percorrido para essa pesquisa é único e por sua natureza, incerto desde as preliminares ensaiadas. Por ele me arrisco na pretensão de desvelar questões formuladas e seguir as buscas, passo a passo, no itinerário das possíveis pegadas. Ciente dos encontros e desencontros que marcaram o trajeto, minhas andanças foram tocadas por acolhidas, recusas, por dúvidas, escolhas confusas e esclarecidas, por mudanças necessárias nos estilos desenhados no movimento mesmo do caminho, ao percorrer o *trecho*. Talvez as pessoas caminhantes e responsáveis pelas pegadas venham a abandonar a previsibilidade, ao perceber que o caminho não existe *a priori*, que ele se faz como acontecimento sinuoso porque tem apenas pistas de onde se lançar.

O ato de pesquisar uma experiência na qual estive imersa e com a qual me sinto familiarizada, me assenta no espaço de desafios ainda maiores, pois acena para anunciar e denunciar práticas que ora reconheço, com aquelas que interrogo, ou que por vezes reproduzo nas ocasiões em que atuo como profissional da instituição. Esse exercício constitui-se pela necessidade de um *‘olhar estrangeiro’* – *capaz de exercitar o estranhamento, a perplexidade e a descoberta diante do próprio saber-fazer* (Meyer e Soares, 2005, p. 39). Anuncio então minha cautela para trilhar esse “fio de navalha” como pesquisadora e

profissional, no/do mesmo espaço, seduzida pela curiosidade de aprender outras formas de ‘saber-fazer’.

Nessa aventura me deparei com o momento em que me senti inundada pelas exigências da formação no mestrado, pelas requisições dos sujeitos e do lugar. Sentia meu corpo embebido do cotidiano, emaranhado nos problemas que fragilizavam a sedução para escrita. Solicitei afastamento como psicóloga da instituição, no último semestre da pesquisa, mantendo meu acesso ali apenas como pesquisadora. Ocasão relevante para estranhar e construir outros procedimentos corporificados pelas informações do campo. Os gestores da AVN, como de praxe, acolheram afetivamente meu pedido com a confiança que assinala a nossa relação. Os atendimentos com os moradores retornaram a responsabilidade da psicóloga anterior.

Larrosa (1998) ressalta que a possibilidade do encontro convida a deixar-se permear pelo *outro* e, ao mesmo tempo, diferenciar-se dele, dado que estar-junto nos remete a nós mesmos. Nessa inserção em campo precisei me deixar habitar pelo *outro*, reconhecê-lo no intenso mergulho de descoberta e procura do eu, do outro, de nós. Na *experiência* com ele repousava a escuridão do que ainda não conhecia, mas que desejava intensamente conhecer. Meus sentimentos estavam torpes entre pertencimento e estranhamento. O mesmo autor salienta, na continuidade desta reflexão, que:

[...] o sujeito da experiência é aquele que sabe enfrentar o outro enquanto outro e está disposto a perder pé e a deixar-se derrubar e arrastar por aquele que lhe sai ao encontro: o sujeito da experiência está disposto a transformar-se numa direção desconhecida (1998, p.85).

Misturada desde o princípio pela complexidade deste campo, identificava em mim um sentimento de impotência diante de todos os fios que precisava articular para viabilizar a pesquisa, e nessa dança compreender a legitimidade das escolhas que motivam estes homens a viver uma vida tão singular. Estar e ser neste espaço significou um modo temporário de entrar na circularidade dos processos cotidianos, como propõe Skliar (2003, p. 68), carregada de *um olhar que nos alcança, nos interroga, nos converte, nos desnuda, nos deixa sem nomes*. Como olhar o outro sem deixar de olhar para mim? Como dar concretude ao ato de reconhecer a legitimidade do outro? Como lidar com o desafio de ser uma mulher-pesquisadora entre homens? Esse fato

passa despercebido dos moradores, mediante as situações já vividas durante os atendimentos psicoterapêuticos?

Perguntas que nenhuma *experiência* assegura respostas últimas. Inquietudes necessárias que mediaram os diálogos e suas interfaces com a vida desses sujeitos, ora andarilhos e sem destinos fixos, ora viajantes com a expectativa de destino, ora *trecheiros* capazes de afetar “o mundo” dos habitantes estáveis, de desestabilizar suas certezas, como as minhas, rasgando brechas para que as dúvidas ocupem seu lugar de direito, acompanhadas pelas imprecisões e impotências geradas com o inesperado. E novamente querer saber: quem são esses sujeitos? O que configura a densidade de suas histórias de vida? Como resistem, escapam com fluidez ou sobressalto das crueldades que ornaram o mundo das ruas? Como assimilam ou recusam as tentativas convencionais de definições e classificações? Como se misturam aos encantos que porventura existem nas ruas e estradas? Como tecem seus laços afetivos de amor e amizade? O tempo de perguntar não termina, mesmo com a finalização do trabalho empírico, que é indispensável para bordar de argumentos as explicações aqui registradas.

Com a intencionalidade de estabelecer uma relação circular na pesquisa, a escolha metodológica pela abordagem etnográfica ocorreu em função da relação com o campo, onde estavam a familiaridade e o cuidado elaborados em consonância com os pleitos inerentes ao trabalho acadêmico. A coleta de dados reuniu documentos da Associação Vida Nueva, informações dos gestores, fichas de atendimentos psicológicos, diário de campo, assim como, a transcrição das entrevistas individuais com os sujeitos. E ainda, alguns relatórios do Programa Abordagem de Rua, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, indicadores coletados em páginas da internet de instituições oficiais, dentre outras organizações.

Por uma etnografia nômade...

Guiada por esse olhar inquieto, a presente pesquisa procurou construir uma descrição etnográfica em constante diálogo com a dinâmica do campo, com as vozes e as significações produzidas pelos sujeitos participantes. Para tanto precisei me distanciar das antecipações acerca do tema de pesquisa e imergir nas realidades observadas para sistematizar minhas percepções. Nessa direção, considero que a pesquisadora chegou ao campo com perguntas que foram modificadas ao longo do contato com os sujeitos pesquisados, o que gerou outras interlocuções em curso (FONSECA, 2000).

Inspirada em Geertz (1989, p.15) estou ciente de que fazer etnografia exige estabelecer relações, conviver com o campo da pesquisa, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, construir um diário de informações, entre outras tarefas. Praticar etnografia implica, portanto, preparar uma descrição densa do observado para tracejar as significações apresentadas pelos sujeitos, através de suas narrativas. Para o autor, o trabalho etnográfico é similar ao ato de tentar ler um manuscrito estranho. Assim é necessário realizar entrevistas com os informantes, observar seus rituais, compreender os termos de parentescos e escrever narrativas com argumentos que expliquem as interpretações de quem faz a pesquisa. Essa empreitada não escapou dos limites, correlatos ao tempo de duração do mestrado e a escassez de fontes documentais, das insuficiências da pesquisadora. Acredito que fiz uma etnografia nômade como tudo que diz respeito ao tema dessa dissertação.

Ancorada nestas inspirações para ordenar os procedimentos de pesquisa, fui tocada pelo minucioso estudo etnográfico de Snow e Anderson (1998), que refletem sobre a contextura que rege a *subcultura da vida de rua*, termo utilizado pelos autores para explicar o *conjunto padronizado de comportamentos, rotinas e orientações que são respostas adaptativas à própria situação de desabrigo e às condições associadas da vida de rua* (p. 130). Os autores destacam as rotinas diárias, suas variações, as estratégias e lutas pela sobrevivência material, social e psicológica de moradores de ruas do Texas, com metodologia detalhada para observação e descrição do fenômeno. Apesar de narrarem aspectos de uma realidade social diferenciada, este estudo serviu de referência metodológica para meu texto pela riqueza etnográfica que ele traz.

O uso do diário de campo foi uma ferramenta significativa, como forma de exercitar a escrita com espontaneidade, descrever as situações do dia com um olhar investigador, mas sem filtros teóricos; a ele procurei agregar o maior número de detalhes possíveis, por ser um documento privado, como propõe Fonseca (2000). Ele se tornou a principal fonte de registro-desabafo, de uso pessoal da pesquisadora. Nesse diário pude expressar as angústias que acompanharam a lida pesquisante, assinalar as dúvidas e perturbações, problematizar as observações, pontuar o que afetava cada dia de atividade, lutando para não me manter vinculada à obrigatoriedade de dar respostas.

A abordagem etnográfica requer atenção especial com relação ao uso das diferentes formas de linguagens utilizadas pelos grupos, dado que geralmente elas não se deixam captar com facilidade durante as

entrevistas-conversas. Fonseca (1998a) refere-se, por exemplo, aos modos como uma família se comporta a mesa para o jantar; às configurações para organizar os móveis da casa; às conversas estabelecidas com a vizinhança; às principais brincadeiras das crianças. Em outras palavras ressalta os feitiços das linguagens, os quais extrapolam o nível semântico. Relevante é atentar para os traços destas linguagens, matizados em cores, aparências, movimentos e contornos que circunscrevem o espaço físico e a relação que o grupo estabelece com elas. Isso possibilita que o (a) pesquisador (a) [...] *ao cruzar dados, comparar tipos de discursos, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, construa a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita* (FONSECA, 1998a, p. 64).

Essa dissertação se autoneia como um Estudo de Caso de abordagem etnográfica, pela especificidade do campo empírico, e porque não aceita qualquer tentativa de generalização, para permitir a flexibilidade na delimitação do roteiro. Para Lüdke e André (1986), essa escolha remete a estudos que envolvem alguns participantes como protagonistas, em um local distinto e com interesses próprios. A um campo único e particular que tenha nas práticas educativas o centro de suas atividades. O Estudo de Caso tem como característica fundamental pesquisar uma unidade contextualizada, mas com o cuidado para não isolar o caso em si, isto é, para estabelecer interlocuções que possam estar inseridas dentro de um todo.

Podemos considerar o Estudo de Caso como uma modalidade de pesquisa cujo foco está dirigido a uma unidade, em torno da qual vamos construir a análise. Caracteriza-se como um estudo que contempla instituições como um programa bem definido, com atividades educativas para grupos, para uma pessoa ou uma unidade social. É uma opção de pesquisa que se assume compreender as situações no lugar, ressaltando o que há de mais relevante nelas. Elege a descrição como recurso preferencial, mas sem pretensões de prescrever, intervir nos acontecimentos observados. Busca tão somente partilhar um conhecimento como expressão da pesquisa (BECKER, 1994).

A intencionalidade social da pesquisa é legitimar as vozes dos sujeitos envolvidos, admirar outros artefatos, especificidades, outros contextos, sem exigir a totalização dos dados. Como diz Gatti (2002), pesquisar em educação *envolve a interação complexa de todos os fatores implicados na existência humana*. Esse campo de pesquisa abre-se para uma diversidade de questões relacionadas ao desenvolvimento

das pessoas e da sociedade, integrando e acolhendo também outras áreas de conhecimento.

A escolha pelos sujeitos de pesquisa priorizou aqueles que têm a rua como experiência de moradia, por um tempo significativo⁹. A delimitação desses sujeitos precisou ser flexível e imprevisível, pois a fugacidade com que escapam deixava em suspenso a previsibilidade antecipada, sendo inevitáveis as substituições ao longo do processo. À medida que anunciava os possíveis sujeitos participantes, ninguém na AVN conseguia garantir sua ‘disponibilidade’ nas próximas horas, semanas e meses, tampouco no momento da coleta de dados em campo. Operar pela lógica da provisoriedade nesta pesquisa exigiu um exercício de “leveza” constante, para aprender a lidar com a impermanência e a instabilidade que marcam a estética singular dessas vidas. Exercício este que assumo como indigesto em vários momentos, especialmente quando eu insistia em fixar os sujeitos da pesquisa. Angústia, apreensão, sentimentos de impotência diante de sujeitos voláteis era uma constante, juntamente com a pergunta que perseguia insistentemente, ofuscando minha fluidez: quem serão meus sujeitos de pesquisa? O fulano, não está mais; o sicrano foi embora; e quando era surpreendida alegremente pela chegada de algum que pudesse vir-a-ser, não durava muito essa emoção e novamente repetia-se a despedida da AVN. Que difícil lidar com a ambiguidade do processo sem perder o encanto e livrando-se do desconforto provocado pelos (in)esperados sujeitos. As narrativas dos dois sujeitos foram coletadas entre os meses de setembro a dezembro de 2010 e janeiro de 2011.

Com as observações da rotatividade no espaço da AVN, encontrei como possibilidade agregar pessoas com trajetórias de viver nas ruas e que estão em outros lugares, como abrigos e casas de passagem, albergues. Para o encontro com esses sujeitos fui buscar referências no serviço social da Prefeitura Municipal de Florianópolis e de municípios adjacentes, tendo em vista também que poucos moradores da AVN viveram um tempo significativo nas ruas. Durante uma visita que fiz ao Programa Abordagem de Rua de Florianópolis, soube que um dos sujeitos que passou pela AVN estava acolhido em outro lugar deste município.

O movimento de pesquisa, como afirma Meyer (2005) é um processo interessado, pois parte de alguma questão de relevância para

⁹ O tempo estimado como critério de seleção era estar nas ruas por mais de cinco anos, mesmo sabendo que os sujeitos não fizeram do tempo de viver nas ruas só uma passagem por acontecimentos específicos, mas que permaneceram lá como seu habitat de vida.

aquele que decide pesquisar. Parte de questões subjetivas que ganham dimensão de investigação, questionamentos que mobilizam possibilidades de deflagrar situações a serem conhecidas.

Não esqueçamos, um livro é escrito por aquele que o lê. O que não deixa de exigir dele algum esforço. Talvez seja o momento de lembrar que escrever/ler é de ordem sacramental e, em consequência, necessita de um determinado estado de espírito. Em particular, num movimento duplo, de resistência e de submissão, resistência à evidência, submissão ao que é evidente (MAFFESOLI, 2001, p. 12).

É nessa trajetória que ensaiei a arte de tornar-me uma pesquisadora ‘viajante’, sem rotas certas, sem metas lineares, cambiante por alguns caminhos já percorridos por outrem, mas sem chegadas conclusivas e harmônicas. Uma pesquisadora andarilha, com trajetividade sinuosa, que mesmo agora continua a não querer se ocupar dos pontos de chegada. Mas, manter o foco nos encontros e desencontros que perpassaram minha experiência estética ao longo desse tempo. Como nos provoca a epígrafe inicial, o caminho dessa pesquisa não existe por inteiro e a pretensão de contornar todos os conteúdos dos trechos é frágil.

Mediada também pelas leituras, alguns autores tornaram-se parceiros essenciais, como Maffesoli, com quem estudei o conceito de nomadismo; Snow e Anderson, para entender a complexidade da vida nas ruas e as singularidades próprias dos habitantes destes lugares; Sousa, com os aportes sobre violências e cuidado; Louro, Frangella e Ferracini, para meus devaneios sobre corpo e corporeidade. Esses diálogos foram mesclados por reflexões extraídas da empiria, das interpretações criadas diante das paisagens, com equívocos e estranhezas, com sentimentos e imperfeições. Conversas difíceis no esforço de me apropriar de suas teorias, ainda que fragilmente, mas que também me benzeram com alegrias quando suas explicações cobriam as minhas insuficiências.

Lanço aos leitores interessados nesta temática, com humildade intelectual, mas com a beleza dos meus feitos, o convite-afeto para que aceitem conhecer as pegadas dessa caminhada. Minha dissertação está organizada em textos, com os títulos principais assim editados: *Um itinerário em aberto* - aborda o encontro com o tema de pesquisa, apresenta o campo com breve panorama da população de rua. *Ruas:*

lugares do imprevisível - apresento a poesia e os encantos das ruas tecidos pelas adversidades entre cuidados e violências. Por fim, *Piruetas do trecho* – privilegio as narrativas dos sujeitos da pesquisa como reflexão para as inquietações.

Para encerrar essa tarefa, após dois anos misturada nela, entrego minha dissertação sem esquecer que os questionamentos feitos nesta pesquisa ultrapassam as dimensões acadêmicas. Eles estão contidos numa epistemologia ética, regada pela estética do viver nas ruas. Um estilo de ser que ganha certa visibilidade nas sociedades contemporâneas e que evoca o nosso compromisso de olhar os lugares e os sujeitos desde eles.

UM ITINERÁRIO EM ABERTO

*Que possamos dançar sempre,
nos encontrar eternamente
nos abraçar a todo instante
mesmo que ausentes (fisicamente).
Assim, voltamos a ser criança.*

(Dio Rosa, 2010)

Escolher como título desta Dissertação - EXPERIÊNCIAS DANÇANTES: A CORPOREIDADE DE SUJEITOS NÔMADES - se constitui numa preferência deliberada, que desde o começo admite o nomadismo¹⁰ como uma dança feita de múltiplos deslocamentos, traçada por circunstâncias aleatórias e movimentos imprevisíveis. Deslocamentos que vão além da mudança de lugares e contextos, postulando que a transitoriedade engendrada nesta dança promove autotransformações e forja olhares hibridizados pelas experiências do percurso. Nesse sentido, a corporeidade dos sujeitos nômades baila na sinfonia do que acessa a sua alma mestiça, emaranhada pelos dizeres sobre si e outros que podem ser exteriores às suas percepções. Há um espírito nômade que habita todos/as nós, assim eu acredito. Sua natureza é inquieta, recorrente nas buscas que empreende, embora temerosa frente ao inesperado, criteriosa mediante as possibilidades do itinerário. Talvez, a diferença entre os que moram em habitações formais e aqueles/as que vivem-residem nas ruas sejam a trajetória, feita de opções, de determinações, de circunstâncias especiais.

Assumido como experiências dançantes, o tema dessa pesquisa não pretende qualificar se viver-residir nas ruas, nos trechos é dramático ou adequado aos sujeitos, homens, mulheres, crianças e jovens nascidos de nossos olhares que os tipifica como mendigos, sujos, fedorentos, perigosos, coitadinhos, abandonados, preguiçosos, malandros, drogados, cachaceiros, bandidos, impróprios sociais, entre outros. A compreensão que pauta essa escolha será conduzido pela descrição densa das observações em campo, para situar como relevantes todos os aportes que compõem o cenário, os adereços inusitados, as significações do movimento, as percepções oriundas dos deslocamentos, a

¹⁰ *O nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de 'pulsão migratória', incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade* (MAFFESOLI, 2001, p. 51).

hospitalidade¹¹ presente nos encontros, os laços temporários e duradouros de amizades, as sexualidades vivenciadas nas rupturas das formalidades. Como assinala Maffesoli (2001, p.77), a intenção da pesquisadora é *desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas, sem obrigatoriamente ter consciência desse desligamento*. O desejo é estar atenta às percepções que possam ser traduzidas em argumentos pertinentes, dispostos a “soltar as amarras”.

O percurso por mim escolhido é atravessado pelas constantes incertezas que pulsam no desejo de assertividades, algo essencial para me deslocar rumo aos diferentes lugares por onde transitei. Percurso é entendido nesta dissertação em sentido amplo, como termo que agrega o olhar simples experimentado em campo e algumas visões complexas do que os olhos acreditam ter visto, é também a chegada e a partida que iluminam e obscurecem os encontros com o outro; as intenções de controle na apreensão das informações, pensando confusamente ser possível “envidrar” as realidades pesquisadas; as circularidades, que fazem girar como espirais a roda da vida com os jogos de cumplicidades e seduções; o planejamento de atividades que baila entre respostas, outras indagações e as surpresas; os desenhos sonhados pela pesquisadora e que nem sempre continham as cores de seu desejo; devaneios, inquietudes, insônias, alegrias, estados de êxtases e desânimos; o bailado sinuoso que torna, de modo inacabado, um sujeito em pesquisa com tudo que lhe contém. No encontro com o *outro* constituí sentidos que me lançaram para novas circunstâncias.

O meu percurso foi perpassado pelas histórias narradas pelos sujeitos que se encontram nos trechos¹². Pelas histórias adentrei cada trecho percorrendo com eles o que me permitia observar a trama das oportunidades no encontro com este *outro*, desde aqui referenciado nos estudos de Skliar (2003) e Larrosa-Skliar (2001). Falo, portanto, de “um outro” *irredutível, misterioso, inominável, nem incluído nem excluído, que não é regido pela nossa autorização, nem pelo nosso respeito, nem por nossa tolerância, nem pelo nosso reconhecimento para ser aquilo que já é e/ou aquilo que está sendo e/ou aquilo que poderá ser* (SKLIAR, 2003, p.23). Um *outro* que só é visível nos processos de

¹¹ A hospitalidade aqui exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo o seu nome. (DERRIDA, 2003, p. 23)

¹² Termo utilizado entre a população de rua para designar lugares públicos onde transitam.

interação social, em relações de interdependência, em circunstâncias que nos habitam e fazem habitar nele o que está em nós. Um outro que existe por diferentes modos de estabelecer vínculos de convivialidade, justificados por razões endurecidas e suscetíveis às contestações, desde que se mantenha no cenário sem necessidade de ser apagado para que dele se possa dizer e escutar.

O encontro da pesquisa no *trecho*...

Perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando. Clarice
(Lispector, 1989, p. 119)

Ao me reconhecer no percurso, sentia que pulsava em meu corpo um efeito estranho, algo que indicava um estado emocional de “estar perdida”, muitas vezes sem saber *o que fazer* com o que ia *achando* nas atividades da pesquisa. Ansiosa, mas à procura do possível equilíbrio, progressivamente percorro as encruzilhadas que contornam o campo, acho caminhos, não enxergo outros tão à minha frente, me apavoro com o que observo e me engano ao não entender que também estou sendo observada. Encontrar com a pesquisa no *trecho* se faz como desafio recheado de persistências para não alimentar os desejos controversos de abandonar e concluir esse trabalho, paradoxalmente encharcado de prazer pelo que me faz aprender, pelos sentidos que amarram os laços temporários com os sujeitos participantes.

O encontro com esse *outro*, protagonista nesta aventura, aconteceu na Associação Vida Nueva¹³, uma instituição sem fins lucrativos que escolhi como campo preferencial da minha pesquisa. Esta instituição, organizada a partir de referenciais religiosos é coordenada por dois irmãos, os quais foram ordenados como Freis por identificação com os princípios franciscanos. A sede está localizada na Enseada do Brito, município de Palhoça/SC. O grupo de gestores responsável pela instituição é composto por cinco pessoas, todas de congregação religiosa católica, sendo três Freis e duas Freiras, ainda que essas últimas não acompanhem diretamente o funcionamento da casa, apenas contribuam com ações esporádicas.

Em 2007, o Núcleo Vida e Cuidado: Estudos e Pesquisas Sobre Violências – NUVIC -, unidade acadêmica do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a

¹³ A instituição autorizou a divulgação do nome legítimo.

convite dos Freis apresentou um projeto de extensão para ser realizado em parceria com a Associação Vida Nueva. Este projeto, de caráter multidisciplinar, agregou diferentes profissionais e estudantes da graduação e da pós-graduação em torno de práticas educativas e terapêuticas que pudessem contribuir com a “reinserção dos moradores de rua na dinâmica da vida social”, uma fala frequente pronunciada pelos dirigentes. Assim me integrei à equipe, como psicóloga responsável pelos atendimentos individuais dos “moradores da casa” e por atividades de grupo que pudessem somar com os objetivos do projeto.

O que a princípio seria apenas mais um trabalho profissional tomou proporções de encantos, desassossegos, inquietações, afetos, por toda complexidade e singularidade que envolve as histórias de vidas ali presentes. Os questionamentos começaram a fazer parte do meu cotidiano: o que tenho para oferecer a esse grupo? Como contribuir quando partilham suas dores, com intervenções feitas de cuidado? Suas histórias de vida, por vezes impactavam e faziam florescer o sentimento de troca de saberes na relação com esses sujeitos, oportunizando aprendizados outros para minha vida. Como poderia deslocar meus olhares para modos plurais de habitar a vida? Quais motivos me desassossegam frente a essas questões? E Clarice Lispector (1998, p.35) me dizia: *ouve-me. Ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e, sim, outra coisa. Capta a ‘outra coisa’ porque eu mesma não posso.*

Essas perguntas criam um itinerário em aberto para compor a pesquisa e me inspiram na aproximação com as idéias registradas no livro *os estabelecidos e os outsiders*, de Elias e Scotson (2000), para pensar os modos de *Ser* e *Habitar* das pessoas com trajetórias de viver nas ruas e o mundo da população situada na normatividade, a qual me encontro inserida, com moradia fixa, trabalho, legitimidade social. O que nos aproxima e o que nos distancia da população “de fora”, que está nas ruas e nas estradas, nos *trechos* lidando com estigmas que a considera com menor valor humano? A lógica dessa reflexão não quer se limitar ao binarismo de causas e efeitos, mas ancorar-se na complexidade para reconhecer a relação entre *estabelecidos e outsiders*, até mesmo no interior de cada um desses grupos. Nestas populações estão embutidas variadas armadilhas sociais, relações de poder, jogos de coerções, modos de resistências, estranhamentos que provocam olhar o que se tem de outsiders e de estabelecidos no outro, em mim e em nós.

Os autores acima referenciados ressaltam aspectos que estão presentes no interior dessas relações, em que: *os grupos estabelecidos vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado;*

os grupos outsiders, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam o estigma imposto em sua auto-imagem como um sinal de inferioridade humana (ELIAS E SCOTSON, 2000, p. 28). Estigma, exclusão, medo do contato e disposição para este, muitas vezes embotam os sentimentos e provocam tabus apropriados pelos outsiders, que não dispõem de condições para revidar as agressões do grupo estabelecido com os mesmos estereótipos desqualificadores que recebem, tais como “desordeiros” e “sujos”. Essa configuração remete para a situação sofrida pelas pessoas com trajetória de viver nas ruas. Como ela se estabelece na nossa sociedade na relação *entre* e *com* eles? O que institui os lugares ocupados por uns e por outros, na transitoriedade do estar-junto que ensejam essas relações?

Com os sujeitos, mas fora do trecho...

Em 2009 iniciei o trabalho na Associação Vida Nueva (AVN) como psicóloga, com a responsabilidade de fazer atendimentos semanais, individuais e em grupo, aos sujeitos que ali habitam. Foram quase dois anos de trabalho junto à instituição e mesmo sabendo das implicações coerentes com a transitoriedade dos sujeitos que vivem ali, após minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, para cursar o mestrado, fiz a escolha de torná-la campo para esta pesquisa. A vivência cotidiana naquele espaço me apresentou a dimensão do cuidado que compõe as relações ali. Cuidado, nesse texto, se inspira nas contribuições de Heidegger (1994), como um *fenômeno ontológico*, uma prática capaz de promover a cura existencial, e que se traduz pela disposição afetiva de se antecipar, com zelo, à presença do outro, de estar *junto-com* para criar experiências de bem-estar.

No entrelaçar com a prática do cuidado, Boff (1999, p. 33) auxilia a pensá-lo como *uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro*. Assim arrisco, preliminarmente, reconhecer a Associação Vida Nueva como um lugar de cuidado, comprometida com o acolhimento do outro para proporcionar-lhe bem estar e articular às dimensões plurais que compõem os processos de atenção social, suas demandas de saúde, de educação, atividades artísticas, religiosas, entre outras, que possam fortalecer o enredo da existência humana. O cuidado, como um *modo-de-ser* essencial que atravessa as relações pode ampliar a visibilidade das necessidades concretas que reclama o ser humano. Colocar o cuidado como pressuposto nessa reflexão faz habitar em mim outros

apreciáveis para vislumbrar o irrequieto questionamento em torno do estilo de ser nas ruas, para considerar, em termos de hipótese, que habitar *as* e *nas* ruas pode ser também uma escolha, num dado momento de vida. Refletir sobre a situação de andarilhos, sujeitos movidos pela transitoriedade, pelo constante movimento, sem planos, rotas, metas, e com a sabedoria estética de existir, significa considerar essa experiência como uma arte de viver, um modo ético, estético e também político de ser-estar.

A capacidade de acolhida na AVN destina-se a 21 acomodações para homens. A casa busca suprir necessidades básicas de moradia, alimentação, cuidados com a saúde, incentivo à educação e a aprendizagem de ofícios artesanais. Também procura motivá-los a participarem de atividades pedagógicas, do atendimento psicológico individual, do grupo terapêutico, das aulas de educação física e dos exercícios de pilates. Alguns evidenciam maior interesse na formação, sinalizam que esta pode abrir novas portas para recomeçar e então encaram com persistência realizar cursos, como os de panificação e informática. A proposição dessas atividades vislumbra assegurar mudanças nas escolhas dos sujeitos, aproximá-los do retorno ao mercado de trabalho e à vida social. Ainda de maneira convencional, a coordenação da Associação investe para que todos tenham acesso às condições primárias de existência e se dedica a cuidar para que esta forma de inclusão social seja guiada pelo sentido de restauração da dignidade.

Durante minha inserção profissional deslocava-me semanalmente para realizar os atendimentos terapêuticos com os homens moradores da AVN. Os cuidados para exercer essa atividade iniciavam desde a minha saída de casa, com as roupas discretas que selecionava para usar neste dia, como forma de manter uma postura ética ao adentrar esse universo, predominantemente masculino. No decorrer da pesquisa de campo fazia o trajeto de Florianópolis a Enseada de Brito de carro, via BR 101- sul e na grande maioria das vezes, sozinha¹⁴. Durante o percurso, um tanto tenso pelo grande movimento de automóveis e caminhões e em função das obras de duplicação ao longo da rodovia, o pensamento vai sintonizado com as cenas e os discursos da semana anterior, para agregar-se ao pré-planejamento do corrente dia. Com ele crio enredos possíveis de intervenção, para tornar meu trabalho interessante aos sujeitos em atendimento. Cada chegada ilustra o encontro com o inesperado e com tudo que nele está reservado:

¹⁴ Poucas vezes fui acompanhada de outra psicóloga que realiza grupos terapêuticos.

a contínua modificação do grupo, em função da entrada de novos moradores; das desistências e saídas de outros; as modificações na estrutura física da Associação; as ausências de alguns dos freis na casa, por motivos diversos (viagens, visitas externas, celebrações em comunidades vizinhas, estudos, entre outros). Ou seja, o contexto encontrado nunca era o mesmo.

São situações ricas de adereços que impõem uma dinâmica singular em cada dia, desdobrando-se em diferentes estéticas a configurar a moradia na casa. Ir ao encontro dos imprevistos e das transitoriedades emergentes neste lugar requer da pesquisadora abrir-se a outros olhares e práticas sobre o que é convencional na atenção clínica para com os sujeitos, um desafio que marcou constantemente meus aprendizados nesse processo. Como assinala Maffesoli (2007), são estéticas harmonizadas por uma ambiência transversal que contamina as situações, os fatos e os sentimentos do cotidiano. O que sugere que a vida é feita de jogo, de encenação, de astúcia, de ousadia e, principalmente, dos insignificantes acontecimentos de cada dia. Pesquisar é preciso, compreender a teia de relações que motiva a convivência na AVN também.

As pessoas chegam até a casa por encaminhamento de outras instituições, como Casa de Passagem, Projetos da Prefeitura de São José/SC, Instituto de Psiquiatria Colônia Santana, Hospitais, associações religiosas, entre outros espaços, assim como algumas vezes, os próprios sujeitos vão pessoalmente e solicitam abrigo. Um dos critérios da instituição para receber os homens, é que os mesmos tenham passado pelo processo de desintoxicação, sem ingestão de substâncias químicas recentes. Outra exigência feita aos moradores é a permanência de um ano na casa para receber o tratamento adequado, e quem sair antes desse prazo, fica impossibilitado de retornar a casa dentro do mesmo tempo.

Ao chegar à Associação Vida Nueva, o primeiro contato é com o portão eletrônico, branco, que ora se encontra fechado, ora aberto. É preciso acessar o interfone e me identificar para que autorizem a entrada. Quando o portão está aberto apenas sigo adiante com o carro, fazendo o percurso por uma pequena estrada de terra, estreita, de onde visualizo ao meu lado esquerdo, o açude com marrecos, gansos e peixes; pintinhos transitando pelo gramado na companhia de um pavão, divertindo-se com a cata de alimentos no campo; do lado direito há um terreno com uma vegetação mais abundante, de onde se retira o capim para alimentar outros animais. Seguindo poucos metros adiante, já aprecio o visual diferenciado da cidade, com ar mais puro, mata verde, aves, piscina, condizentes com a estadia em um sítio, o que ajuda a

dissipar a tensão provocada pelo agito da BR 101 sul. Progressivamente entro em estado de acalma.

Fig. 1



Fig. 2



Essa pequena estrada finaliza-se de frente para a casa, onde ficam os quartos dos moradores, na parte superior, e a cozinha com o refeitório, na parte inferior. Estaciono o carro com frequência do lado esquerdo, de frente com o pasto onde ficam os animais maiores, como vacas, bezerros e ovelhas. Já do lado direito, onde termina essa estrada da entrada, encontra-se uma moradora especial, um *ser falante*, engraçado, que cobra atenção e carinho dos Freis constantemente, que ilustra ainda mais esse lugar. Com sua beleza e tonalidade predominantemente azul, riscos amarelos, o *ser falante* reage com desconfiança quando não conhece quem chega às suas proximidades. Com quem já estabeleceu relações de afeto, transita pelo corpo desse outro tranquilamente, brincando e sendo acariciada. Falo da “nossa” querida CLARA, uma Arara que foi doada a AVN pelo IBAMA, com autorização para viver em cativeiro. Esse *ser falante* não passa despercebido neste lugar, pois encanta crianças, jovens, adultos, homens e mulheres que ali circulam, sendo muito ‘paparicada’ pelos moradores e visitantes. Recentemente a casa abrigou mais um novo *ser*, o falco, um cão da raça labrador.

Fig. 3



Fig 4



Nos fundos da casa dos moradores (fig. 5) acolhidos há uma horta, na qual se faz o plantio de verduras como alface, berinjela, temperos. Há um projeto organizado por um dos freis que tem formação em fitoterápicos, para, no futuro, ampliar o trabalho com a inserção de ervas medicinais.



Paralelo à horta, no sentido oposto, encontra-se outra casa (fig. 6). Na parte inferior há uma sala grande e atualmente desocupada, com alguns computadores inativos, local onde foi ministrado o curso de informática; têm também alguns livros

desarrumados, um banheiro e uma dispensa onde guardam materiais de higiene da casa. Este foi o local que realizei alguns atendimentos terapêuticos, por melhor respeitar a privacidade para desenvolver o trabalho, assim mesmo, sofria interrupções quando era preciso pegar material ali armazenado. Ainda na parte inferior fica a secretaria da Associação, onde arquivam e manipulam a documentação dos moradores e outras fontes administrativas da casa. Na parte superior desta estrutura encontra-se uma sala grande, com sofás, que são afastados para realização da prática de pilates, capoeira e grupos

terapêuticos. Seguindo um corredor, depois desse espaço, ficam os quartos dos freis, os responsáveis pela instituição.

O terreno de propriedade da Associação é amplo, com bastante área verde, espaço para pomar, outro para pastagem de animais como vacas, ovelhas, coelhos, galinhas, pássaros, uma gralha azul que também foi apreendida e doada pelo IBAMA. Os cuidados permanentes incluem os animais, o que pode evidenciar que as relações ali são entrelaçadas por afetos qualificados.

Penso que certas práticas cotidianas que os gestores estabelecem na AVN para com todas as formas de vida ali presentes indica que existe um movimento de atenção para reconhecer a legitimidade do outro. Atualmente está em construção a terceira estrutura física da AVN, embora a parte inferior desta já esteja em uso, como cozinha industrial e refeitório. Na parte superior contará com novos quartos para acolher outros moradores. Nesta nova casa (fig. 7) há também a intenção de privilegiar algumas salas para atividades terapêuticas: atenção em psicologia; Biodança; atendimento com auxílio de fitoterápicos; massoterapia, pilates, etc., com atenção integral à saúde dos sujeitos.

Os recursos financeiros para obras e manutenção são captados através de projetos encaminhados a diferentes instituições de fomento, nacionais e internacionais, laicas e religiosas, assim como, por meio do apoio de grupos, eventos organizados, tais como almoços, cafés coloniais, jantares dançantes, bingos. Há uma parceria com o Núcleo Vida e Cuidado: Estudos e Pesquisas Sobre Violências (NUVIC), unidade acadêmica vinculada ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, nos últimos anos, que apóia a elaboração de projetos e realiza atividades de grupo, com a participação de estudantes da graduação em Pedagogia.

Fig.7



Os atendimentos psicológicos eram realizados também individualmente para garantir a privacidade, com encontros que duravam entre trinta a sessenta minutos, conforme a demanda do sujeito, sem necessariamente se prender a rigidez do tempo. A chegada na AVN tinha início com certo ritual: cumprimentar os homens, conversar com um ou outro rapidamente; sentir intuitivamente o ambiente, verificar a presença de algum gestor para comunicar a continuidade dos atendimentos e saber se houve acontecimentos que precisam ser compartilhados; escolher, conforme a disponibilidade, o melhor local para o trabalho naquele dia. Havia sempre a intenção de chegar com sorrisos, alegria e bom humor para fazer ecoar, quando possível, uma atmosfera de descontração e leveza.

Essa escolha de atender em salas fechadas, com mesa e cadeiras, um de frente para o outro, ou em espaços abertos e distantes da região central da casa, como no pomar, no açude, em geral seguia a intuição e os acontecimentos da chegada, descritos acima. Conforme os sujeitos “previstos” para atendimento naquele dia, sensibilizo minha escuta para desconfortos apresentados por alguns deles. Quem não queria ser visto “falando com a psicóloga” considerava os encontros em espaços peculiares como “uma conversa”. Outros estranhavam o não fazer este atendimento dentro do padrão proposto pela psicologia clínica, em ambiente privativo. Para exemplificar, um dos homens atendido às vezes em lugar aberto, compartilhou com a outra psicóloga da casa que eu não o chamava para a terapia. Indicavam que “ser atendido” só poderia acontecer em sala fechada, conforme o uso tradicional da psicologia.

Esse fato deslocou meu olhar para os detalhes que tecem a relação dos atendimentos psicológicos com esses sujeitos, assim como, as marcas deixadas pela Psicologia Clínica nos processos terapêuticos,

em hospitais especializados e manicômios. Arriscar outros desenhos de práticas psicoterapêuticas provocava um deslocamento no modo de *estar-junto-com* e criava estranhamentos com aqueles já normatizados historicamente.

Outra questão que observei relevante para a fluidez dos atendimentos referia-se à situação climática. Em dias de sol, a maioria aderiu aos encontros para conversar e se mostravam mais disponíveis. Não era preciso chamá-los, como comumente ocorria, ao contrário, quem terminava seu atendimento já convidava um companheiro que cruzava pelo caminho para ir ao meu encontro. Em dias de frio e chuva, a adesão aos atendimentos sofria maior resistência. Muitos permaneciam nos quartos, local em que não ousava chamá-los, por reconhecer que este era o único espaço onde de fato poderiam resguardar sua intimidade. Não me sentia no direito de interromper o sono, descanso, quietude deles e sentia que não fazia parte de minhas atribuições. Algumas vezes, essa atitude era realizada pelos freis. Pensar na questão meteorológica para a efetividade dos atendimentos remetia a uma disponibilidade sensível para tricotar metodologias diferenciadas e problematizar se de fato o clima comprometia a disposição corporal no cotidiano, a minha, a deles, as nossas.

Estabelecer os vínculos, consolidar relações de confiança, construir gestos afetivos que promovessem bem estar no encontro, tudo isso se fez ao longo do tempo, em *com-vivência* com o lugar, com os freis, com os moradores, em dessemelhantes circunstâncias, tanto nos dias de trabalho quanto em outros eventos promovidos pela AVN, onde busquei estar presente sempre que possível. Arrisco numa metáfora artística para pensar o lugar da Associação como uma atmosfera de encontros entre muitas vidas, com experiências singulares que pertencem a um campo de diversidade de cores e sabores que aquarelam díspares configurações de como ser e estar no mundo.

Ao me deparar com acontecimentos nada rotineiros em algum lugar da AVN, por vezes eles causavam estranhamentos, outras vezes perplexidades. Alguns mobilizavam sentimentos confusos, outras despertavam encantamentos e mexiam com distintas emoções. É esse o cenário que enxergo na AVN. Nele há um cruzamento de fronteiras humanas, visíveis e invisíveis, que identificam novidades e continuidades. Nele, o estranho se manifesta a um só tempo como criação e repetição e a vida vai gerando paisagens admissíveis. São imagens caracterizadas pelo que destacam: alegria, força, esperança, solidariedade, (des)organização, sobressaltos; aspectos implicados numa sistemática de limites e possibilidades que pulsam nesse novo espaço de

convivência consigo e com outro. Em presença/ausência nesse contexto, aceito a provocação de Nietzsche para pensar que não há nada menos estético do que querer tornar todos iguais (2003).

Entredialogos: aproximações e distinções

Durante minha trajetória de quase dois anos como psicóloga da AVN, presenciei a transitoriedade de aproximadamente 40 homens pela casa, entre idas e vindas, alguns novos, outros remanescentes. Mesmo com discursos afirmativos de querer transmutar tal situação no decorrer do acompanhamento terapêutico, as circunstâncias os envolvem num processo cíclico e o retorno ao trecho, ao que me parece, torna-se inevitável. A pluralidade que envolve os motivos pelos quais eles “ganharam” as ruas e fizeram delas sua moradia, os diferenciam em uma gama de possibilidades para enfrentar as adversidades, as permanências, jeitos de ser-estar, ou seja, postula desafios que possam forjar estratégias de sobrevivência nos deslocamentos, na adaptabilidade, assim como em sua relação com os modos de resistência, de rejeição às oportunidades proporcionadas para sair das ruas. Talvez tenhamos que perguntar quais os dispositivos que motivaram essa população a compartilhar espaços comuns nas ruas? E o que a mantém ali, muitas vezes alheia às ofertas para deixar as ruas?

Ao indagar por esses fatores me experimentava instigada a prospectar a reflexão em torno de questões históricas, políticas, econômicas, mas fundamentalmente afetivo-culturais que atravessa essa realidade social. Um estudo etnográfico de referência sobre o povo da rua, realizado por Snow e Anderson (1998, p. 29), na década de 80 na cidade de Austin, no Texas - EUA destaca aspectos que explicam as demandas dessa população que se movimenta por uma realidade geográfica, cultural, social distinta, porém, com traços semelhantes aos sujeitos que trilham as ruas no Brasil.

O panorama sobre desabrigo marca seu início na Idade Média, com forte tendência de se idealizar a pobreza utilizando as crenças manifestas por São Francisco, onde “os mendigos eram santo, e os santos deveriam viver como mendigos”, somados à influência religiosa que prega a caridade para com os mais destituídos. Numa amostragem com 168 pessoas com quem tiveram algum tipo de contato durante a pesquisa, os autores mostraram que o perfil majoritário do morador de rua desse país é do sexo masculino, com menos de quarenta anos de idade e solteiro, ou sem vínculos familiares (1998, p. 64).

Os estudos que Frangella (2009, p. 76) realizou no Brasil com sujeitos em situação de moradia nas ruas da cidade de São Paulo, revelaram que até meados da década de 70 a figura mais presente e nomeada como morador de rua estava camuflada num personagem, o mendigo, sujeito tido como errante, vadio, pedinte, marginalizado. Na década de 80 esse contexto começa a ser modificado e intensifica-se, nos anos 90, com evidências na mídia, o aumento da população que vive nas ruas, muitos como migrantes a procura de trabalho em São Paulo. Isso torna relevante a questão social, econômica e política que adorna o cotidiano dessas pessoas e forja o nascimento das primeiras políticas públicas de atenção a essa população. Questionário aplicado na década de 90 obteve perfil semelhante com o encontrado na pesquisa dos EUA, mostrando que no Brasil, a população de rua majoritariamente é do sexo masculino, apartado do convívio familiar¹⁵, com idade entre 20 e 40 anos.

Na busca por indicadores quantitativos sobre população que vive nas ruas encontrei informações interessantes em sites¹⁶: *os moradores de rua não fazem parte dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), justamente por causa da ausência de domicílio. Dessa forma, foi criada pela FIPE uma metodologia específica para quantificar essa população e sua distribuição pela cidade, possibilitando a obtenção de dados com margem de erro controlada.* Essas informações causaram estranhamento ao perceber o lugar marginal e invisível que ocupa esta população. Os dados encontrados foram da cidade de São Paulo e coletados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – (FIPE), que divulgou informações complementares ao Censo 2009: em São Paulo, 13.666 pessoas se encontram em situação de moradia nas ruas. Os números não deixam de ter seu lugar nos estudos para compreensão dos fenômenos, entretanto, como nos diz Snow e Anderson (1998), embora o contexto econômico e cultural dos EUA não seja similar ao do Brasil, não é impossível encontrar aspectos análogos quando se fala desta população.

(...) a questão não é se há meio milhão, ou três milhões de moradores de rua, mas sim que há uma quantidade apreciável de moradores de rua num país com um alto padrão de vida e no qual o lar e a família são quase direitos alienáveis, e num

¹⁵ Sem vínculos familiares, mesmo sabendo os moradores de rua possuem alguém, em algum lugar.

¹⁶ www.google.com.br, www.ibge.gov.br e www.fipe.org.br

mundo em que multidões de pessoas de rua são caracteristicamente associadas com cidades de Terceiro Mundo (SNOW e ANDERSON, 1998, p. 372).

A questão não se limita a quantidade de moradores nas ruas, à medida que se põe como um problema social que atinge também países ditos de Primeiro Mundo, onde as justificativas reveladas buscam distanciar-se daquelas que historicamente desencadeiam as práticas de exclusão que promovem esse fenômeno nos países nomeados como Terceiro Mundo. Nestes, saltam aos olhos a desigualdade social, as diferentes formas de miserabilidade, a falta de oportunidades de trabalho, a precariedade nos processos educativos, entre outros, que não fazem parte do cotidiano dos países ricos. Contudo, não podemos deixar de considerar as diferenças entre ser um morador de rua no primeiro e/ou terceiro mundos, nem tampouco que é melhor aqui ou acolá. Chamo a atenção para a complexidade que demanda essa questão social encontrada em vários países.

A pesquisadora Sílvia Maria Schor, uma das responsáveis pela coleta de indicadores acima (IBGE e FIPE), aponta também para a predominância masculina na população que habita as ruas, com idade média de 40 anos, pessoas sozinhas e com diferentes problemas de saúde. Além disso, a porcentagem de negros é mais alta do que na população moradora no município. São categorias relevantes para discutir: predominância masculina, faixa etária, questão étnico-racial – que atravessam também os sujeitos da minha pesquisa e serão abordadas ao longo do texto.

Para ilustrar¹⁷:

Pessoas utilizando a rua como moradia

Conforme o relatório do primeiro Encontro Nacional Sobre População em Situação de Rua, organizado e realizado em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome por meio da Secretaria Nacional de Assistência Social, a caracterização da população em situação de rua ficou definida como: grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que tem em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelido a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente. Pode-se afirmar que o

¹⁷ Extraído de: <http://www.brasilecola.com/brasil/populacao-situacao-rua.htm> - Por Wagner de Cerqueira e Francisco – Graduado em Geografia - Equipe Brasil Escola - Em 22/09/2010.

surgimento da população em situação de rua é um dos reflexos da exclusão social, que a cada dia atinge e prejudica uma quantidade maior de pessoas que não se enquadram no atual modelo econômico, o qual exige do trabalhador uma qualificação profissional, embora esta seja inacessível à maioria da população. É inegável que a cada ano mais indivíduos utilizam as ruas como moradia, fato desencadeado em decorrência de vários fatores: ausência de vínculos familiares, desemprego, violência, perda da autoestima, alcoolismo, uso de drogas, doença mental, entre outros fatores.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome realizou entre os anos de 2007 e 2008 uma pesquisa em 71 cidades brasileiras com população superior a 300 mil habitantes, abrangendo as capitais (exceto São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). Segundo esta pesquisa, cujos dados foram divulgados em 2008, há 31.922 indivíduos que utilizam as ruas como moradia, no entanto, esses números são bem maiores, pois cidades importantes não se incluíram na pesquisa.

Os municípios brasileiros que possuem mais moradores em situação de rua são: Rio de Janeiro (4.585), Salvador (3.289), Curitiba (2.776), Brasília (1.734), Fortaleza (1.701), São José dos Campos (1.633), Campinas (1.027), Santos (713), Nova Iguaçu (649), Juiz de Fora (607) e Goiânia (563). Entre a população em referência predominam as pessoas do sexo masculino (82%), com idade entre 25 e 44 anos (53%) e que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental (63,5%). Em relação à cor, 39,1% são pardos, 27,9% negros, 29,5% brancos, 1,3% indígenas, 1% amarelo oriental e 1,2% de cor não identificada. A ineficácia dessas políticas públicas fez com que, historicamente, se destacasse o trabalho das Organizações Não Governamentais (ONGs) e das Instituições Religiosas. No geral, essas instituições atuam na distribuição de alimentos, roupas e cobertores. Outro trabalho de assistência são os abrigos temporários e os albergues que, de um modo geral, são considerados insuficientes para beneficiar toda essa população. Tais políticas, cujo objetivo é amparar as pessoas que delas necessitam, são insuficientes e geralmente não atacam a causa do problema, apenas tentam suprir as necessidades básicas de sobrevivência, como também não estão baseadas em um efetivo conhecimento acerca das demandas que norteiam esse contingente populacional. Portanto, esse desinteresse do Estado pelas pessoas que se encontram na referida situação influencia diretamente no comportamento da sociedade, sendo que os moradores de rua são tratados, ora com compaixão, ora com repressão, preconceito, indiferença e violência.

A seguir, apresento informações de relatórios que tive acesso durante visitas de campo no Programa Abordagem de Rua¹⁸, da Prefeitura Municipal de Florianópolis. As porcentagens ilustram os

¹⁸ Programa da Rede Municipal de Florianópolis, responsável pela abordagem e assistência da população em situação de rua.

atendimentos realizados no período de Janeiro à Julho de 2010, quanto à predominância do sexo masculino, com idades entre 20 e 40 anos, com registros de reincidências e também a procedência dos moradores de rua.

Categorias	Jan/ 2010	Fev/ 2010	Mar/ 2010	Abr/ 2010	Mai/ 2010	Jun/ 2010	Jul/ 2010
Sexo Masculino	82%	87%	91%	87%	87%	79%	89%
Faixa-etária (21-40)	62%	73%	66%	65%	47%	66%	58%
Reincidentes	65%	58%	67%	49%	63%	61%	56%
Procedência ¹⁹ (Florianópolis)	32%	38%	27%	30%	35%	43%	23%
Procedência (Outras cidades e estados ²⁰)	68%	62%	72%	69%	62%	53%	77%

Não pretendo com estes subsídios acima fazer generalizações, mas ilustrar pequenas amostras de categorias em comum que atravessam a população de rua, neste caso, do município de Florianópolis. O destaque do sexo masculino, com faixa-etária disponível para o mercado de trabalho, agregando a população em condições de estar economicamente ativa, rende olhares diferenciados na relação com esses sujeitos. Vale ressaltar, que não foi incluída na porcentagem desta categoria a faixa etária que agrega os sujeitos entre 18 e 20 anos, o que resultaria num número ainda maior de pessoas.

Nesta abordagem onde problematizo o contexto que enreda a vida desta população de rua, constituída majoritariamente por adultos, resalto que é frágil o movimento coletivo que se mostra sensível às demandas de promoção, atendimento e acolhida. A discriminação com essa parcela da população de adultos é bem maior do que com as crianças, com adolescentes e idosos, deixando-os vulneráveis aos adjetivos de vagabundos, preguiçosos, vadios, entre outros. Manifestam, com isso, os meios de culpá-los a partir de estereótipos que fundamentam as justificativas para isolá-los como únicos responsáveis pelo lugar marginal que ocupam na sociedade. A elevada sensibilidade comunitária para com as crianças, os adolescentes e os idosos que moram nas ruas é facultada pela maleabilidade para compor uma relação de mando e obediência, acobertada muitas vezes pelo discurso da caridade, pelo ideal de compaixão que paira no imaginário coletivo.

¹⁹ Alguns meses constam porcentagens mínimas de moradores de rua provenientes de outros países que não foram inseridas neste quadro.

²⁰ Principalmente do Estado do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo

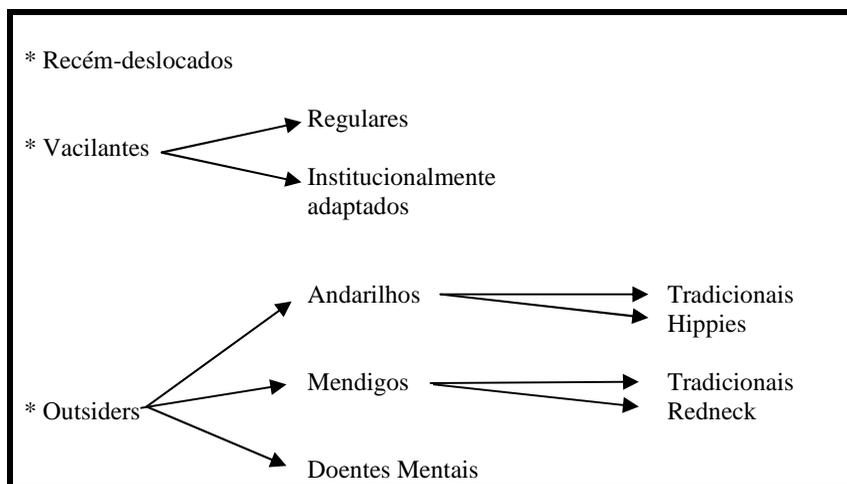
Com adultos não, passa a ser apenas uma escolha individual, a fim de permanecerem na *vadiagem*.

Outra questão relevante desta amostragem remete as situações de reincidências e deslocamentos, com um número maior de pessoas oriundas de outras localidades. O alto índice de atendimentos realizados com sujeitos reincidentes e com transitoriedade migratórias me convida a pensar: o que *essa rua tem*? E para esse diálogo, aceno a Maffesoli (2001, p.92) que me responde: *a rua lembra abertura. A rua, onde se desempenha a teatralidade social, predispõe a possível aventura, evoca a efervescência e uma vitalidade que nada parece poder frear*. E com sua feição em movimento faz com esses sujeitos se desloquem constantemente, então, ora estão aqui e ora podem estar em qualquer outro lugar.

A teia de informações nos diferentes estudos²¹ destaca contextos e políticas que chamam a atenção para conhecer outras realidades que assinalam o viver dos sujeitos em situação de moradia nas ruas, com sua heterogeneidade. É frequente que se reporte a essa população com tipificações homogêneas, insistindo em unificá-los com atributos comuns para todos os integrantes. Entretanto, ao me aproximar de informações empíricas e/ou bibliográficas, fica notória a diversidade que configura o universo das pessoas que estão morando nas ruas. Elas são agrupadas e diferenciadas pelo seu estilo de vida, pelos modos de sobrevivência, as idades, os interesses, a temporalidade de rua, o estilo de vestir-se, a mobilidade, entre outros aspectos mais singulares. Nas entrelinhas dessas categorias também é possível filtrar certa hierarquização, com vulnerabilidade para compor os conflitos entre eles no cenário das ruas.

Vejamos a disposição descrita na pesquisa de Snow e Anderson (1998 p. 87-120), como recurso para ilustrar a complexa heterogeneidade que integra as relações entre os sujeitos que compõem a população de rua.

²¹ BROGNOLI, Felipe (1996); FRANGELLA, Simone (2009); MAGNI, Claudia (1994); SNOW, David e ANDERSON, Leon (1998);



- ✓ **Recém-deslocados:** indivíduos que estão recentes e pela primeira vez nas ruas, com forte desejo de sair delas. Eles buscam de modo mais reiterado encontrar emprego, o que os motiva a repudiar a identidade social de *peçoas de rua* e a considerar desconcertante sua situação atual. Foram considerados nesta classificação 19% da amostragem de um total de 168 moradores que participaram da pesquisa.
- ✓ **Vacilantes:** encontram-se nesta categoria os indivíduos que foram mal sucedidos nas tentativas de sair das ruas, oriundos do grupo dos recém-deslocados. Os autores os denominaram de vacilantes com base na noção de *liminaridade*, do antropólogo Victor Turner. Os sujeitos que se encontram em estado de liminaridade vivem a ambigüidade de status que ocupam num momento crítico de mudanças em sua vida, com um pé no mundo domiciliado do passado e outro plantado na vida da rua. Entre estes há:
 - *Vacilantes regulares:* indivíduos em situação ambígua, na passagem de status descrita anteriormente. Fizerem parte dessa categoria 33% da amostragem pesquisada.
 - *Vacilantes institucionalmente adaptado:* indivíduos que suspendem temporariamente a passagem de um *status* para outro, instalando-se em instituições de contenção, tais como prisões e asilos, enquadrados

numa situação liminar institucionalmente estruturada. Nessa categoria não foi revelada a porcentagem, dito apenas ter sido constituída de pequena quantidade.

- ✓ **Outsiders:** indivíduos para quem a vida de rua se tornou um dado quase inquestionável, então, raramente falam em sair desse lugar. Para eles, o passado e o futuro se diluíram no presente. Termo também utilizado com significado similar na configuração de grupos estabelecidos e outsiders, onde o primeiro vê seu poder superior e o segundo *vivencia afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana* (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 28). A subdivisão desta categoria pode ser vista como:
 - *Andarilhos:* são migratórios, com um raio de deslocamento maior do que os demais moradores de rua; possuem forte senso de independência e autocontrole; o uso de álcool é central como suporte ao cotidiano; parecem ter se resignado à vida nas ruas, com uma tendência a se desfazer do nome de batismo, em favor de nomes de rua. Entre eles estão os,
 - *andarilhos tradicionais:* herdeiros dos antigos andarilhos, emprestam deles o ciclo de trabalho, a ingestão de bebidas (as bebedeiras tendem a ser mais programadas) e a migração. Sinalizam forte impulso de viajar, mas se vêem como “irmãos de estrada”. São moradores de rua há mais tempo, os mais velhos. Nove dos vinte e cinco andarilhos foram classificados nesta categoria.
 - *andarilhos hippies:* herdeiros da contracultura da década de 60, se identificam com os valores dos heróis do rock daquele tempo. Se envolvem com artes e artesanatos, usam e vendem drogas. Apresentam como tendência perambular juntos pelas ruas, quase de modo comunitário. Quinze dos andarilhos se encaixam nessa categoria.
 - *Mendigos:* pessoas desamparadas, que dependem do auxílio de outros para garantir a subsistência mínima. Entre eles destaca-se:

- *mendigos tradicionais*: esses indivíduos são aqueles que mais se aproximam da imagem tradicional do alcoólatra da zona marginal. Em geral pouco se deslocam, com forte dependência de álcool; raramente realizam trabalhos remunerados. Sobrevivem de mendicância, resignados a esse estilo de vida, ou seja, vivem apenas no presente. Foi classificado nesta categoria 18% da amostragem.
 - *mendigos redneck*: assemelham-se aos mendigos tradicionais quanto a imobilidade e o uso pesado de álcool, mas se diferenciam na subsistência que é baseada principalmente na combinação de venda de plasma²², comércio e esmolas. Tendem a andar juntos, em semelhança com andarilhos hippies, mas preferem músicas country. São menos sociáveis e costumam ser *briguentos*. Apenas cinco moradores foram classificados nesta categoria.
- ✓ **Doentes mentais**²³: indivíduos que dão alguma indicação de estarem severamente prejudicados do ponto de vista psiquiátrico, no contexto de vida de rua. Três critérios foram usados: internação anterior, designação como doente mental por outros indivíduos moradores de rua e conduta tão bizarra que possa ser interpretada como sintomática de doença mental, pela maioria dos observadores. São os indivíduos que mais catam lixo e sua rotina não inclui muito uso nem de álcool, nem de drogas. Eles foram os mais reclusos e socialmente isolados. Os chamados usuários de substâncias psicoativas e os que exibem provas de depressão não foram incluídos nesta categoria.

²² Este grupo vendia plasma - Componente líquido retirado do sangue para suprir bancos de coletas de clínicas e hospitais.

²³ Os autores esclarecem ter consciência da ambiguidade e das discussões associadas a esta terminologia e ainda que seja errônea e exagerada, justificam sua escolha em manter o conceito porque é usado nas ruas e porque é um traço que perpassa a imagem pública e disseminada pela mídia dos moradores de rua.

Dentro da amostragem da pesquisa, foram classificados dezessete moradores de rua como doentes mentais.

Essa categorização entre os moradores de rua foi explicitada durante momentos de conversas com um dos sujeitos, aquele que vou chamar de Val, no decorrer da minha pesquisa. Denominava assim que existe o *morador de rua cidadão* e o *morador de rua marginal*. Sua fala deixava claro que se auto incluía no primeiro tipo, atribuindo a si ser uma pessoa que não provoca riscos para a sociedade. *Um homem do bem*, sem envolvimento com a criminalidade e a polícia. Já o segundo grupo seria composto por vagabundos, com sinônimo dado por ele mesmo. Conforme suas palavras:

a polícia conhece vagabundo e separa de cidadão, só no jeito de andar já diferencia; o cidadão tá acompanhado de uma flauta, de uma gaita....

Em outras conversas, a narrativa vinha acompanhada de critérios que demarcam essa classificação e seu lugar nesse contexto, como por exemplo, nesse fragmento:

Quando a gente queria almoçar já tinha lugar certo pra conseguir. Isso o morador de rua cidadão.

Outras pesquisas foram encontradas a partir do filtro “moradores de rua”, no banco de dados da CAPES, com reflexões pertinentes a essa temática e contribuíram com a minha dissertação. São eles: Lidia Valesca B. P. Rodrigues (2005) - “Vida nas ruas: corpos em percursos no cotidiano da cidade”; Christian P. Kasper (2006) - “Habitar a rua”; Marisa do E. S. Borin (2003) - “desigualdades e rupturas sociais na metrópole: os moradores de rua em São Paulo”; Simone M. Frangella (2004) - “Corpos errantes: uma etnografia sobre corporalidade dos moradores de rua de São Paulo”; Walter Varanda (2009) - “Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua”. Outros trabalhos²⁴ foram

²⁴ Alvarez, Aparecida Magali de Souza. *A resiliência e o morar na rua: estudo com os moradores na cidade de São Paulo*. 1999. Frangella, Simone Miziara. *Corpos urbanos: uma etnografia da corporeidade de moradores de rua em São Paulo*. 2004; Bursztyn, Marcel. *No meio da rua: nômades excluídos e viradores*, 1998. Lima, Patrícia de Moraes. *A Ciranda da rua um estudo sobre a organização de meninos e meninas que vivem nas ruas em Florianópolis*. Universidade Federal de Santa Catarina, PEED (Dissertação)1997. Magni, Claudia Turra. *Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. UFRGS, 1994 Emilio, Karina Silvia. *Memória e Identidade: moradores de rua de Campinas*

realizados com população com trajetória de viver na rua e privilegiaram focos diferenciados de estudos, como o perfil da população que reside nas ruas das grandes metrópoles brasileiras, suas formas de organização em grupos, as estratégias de sobrevivência, e também a discussão de políticas públicas.

Na sua maioria, os sujeitos são pesquisados em seu habitar na rua. Os trabalhos encontrados estão pautados no presente de suas vidas, no momento em que ainda se encontram nos espaços públicos, diferentemente da pesquisa a qual me proponho para compreender como as experiências nômades atravessam suas corporeidades.

Estes diferentes estudos sobre população de rua permitiram, nesta pesquisa, encontrar analogias e distinções para dialogar. Nas analogias destaco: a predominância de população masculina, solteiros, faixa etária similar entre 20 e 40 anos de idade; perda dos vínculos familiares; precário tempo de escolaridade; trajetória marcada pelo uso de substâncias psicoativas; heterogeneidade dos sujeitos, com etnicidade predominante de negros. Com relação às distinções encontradas nas pesquisas realizadas em diferentes lugares é possível apontar: disponibilidade diferenciada de acesso às políticas públicas; as motivações que levaram à situação de desabrigo²⁵ em diferentes contextos sociais, com destaque para o econômico e o cultural.

Arrisco-me a afirmar que o interesse da média burguesia nas atividades realizadas pela Associação Vida Nueva para captar recursos, não é gratuito. Além da cultura da caridade que embasa certas ações, os voluntários contribuem para a assepsia social que retira das vistas públicas os inadequados sociais e assim, imbuídos de um espírito tradicional de inclusão social, ainda que nas bordas, esforça-se para “tirar os homens da rua”, recuperar a saúde, escolarizá-los por meio de cursos supletivos, ensinar algum ofício para que retornem ao mercado periférico de trabalho. Não estão ocupados em constituir com eles uma experiência que os faça reconhecerem-se seus “semelhantes”, portanto, com direitos humanos.

Parte dessa cartografia social nas ruas são as instituições de acolhimento e de serviços voltados a essa população. Como relaciona

com transtorno mental.2003 Brognoli, Felipe. *Trecheiros e Pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos*, 1996. Boaretto, Roberta Crsitina. *Velhos a margem na margem das ruas*. Giorgetti, Camila. *Moradores de rua: uma questão social*. Ribeiro, Rosângela. *Representações Sociais de Adolescentes do Programa Rio Criança Cidadã sobre adolescentes e trabalho infantil*.

²⁵ Desabrigo, conforme Snow e Anderson (1998, p. 23), pode ser tipificado como um estilo de vida caracterizado sobretudo pela ausência de moradia convencional permanente.

Frangella (2009), estas ocupam lugar de recurso e oportunidades no deslocamento do habitante de rua; minimizam seus sofrimentos imediatos, atendem suas necessidades primárias, tornam-se mediadores de conflitos entre eles, entre a opinião pública. Podemos pensar no circuito dessas redes institucionais e os moradores de rua com circularidade, pois de alguma forma produz sua clientela e também é produzido por ela. O morador de rua acata as condições das instituições de atendimento quando identifica conveniente e a rede, imersa nesse circuito, acolhe os sujeitos como oferta de sua demanda de trabalho. Assim temos a AVN como parte desse circuito das instituições de atendimento aos moradores de rua.

Acredito que o diferencial dessa pesquisa está assinalado pelo fato dos sujeitos, no momento em que partilham suas experiências, não estarem morando nas ruas, mas institucionalizados. O lugar que suas falas ocupam diz de seus corpos, de seus olhares, gestos, pensamentos, para expressar seus ensaios de percepção. Outros lugares, onde as preocupações estão circunscritas a ordem da sobrevivência, como garantir alimentação, higiene pessoal, roupas, saúde, segurança, aprendizagens religiosas, que possam suscitar novos fundamentos para o presente de suas vidas. Então, que endereçamentos constituem a corporeidade destes sujeitos quando imersos em ambientes “seguros e protegidos”? O que pedem seus corpos, quando institucionalizados? O que diz estar “fora da rua”? Sigo no desafio de trilhar com eles trechos des-conhecidos, aqueles que são para além das ruas.

Trechos de diálogos epistemológicos...

*Abandonar a densidade do corpo seria abandonar
a carne do mundo, perder o sabor das coisas [...].*

*O homem está enraizado em seu corpo para o
melhor e para o pior*

(LE BRETON, 2003, p.221).

A escolha por pesquisar a corporeidade de sujeitos nômades me provoca a pensar nesses corpos como transitórios, com suas próprias moradas, seu Corpo-Casa. O corpo guarda informações do longo processo evolutivo, com ele ocorre interação com o meio e com as pessoas, através dele a fragilidade humana se apresenta. As diferentes manifestações subjetivas se expressam pela *corporeidade*, entendida aqui e com auxílio de Boff (1999, p.194), como um conceito que exprime a totalidade humana enquanto um ser vivo, parte da criação e

da natureza. Diferente de *corporalidade*, termo da antropologia dualista que interpreta o ser humano como a união de duas partes distintas, o corpo e a alma.

Articular a noção de corpo e corporeidade nos estudos que envolvem a vida desta população com trajetórias de viver nas ruas e entrelaçá-la com a educação, significa reconhecer a implicabilidade dos sentimentos que marcam a presença do Ser no mundo. Le Breton (2006, p. 11), assume que *o corpo é uma espécie de escrita viva, no qual as forças imprimem 'vibrações', ressonâncias e cavam 'caminhos'. O sentido nele se desdobra e nele se perde como num labirinto onde o próprio corpo traça os caminhos*. A Corporeidade é tão agudamente relevante para as práticas educativas (embora nem sempre seja assim reconhecida), para a vida humana e para o futuro humano neste planeta ameaçado, que urge alargar nossa visão para incluir necessidades ainda não suficientemente despertadas, mas que seguramente se manifestarão mais e mais no ritmo da deteriorização da qualidade de vida. Porque, *qualidade de vida*, mesmo no seu sentido mais espiritual, sempre significa, *Qualidade da Corporeidade Vivenciada* (ASSMANN, 1995, p.72-73).

O corpo pode ser intuído como legitimação, como *espaçotempo* do Ser aqui, encharcado pela mundaneidade viva que lhe acentua diferentes nuances, necessárias para compor a corporeidade e os jeitos como esta se traduz na dinâmica entre o visível e o obscuro da subjetividade humana. A corporeidade está imbricada a própria existência de cada indivíduo, integra suas vivências, sua história, sua cultura, os traços de suas arquiteturas internas habitadas inclusive pelas sombras do viver comunitário. Nesse sentido, corporeidade e educação se manifestam como um encontro para celebrar a vida! É o que Maffesoli (1996, p. 134) nomeia como *epifanização* do corpo. Uma experiência que oferece, sobretudo, um aspecto comunicacional. O corpo, nas suas interações sociais é capaz de despertar a comunicação entre os sujeitos, à medida que a corporeidade onde se aloja é gerativa de múltiplos diálogos. Para Maffesoli (1996), *é, portanto, o horizonte de comunicação que serve de pano de fundo à exacerbação da aparência* (p. 134).

Para alguns moradores da Associação Vida Nueva, o espaço da rua atrai e encanta por esta liberdade, legitimidade de mover-se na provisoriamente, na qual suas vidas passam por diferentes experimentos de cores, sabores, texturas, borrões, arranjos, formas. Pensar na rua como espaço de criar e criar-se, como início de uma liberdade de recusar o que já se é. Criar, conforme Nietzsche referencia com *Zarathustra*,

significa ir ao seu próprio encontro, mas também destruir-se, isto é, livrar-se do que nos prende a nós mesmos. E é nessa direção que os processos formativos para esses sujeitos tornam-se uma ponte e uma transição que os (re) criem suas novas existências. Essa ação criativa de existir, de visibilidade nos espaços da rua, *é aniquilada pela insistente “vontade de verdade” do homem moderno*, presente também nos espaços educativos (Loponte, 1979, p.74). Como a rua, por vezes para esses sujeitos, torna-se mais sedutora que o próprio espaço da associação e/ou outro que se legitime como educativo? Segue a narrativa de um dos moradores sobre estar acolhido atualmente:

*[...] O que me trouxe pra cá foi uma coisa chamada **velhice**... Se não fosse isso, estava por aí... Na rua a gente consegue tudo, roupa, comida, cigarro, abrigo, banho... Só precisa mudar sempre de lugar, senão não ganha mais nada, fica conhecido [...]* (homem, 46 anos, com histórico de viver na rua há mais de 15 anos)²⁶.

Estar habitado nem sempre é uma escolha vinculada ao desejo de viver, como quase sempre pensamos. A noção de casa como lugar de moradia, com todos os objetos que a definem como tal, paradoxalmente pode não ser um cenário de atração para muitas destas pessoas, dado que a rua, com suas obscuridades e temores, com suas perversões e solidariedades guarda também um lugar para a inventividade cotidiana. Nada na rua está dado a priori, nada na rua se decifra por inteiro. O mágico, o habitual, o efêmero, o permanente, o risco, a possibilidade, o criar, o reproduzir, o viver e o morrer, tudo, e mais, compõem a singularidade da rua, do estar-ser nas ruas. Não é possível dizer que o melhor é morar num lar, ter um quarto para guardar as coisas e uma cama para dormir, outras pessoas com quem dividir o todo dia para reconhecer-se como sujeito, com família e endereço fixo. O melhor é sempre do ponto de vista de quem afirma, do lugar do qual se fala.

Nessa direção, trago para refletir sobre a *errância* o sociólogo Maffesoli (2001), que se refere a esse termo para indicar um modo de mover-se que não é exclusividade de alguns, mas um estilo que se pratica no cotidiano. Desse ponto de vista o autor revela que a *errância* é a expressão *de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e*

²⁶ Este sujeito seria uma possibilidade de participação da pesquisa, porém ficou apenas 20 dias na Associação e pediu para ir embora.

de seus relacionamentos (p. 29). A *errância* como uma possível mobilidade social principia migrações, deslocamentos, provoca uma certa aventura desejada que atravessa os sujeitos, individual e coletivamente. Errância pode ainda ser entendida como:

uma mudança de tom, da aspiração a um “outro lugar” que não chega para satisfazer as questões habituais, ou as respostas convencionais a que estamos habituados. É o novo espírito do tempo, esse ambiente imperceptível que pode nos incitar a ver na errância, ou no nomadismo, um valor social a muitos títulos exemplar (MAFFESOLI, 2001, p. 28).

Na circulação dos passos nômades há os andarilhos com os matizes de suas performances, a anunciar que nada neste mundo pode ter uma só versão. E para nos ajudar a refletir esse modo de habitar a vida, Maffesoli (2001) propõem uma compreensão para esse personagem que, de modo diferente inscreve percepções no imaginário coletivo: o *andarilho*:

ele violenta, por sua própria situação, a ordem estabelecida e lembra o valor da ação de pôr-se a caminho. Assim, não basta analisá-lo, a partir de categorias psicológicas, como um indivíduo agitado ou desequilibrado, mas certamente como a expressão de uma constante antropológica: a da pulsão do pioneiro, que está sempre à frente na procura do Eldorado²⁷ (2001, p. 42).

Com um olhar situado em outros referenciais, Matta (2000, p. 55) aponta que a rua é um lugar ocupado por categorias sociais excluídas e aborda a diferença antropológica dos espaços entre a casa e a rua. Para nossa sociedade a casa é vista como uma espécie de santuário, lugar de habitação e mais espaço onde as coisas do mundo lá fora não atingem. O autor mostra que estas nuances aparecem em algumas expressões que são comumente utilizadas, tais como “vá para o olho da rua”, ou mesmo “rua da amargura” para contrastar a casa como um lugar de abrigo e a rua como um lugar de amargura e solidão. Essa é uma

²⁷ “Entendendo-se que o Eldorado, aqui, como o outro para os alquimistas medievais, não significa a posse de uma busca sem fim, a procura de si no quadro de um a comunidade humana, na qual os valores espirituais são a consequência da aventura coletiva. O que faz com que a fronteira seja sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” (MAFFESOLI, 2001, p. 42).

visão paradoxal que contrasta com algumas narrativas da minha pesquisa. O autor discorre, a meu ver, sobre o imaginário coletivo da rua.

Não preciso acentuar que é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral-ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família. Do mesmo modo, a rua é local de individuação, de luta e de malandragem. (MATA, 2000, p. 55)

O fato de ter as ruas como condição de morada, segundo as observações de Snow e Anderson (1998), reflete um mundo social que não é criado ou escolhido pela grande maioria dos moradores de rua, pelo menos não inicialmente, mas para a qual a maioria foi empurrada por circunstâncias que estavam além do seu controle. Nessas circunstâncias, as pessoas em toda parte, assim como essa população específica, precisam dormir, comer, vestir, eliminar, viver dentro de suas possibilidades concretas e *construir um senso de significados e amor-próprio* (SNOW e ANDRSON, 1998, p. 77). Contudo, o modo como os moradores de rua compartilham suas vidas nesses espaços não é uniforme, sofre dimensões variáveis de subsistências, trabalho, mobilidade, abrigos, uso de drogas; vivenciam uma temporalidade com aceitação e negação, entre outros enredos dessa trama. Diante de tamanha vulnerabilidade, é possível mensurar as violências que atravessam a experiência de viver nas ruas?

As violências que envolvem a população de rua denunciam não apenas a sua invisibilidade, mas a não consideração como sujeitos de direitos. Desvelam as referências desqualificadoras que são atravessadas por mitos populares, que apregoam preconceitos tais como: sujos, vagabundos, submissos, coitados, sem valor. Menosprezam suas existências deixando-os vulneráveis às distintas formas de agressão. Violências que se traduzem (...) *em práticas sutis que alcançam uma extensão sem medidas exatas, de segregação e criminalização de sua condição socioeconômica e cultural* (SOUSA, et al, 2010, p.47). Violências que atravessam toda a corporeidade do sujeito e ecoam em extensões abrangentes de sua corporeidade.

Brognoli (1996, p.14), com seu olhar etnográfico aponta que os sujeitos dessa trama de vida nos espaços da rua são capazes de ir ao encontro de suas necessidades das formas mais singulares possíveis e dar continuidade aos seus estilos de vida. A diversidade de

possibilidades com as quais encaminham suas demandas diárias, cruzam fronteiras de códigos hegemônicos, desestabilizam elementos normalizadores da vida humana, fazem pulsar suas histórias de resistências e abrir os conflitos com a própria (des)ordem social. Esses corpos, embora sofram constantes investimentos por parte das práticas heteronormativas, no sentido de demarcação e fixação dos desejos e performances consideradas adequadas, tendem a escapar, a transgredir e por isso constituem diferentes olhares, atitudes, formas de ver a vida, de significar a si mesmo.

Nesse panorama pode-se perguntar quais são os olhares que circulam pelas ruas, atravessam os corpos, dizem deles e com eles? Olhares que agregam valores ao conjunto de significados que o corpo apresenta em todo o seu movimento de ser em presença. Corpos que manifestam experiências implícitas e/ou explícitas em torno da interpretação da vida que escolhem, e processualmente, desvela modos de ser em relação. Corpos esses que passam pelas ruas, dançam entre lugares, deslizam entre as fronteiras, expressam existências, afetam e são afetados pelas presenças e/ou ausências e borram cenários com sua passagem. Assim, vale a provocação de Rosa (2010, p. 51) para quem *um corpo que olha, olha-se e é olhado; faz-se pelo que olha; organiza-se no contato com outros corpos.*

Louro (2001) assume o corpo como um processo de construção permanente e contínuo, marcado ao longo da existência de cada sujeito singularmente, articulado pelos discursos que circulam na sociedade. A autora propõe compreender como pedagogias voltadas à produção dos corpos. Pedagogias essas que de alguma forma direcionam para normas regulatórias dos corpos, com pretensão de torná-los estáveis e definidos. *Os corpos são nomeados e discriminados conforme se ajustem, ou não, aos ditames e às normas de sua cultura. Portanto, os corpos são feitos, inventados, também, por tudo que — de fora — se diz ao sujeito, sobre o sujeito, para o sujeito* (2001, p. 15). Ainda que os sujeitos não estejam de forma passiva nos processos pedagógicos, e por vezes, resistam, escapem e reajam, tudo isso produz efeitos sobre seus corpos e podem fragilizar a sua legítima expressividade. São corpos plurais: corpos de passagens, às margens, corpos que resistem, corpos livres e sujeitados?

Inspirada nas reflexões de Frangella (2009) me aventuro a pensar os corpos como ato que materializa as diferenças, expressa seus lugares articulados à geografia urbana que os acolhe e os repele, não como suporte passivo nos quais se inscrevem os significados culturais. Corpo como lócus de produção e enunciação dessa experiência de morar

nas ruas. Privados de qualquer outro suporte material e simbólico em suas andanças, mas de posse apenas de seus corpos, os andarilhos e transeuntes de ruas se projetam nas contínuas intervenções e manifestações de violência²⁸ que atualizam cotidianamente as tentativas de exclusão desse segmento. É também através do corpo, sobretudo, que surgem as possibilidades de resistência do morador de rua aos enquadramentos sociais, culturais, políticos, geográficos.

De que corpo se fala? Um corpo dançarino, como nos diz Keil e Tiburi (2004, p. 143)? O corpo como um lugar de acontecimento, onde ganha vida enquanto a morte se materializa, onde todas essas experiências de habitar a rua atravessam a carne e marcam as impressões sensíveis dos gestos de manifestar-se em si e no outro, encharcados pelo que é vivido na intensidade dos dias. É possível saber o que pode o corpo? Em Zaratustra, Nietzsche põe em evidência a potência do corpo:

Quero dizer a minha palavra aos desprezadores do corpo. Não devem, a meu ver, mudar o que aprenderam ou ensinaram, mas, apenas, dizer adeus ao corpo – e destarte, emudecer. “Eu sou corpo e alma” – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como criança? Mas o homem já desperto, o sabedor diz: “Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo”. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas de “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão. “Eu” – dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz eu (NIETZSCHE, 1986, p.31).

A dinâmica da rua, como nos diz Frangella (2009, p. 35), implica numa peculiaridade: o deslocamento nômade. Essa vinculação ao nomadismo, a população de rua busca incessantemente recursos para sobrevivência, proteção às represálias, lugares para sossegar, circular com variadas condições no segmento social. A intensa circulação

²⁸ O termo violência é utilizado no singular pela referida autora, entretanto para a pesquisa será empregado no plural.

permeia as práticas do morador de rua, sua mobilidade nos agrupamentos, seu desapego material pela impossibilidade de acumular e transportar objetos, tendo como companhia inseparável - seu corpo.

Pela estrada e no descompromisso, há como que um perfume do deserto (Maffesoli, 2001 p.180). Nomadizar a passagem pela vida potencializa desprender-se de exigências materiais e abandonar algumas expectativas cotidianas ao encontro de uma ética do deserto, lugar em que arqueja a pureza e a suavidade do ar, onde a prioridade é a aberta experiência de Ser, com privilégio de usufruir partes singelas com o grandioso sentido da solidariedade. Ainda com o recurso dessa ética do deserto, tendo o espaço pleno de infinitudes, a embriaguez com a renúncia se faz presente. Absurdamente livre o homem da rua, andarilho e aprendiz, circula por diferentes trechos sem apegar-se a um ponto de partida ou almejar um lugar de chegada que seja definitivo, como é comum ao homem da casa. Circular não é apenas um verbo para quem está nas ruas, é condição de sua vida, coerente com a configuração que o nomeia como “morador de rua”.

Assumir que o tema de pesquisa não está fora de mim implica desnudar-me de características que ainda, equivocadamente, insisto em camuflar, mas que ao longo desse percurso venho progressivamente desvelando para mim mesma, com uma atitude de aceitação ainda em suspenso. Pensar em toda complexidade que envolve a vida das pessoas em situação de moradia nas ruas requer um olhar que inclua os contornos de suas resistências, o cotidiano, suas peculiaridades de viver com pouco e/ou nenhum recurso, de estar à margem de uma sociedade consumista com preocupações tangenciadas no presente emergencial. E ainda, com perspectivas em um futuro inexistente, porém não menos confiante na vida, o que me instiga a considerar que há neles um desejo quase visceral em fazer outras escolhas existenciais, diminuindo exigências e preocupações. O futuro que insisto em querer prever, não existe para quem está nas ruas.

Com enorme aperto no peito, mas com vontade de fazer pausas para tantas expectativas me sentia incumbida de aprender com a trajetória dos sujeitos da pesquisa e assim, quem sabe, aguçar a coragem que venho ensaiando para cair no trecho mundano como possibilidade de sair da minha “casca”, de desabrochar minha existência no florescer de um novo tempo para Ser na dança da vida que desejo plena de liberdade, em condições de escolher, sem estar condicionada a aprovação de outrem. Não para viver do mesmo jeito que aqueles que estão nas ruas como habitantes itinerantes delas, mas para experimentar

os sentidos de circular, de conhecer lugares que não estejam demarcados a priori.

A vida parece ser feita de muitas estradas. Que ferramentas levar para Ser-Viver nelas? Quais escolhas se fazem necessárias para alcançar o que buscam, se é que buscam algo? A pesquisa apontou que as idas e vindas são feitas de momentos que atravessam o modo de viver destes homens nômades. Nesse trecho que me levou a campo encontrei com homens andarilhos, trecheiros, moradores habituais de algumas ruas, nômades, e com eles conheci o desafio da provisoriidade. Como mulher, profissional e mais recentemente como pesquisadora de um contexto itinerante aprendi a olhar o trajeto a ser percorrido, sem ocupar-me com a inesperada chegada. A chegada pode ser o que indica a continuidade do percurso e nos lança para novas partidas.

Assim percorri os lugares onde tive que desnudar-me de minhas prontas convicções para tocar meus sentidos, costurar saberes, borrar minhas certezas, aquarelar minha existência e (re) criar a arte de vive na complexidade humana. No decorrer da pesquisa aprendi que estar na rua é também uma arte que requer outra forma de habitar o mundo. Exige um comportamento outro, aguçar a observação dos espaços, mirar a praça com seus detalhes, percorrer as silhuetas e sentir as surpresas que emergem a cada instante. A rua pede quietude para compreendê-la e alcançar o que acontece em seus subterrâneos, descobrir quem passa por ela a deriva ou com intencionalidades. A rua provoca conversas e escrituras que dividem opiniões que podem prender as atenções ou dispensá-las.

O convite agora é para continuar nossa travessia, por trilhas à serem descobertas no percurso, pois como aponta Louro (2004, p. 18), *não há lugar aonde se chegar. Não há destino pré-fixado. O importante é o movimento e as transformações que se dão ao longo do caminho.* Na continuidade aprofundo os aportes teóricos que conduzem o navegar dessa dissertação, em diálogos com informações trazidas do campo da pesquisa para alargar a minha reflexão, mesmo sabendo que ela será insuficiente e provisória na relação com o tema em estudo.

RUAS: LUGARES DO IMPREVISÍVEL

Uma das minhas preocupações constantes é a de compreender como é que outra gente existe, como é que existem almas que não sejam a minha, consciências estranhas à minha consciência que, por ser consciência, me parece ser a única.

Compreendo bem que o homem que está diante de mim, e me fala com palavras iguais às minhas, e me faz gestos que são como os que eu faço ou poderia fazer, seja de algum modo meu semelhante. O mesmo, porém, me acontece com as gravuras que sonho das ilustrações, com as personagens que vejo dos romances, com as pessoas dramáticas que no palco passam através dos atores que os representam. Ninguém, suponho, admite verdadeiramente a existência real de outra pessoa. Pode conceder que essa pessoa esteja viva, que sinta e pense como ele; mas haverá sempre um elemento anônimo de diferença, uma desvantagem materializada. [...] Os outros não são para nós mais do que paisagem, e, quase sempre, paisagem invisível de rua conhecida.

(Fernando Pessoa, citado por Skliar, 2003).

Pensar as ruas logo nos incita a definir o que são, conceituá-las com explicações que possam delimitar seus significados e demarcar seus lugares, como se fosse para nós impossível admitir que em suas entranhas está o imprevisível, acontecimentos que não se rendem ao planejado ou desejado por quem pesquisa essa paisagem sempre desconhecida. As ruas têm uma alma que não cabe nas precisões acadêmicas, pois transborda dela um misto de ingovernabilidades e preferências que vão sendo tecidas pelos sujeitos em trânsito a firmar ali as suas pegadas. As ruas são lugares de contenção e de permissão, torna iguais muitos diferentes e diferentes aqueles que pretendemos iguais para não macular as imagens da perfeição. As ruas assustam e apaixonam, faz deslizar por seus corredores um infinito de imprevisibilidades que abraçam a morte e a vida no mesmo leito em que se busca a proteção e se entrega à destruição.

Inspirada em Fernando Pessoa exercito a continuidade da escritura de minha dissertação, ainda carente de compreender as fissuras que perpassam a relação EU com o OUTRO. Outro esse que, nas arrogâncias que nos cercam, por vezes é olhado como menos, como um diferente que assombra, que assuta a adequação, paraliza o ritmo ascético da cidade, tenciona e materializa desvantagens ilusórias e

auto-protetivas. Penso que toda aproximação com o outro é desafiadora e válida, entretanto, a de maior superação também atravessa o encontro com nossa morada, por ruas (in)visíveis e (des)conhecidas. O outro da rua, como lembra o poeta, é paisagem que retrata a inadequação do sujeito, das roupas em trapo, dos corpos disformes pelo desalinhamento de sua aparência. Conviver com ele nem sempre é necessário se se pode modificá-lo ou ignorá-lo.

É esse outro que continua a inspirar as reflexões dessa pesquisa, com o suporte necessário de autores que ampliem meu pensamento para seguir no fluxo complexo de escrever o tema escolhido para essa dissertação. Para Roberto Da Matta (1997, p. 11), *um livro é como uma casa*, leitores que chegam e para quem apresento mais uma parte dessa moradia, convidando-os a entrarem, a ficarem à vontade nessa residência de alguém, e/ou de ninguém, e/ou de quem sentir-se abrigado nela. Assim é quando chegam as visitas em nossa casa, para quem sempre temos palavras preliminares a dizer, como: não reparem na simplicidade da morada, nas disposições dos móveis, na fragilidade da decoração. Ah, alguns cômodos ainda estão (des)organizados, não tive muito tempo para deixar tudo como gostaria, estou em construção e muitas partes dessa casa poderão ser modificadas.

Até o momento fiz o texto-casa que foi possível no tempo-espaço que me foi concedido, atravessada pela potência e pelos limites latentes do meu corpo. Entre! Recebo-os como uma anfitriã encharcada de sentimentos, entre eles: nervosismo, ansiedade, curiosidade, dúvidas, orgulho, alegria pelas visitas que recebo como oportunidade de encontros. Visitem, tomem um café, dialoguem, observem, critiquem, admirem, silencie, inventem, criem com seu olhar as letras que se juntam para compor argumentos. Devo confessar que fiz de minha autoria a minha morada, entretanto, deixo-a com muros baixos, as janelas de palha, com *portas e telhados de vidros* (DA MATTA, 1997, p. 12), exposta e pública, semelhante com a rua!

Considero relevante esclarecer aos leitores sobre a escolha feita por mim nesse trajeto. Discorrer pelas reflexões desse contexto de rua, com seus habitantes vestidos de suas corporeidades, destacados individualmente por suas marcas, compartilhando, mesmo quando escondem, tudo que de algum modo está enredado nessa experiência. Como desafio, a vigília incessante para não romantizar esse cenário, e também, não transformá-lo em parte dos meus desejos, mas privilegiar a comédia, a tragédia, o drama, o romance, a aventura, a ficção, o terror dos enredos que pedem passagem pelas ruas. Quero olhar a rua com seus adereços feitos de poesia, arte, sofrimentos e realizações, com

respeito aos passos desses caminhantes, uma maneira de legitimar as experiências que compõem o fluxo de suas vidas.

Seduzida pela obra de João do Rio (2008), intitulada “*A alma encantadora das ruas*”, logo nas páginas preliminares me encontro com uma identificação imediata: **EU AMO A RUA**. Uma afirmação surpreendente que inspira os sentidos do que habita as ruas, tanto os simplórios, quanto os grandiosos. Este é o fluxo que desejo imprimir à minha pesquisa. Sinto-me da rua, gosto de estar na rua, há ruas que pulsam em mim, seja dia e/ou noite. Transitar por elas me nutre de prazer, enche-me de alegria e vitalidade, embora esteja ciente de que é um sentir de quem tem abrigo para retornar, casa para se proteger. Não estou ingenuamente comparando meu entusiasmo com as experiências objetivas daqueles que vivem os dias nas ruas, como os sujeitos que trago nesta pesquisa. Aponto apenas o que este lugar desperta em mim, somado ao encontro encantado com a referida obra. A rua se apresenta para mim como *poesia de viver* e a casa, *segurança de ser*. Para o momento, o desejo é *viver* a pesquisa na/com a rua, pois ela me (des)loca. A rua lança-me para arriscar a vida. Me mantém viva e em movimento!

Então, o que compõe a rua? *A rua define a abertura*, diz encantadamente o autor. Já o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa investe numa conceituação de rua²⁹ que remete ao campo do espaço físico, do visível, do público. Em todas as situações citadas no dicionário, a conotação é de desfavorecimento, de condições menores, desprivilegiadas, um lugar feito de coisas ruins que se traduzem no desconforto de seus significados. São ruas diferentes? Há outras ruas? Acredito que sim! Outras tantas vistas por tantos outros olhos e que meus olhos não darão conta de contemplar todas nesta pesquisa.

Identifico-me com as ruas onde cabe toda a ginga apresentada pelo autor João do Rio (2008, p. 29-43), de cujo texto extraí fragmentos para contar um pouco de seus contornos. João partilha suas intuições ao

²⁹ **1** Caminho público ladeado de casas ou muros, nas povoações (cidades, vilas etc.). **2** Espaço compreendido entre duas fileiras de qualquer planta: *Rua de café, rua de algodão* etc. **3** Os moradores de uma rua. **4** A plebe, o povo miúdo. *interj* Exprime despedida violenta e grosseira: fora daqui!, saia!, suma-se! *R. da amargura*: tortura, sofrimento, por alusão ao caminho percorrido por Jesus Cristo quando foi para o Calvário. *R.-dos-salgados*: certo jogo popular. *Arrastar pela rua da amargura*: atacar a reputação, o crédito; descobrir os defeitos; dizer mal. *Deixar (de herança) as ruas francas para passear*: nada deixar. *Encher a rua de pernas*: vagabundar. *Pôr na rua*: a) dar liberdade, soltar; b) despedir; c) intimar alguém a sair da casa onde está ou mora. *Sair à rua*: a) vir à rua atraído por algum acontecimento extraordinário que nela se passa; b) aparecer aos olhos de todos. *Ser a rua do lá vem um*: ser a rua pouco freqüentada ou sempre deserta.

nos deixar olhar por algumas de suas frestas para dizer o que não é comum, para anunciar a novidade e o prosaico, para enunciar seus conhecimentos, denunciar suas mazelas, deflagrar suas insubordinações: ele diz o que sente com a “sua” Rua. Aquela que ele descreve como a *verdade e o trocadilho*; sente-a com alma e aos seus olhos *uma rua abre para outra rua*; diz que a *rua nasce como o homem, do soluço e do espasmo*; anuncia sobre a generosidade da rua; enuncia que *é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis, da arte*; acrescenta que *o crime, o delírio e a miséria, não os denunciam nela*; e deflagra: *as ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras*.

As ruas como lugares do imprevisível oportunizam deslocamentos que tornam possível praticar trajetos infinitos, sozinhos e/ou acompanhados, *desde os mais tenros anos; ela resume para os homens todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação – idéias gerais – até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, idéias particulares. Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir para a rua!* (JOÃO DO RIO, 2008, p. 44). As ruas sinalizam aos que nelas se arriscam a pertencer que a nada está garantido por antecipação. Nas palavras de um sujeito passageiro na AVN:

estar na rua seduz sem explicação, é uma coisa doida que toma conta da gente sem pedir licença. Dá medo, mas atrai. Tem uma coisa boa de encontrar os amigos, tem coisa ruim de enfrentar a polícia ou uns bandidos, tem ganhos e perdas. Mas é a rua, tem brilho e medo que não deixa a gente ficar parado não, tem que seguir caminhando (Homem, 31 anos).

O mesmo autor segue sua poesia apontando que para compreender a situação da rua é preciso ter um *espírito vagabundo*, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível. É preciso ser o que João chama de *flâneur* e praticar *a arte de flunar*. É sair por aí a perambular com inteligência, admirar o que chama a atenção, observar o imponderável a qualquer momento, seja dia ou noite, madrugadas, é estar ‘sem fazer nada’ e achar absolutamente necessário esse momento. Sinto-me um feto na arte de flunar! Já os sujeitos dessa pesquisa parecem ter maior familiaridade com essa prática, o que pode ser observado na resposta do outro

protagonista, aquém chamará de Jota, quando questionei sobre esse movimento de sair dos trabalhos que considerava bons e pegar o trecho:

[...] *podia tá bem, podia tá bem mesmo. Oportunidade eu tive várias. O que acontece, de largar tudo assim? Saudade de caminhar, cansaço de ficar ali parado, no mesmo lugar; vontade de sair caminhando, caminhando...*

O sentimento que para mim se apresenta na fala do sujeito acima é o que o Maffesoli (2001) chama do desejo de errância, “sede do infinito”, essa busca constante por uma vida em movimento, pulsante desde a sua essência, arejada com o rompimento de fronteiras estabelecidas. A sede do infinito está na resistência em fixar-se com compromissos, em permanecer nos mesmos lugares, já que ela abre a disposição de encarar destinos inesperados para viver em tempo real o prazer do *devir – o devir é o ser e o ser é o devir* (2001, p. 28) – as mudanças contínuas que o inesperado de cada dia precipita. Quem de nós não viveu e/ou vive sentimento de errância? Desejos por alguma transgressão? Em tempos de aguçada mobilidade social, exigências, questionamentos, críticas, *a errância não é, de jeito nenhum, exclusividade de alguns, todo mundo pratica-a cotidianamente* (2001, p. 29). E segue, poeticamente, o autor em pensamento:

aventura que pode ser desejada, assumida ou sofrida, isso não é problema. Pode ser compreendida como a modulação contemporânea desse desejo do outro lugar que, regularmente, invade as massas e os indivíduos (MAFFESOLI, 2001, p.29).

Em estando nas ruas os sujeitos inscrevem em sua corporeidade marcas que vão criando lugares existenciais. As marcas, conforme Rolnik (1993, p, 242), pode-se compreendê-las como *estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir*. Isso origina situações inéditas que abraçam a convivência do ser-estar nas ruas, desestabiliza as certeza e aponta horizontes possíveis onde tudo pode acontecer, vida e morte, ambigualmente, eis aí o encantamento que a rua desvela.

Essa efervescência anuncia a aventura que embala o ritmo da vida Maffesoli (2007), atravessado pelo que há de sensível na contemporaneidade. O autor alerta-nos que o percurso de todos nós

deixa rastros que são considerados marcas de uma comum natureza humana. Aqui incluo as marcas que este percurso deixou em mim, especialmente aquelas que desarrumaram o meu viver anteriormente instalado. O desafio para romper com círculos viciosos que cotidianamente atingem o compasso social, o desejo de buscar modos de existir perfeitamente previsíveis que deixem marcas favoráveis, traz outras provocações ao olhar, inspiradas novamente em Maffesoli (2001, p. 11) que nos diz: *é preciso saber celebrar o mundo tal como é, pelo que é. Pois é da vida, com efeito, que se trata. A vida é feita de destruição e de construção.* Nas palavras Jota, “dias bons e dias ruins”. O que compõe para o sujeito a idéia de que as ruas são feitas de dias bons e ruins? Diferem dos dias bons e ruins de nós domiciliados? Altera conforme o lugar que cada um olha as situações?

A narrativa de Jota contém uma densidade etnográfica que ilustra uma possibilidade de significarmos um dia bom na rua, visto do lugar de alguém para quem este conteúdo faz diferença, o que justifica apresentá-la aqui por inteiro:

Um dia tô aqui na praia da Armação, bah, pensei, como é que vou arrumar um dinheiro, era cedo demais, eram 7 horas acho. Parou um caminhonetão e me perguntou:

- Oh moreno quer ganhar um troco?

Bem assim, eu sentado, sem camisa, pensando como ia ganhar dinheiro.

- Oh que ganhar dinheiro, me ajuda a levar essa máquina de soldar.

Era um barco. Vamos supor, eu tava lá naquelas bóias, o barco tava ancorado lá e tinha que levar de canoa, e pegar a máquina de solda e ajudar a passar por cima do barco e soldar as asas e esticar um cabo de lá até aqui e não deixar o cabo encostar na água pra ligar aqui..

- Te dou uma mão aí, eu disse. Mas é o seguinte, tem que tirar minha tremedeira.

E o cara tinha cerveja dentro da caminhonete dele! O cara acho que bebia mais que eu, (risadas). O cara disse pra mim:

- Oh cerveja eu tenho.

- Oh eu queria era uma cachaça, mas vou tomar uma cerveja.

- Depois nós vamos tomar, fica frio.

Daí me deu uma latinha tomei. Ai tô eu sentado segurando o cabo, que quando dava o repuxo eu

tinha que dar corda pra aquele cabo esticar e quando o barco vinha com repuxo eu tinha que puxar praquele cabo nunca encosta na água pra não dá curto. Nisso vinham duas coroas, até dava pra ser minha mãe, vinha com cachorro, tô aqui segurando o cabo, o cachorro veio, levantou aquela perninha e piii, mijou nas minhas costas. O cara gritou de lá:

- Bah negão tu é sortudo hein, o cachorro pensou que tu era um poste.

Eu bah, aqui oh [mostrou o dedo]. A senhora:

- Bah meu filho, meu cachorro, vem aqui filhinho da mamãe ela falou pro cachorro. Meu filho vai lá depois, eu moro ali naquela casa, tu vai ali que eu vou te da uma roupa, tu não eh daqui né? Já tomou café já? Vai ali depois.

Bah ganhei dinheiro do cara pra segurar um cabo, fui pra churrascada com o cara, fiquei o dia inteiro com o cara, as tias me abençoaram com cada bermuda de surfista, cada camisa e mais 30 conto. Saí de lá com noventa contos [risadas] e eu chorando de manhã que não tinha dinheiro pode?

Para o sujeito pesquisado, o que de início seria um dia “ruim”, tornou-se “bom”, lembrando que o inverso também é possível nesse enredo. A imprevisibilidade que abarca o viver nas ruas cria o fluxo de seu cotidiano e ressalta algumas categorias do discurso narrado, entre as quais: a angústia, ao começar o dia sem nenhuma previsibilidade; a disponibilidade para acolher a demanda que lhe foi apresentada; a transparência em dizer da sua necessidade para efetuar o trabalho, *precisas tirar minha tremedeira*, sem nenhum pudor; a paciência; o bom humor em lidar com a situação do cachorro; e por fim, a celebração e a gratidão pelo sucesso do seu dia bom, que iniciou, como na maioria deles, sem nenhuma expectativa. Esse *apetite pela vida* me parece ser o que impulsiona a existência desses sujeitos nas *ruas pelas quais se passa, com seu aspecto de movimento, claramente uma metáfora da impermanência da vida* (MAFFESOLI, 2007, p. 92).

Nesta dissertação, cotidiano toma como referência reflexões de Lopes (2007) para perguntar, afinal, do que esta expressão é feita na contemporaneidade, nestes dias de relações fugazes, de um sistema de trabalho competitivo e exaustivo, de influências midiáticas? O que nos convence de que o cotidiano está envolto em imprevisibilidades? Quais as precariedades cotidianas das vidas comuns, em geral ameaçadas de

muitos jeitos e em diferentes níveis? O que está latente no cotidiano? Fugimos de suas nuances em busca do que mesmo? Observar crianças esmolando nas sinaleiras todos os dias, outras pessoas procurando coisas nos lixos para aliviar a sobrevivência, escutar situações de violências urbanas constantemente, ver homens e mulheres dormindo ao relento, o que provoca em nós, homens e mulheres habitados? Nas ruas estão muitos outros *afetos cotidianos*. Há ainda lugar para compaixão desses afetos cotidianos?

Talvez o cotidiano contemporâneo seja essa possibilidade do terror a cada momento ou a impossibilidade do cotidiano. Além, é claro, do terror do cotidiano. Da mesmice. Da chatice. Da carece. Ou talvez seja apenas meu terror cotidiano (MAFFESOLI, 2001, p.14).

O terror cotidiano! Quais os adereços que lhe dão sentido? Imersos no também inominável os sujeitos que transitam pelas ruas, que habitam suas veias se apresentam cansados, por vezes esvaziados por suas escolhas. Defrontam-se com cenas repetitivas, com enredos pesados, alguns detalhes sem graça, sem beleza. Talvez. E cada um torna-se responsável pela diretividade do seu cotidiano. Sendo assim, também cabem os dias que não são tão bons, cabem violências, cabem sofrimentos múltiplos. Nesta mesma rua se instalam seus respectivos limites que a enredam com seus moradores. É nela que ganha evidência a insegurança econômica, o ser-estar desempregado, a falta de assistência pública, a discriminação social, o sentimento de não pertencer, os deslocamentos constantes. É nela que aprendem, no dia a dia, a driblar as situações difíceis e a continuar no trecho. O que Jota expressa ao contar um diálogo dele com a polícia, num certo dia em que estava na rua:

Laguna, só fui uma vez, daí fui barrado pela polícia, e não gostei. Pararam e perguntaram, tava eu e mais um, lá de SP e outro que não sei o estado de que ele é.

- Aqui pegamos três, um de POA, outro de SP e outro sei lá. Como é que vocês se conheceram?

- Se conhecemos na rua. Mas ninguém devia nada.

- O que vocês querem aqui?

Eles pensavam que a gente ia lá pegar droga em Laguna. Que pegar droga coisa nenhuma...

- Nós queremos é comida.

- Vocês vão ficar essa noite aqui, se sumir alguma coisa, nós vamos buscar e fazer vocês darem conta.

- Então vamos embora daqui agora, os outros é que roubam e nós vamos pagar o preço? Eu disse pra ele.

- Ah tu é ignorante ainda?

Daí, pegamos e caímos fora.

A simplicidade de Jota dá o tom da beleza na intervenção para sair de situações embaraçosas e demarca a continuidade dessa caminhada. É o jeito possível diante das situações do cotidiano em que o sujeito precisa encontrar saídas para deslizar frente qualquer possibilidade de apreensão, se posicionado com leveza. Falo de beleza sem reduzir os sentidos do enredo que diz a rua, como enuncia Maffesoli (2001), ao retratar a beleza não como discurso inútil, mas como processo de busca por se encantar com o mundo, *estar-no-mundo* com fascínio, com admiração. É nos entrelaces da beleza que estão latentes as possibilidades para os sujeitos, aptos a diluir e transformar o cotidiano em aprendizagens e descobertas.

Skliar (2003, p. 91) oferece os óculos para que eu possa enxergar a prática de exclusão como *um processo cultural, uma interdição, uma rejeição, a negação mesma do espaço-tempo em que vivem e se apresentam os outros*, ofertada para uma lista tradicional de grupos como: imigrantes, mulheres, índios, marginais, homossexuais, negros e em situação de pobreza. A exclusão torna-se cada vez mais insustentável quando percebemos o aniquilamento do outro, a negação do direito a viver na própria singularidade e que impede o pertencimento de um sujeito ou de um grupo em sua integração social. As pessoas que se encontram em situação de moradia nas ruas enfrentam práticas de exclusão primária, destinadas àqueles e àquelas que não possuem escolaridade ou que frequentaram a escola por poucos anos, que conhecem precariamente seus direitos, que passam fome e se sujeita a doações, que não têm acesso ao sistema de saúde, incluindo o odontológico, que estão com os vínculos familiares dilacerados pelas circunstâncias relacionais.

Outro aspecto que me chamou atenção nessa passagem foi o jeito seguro com que Jota encara, ou responde ao processo de exclusão. Parece ecoar dessa atitude uma expressão viva de como conta seu *estar-no-mundo*, aparentemente sem temor, como alguém que nada deve. O que não significa uma conduta arrogante de enfrentamento, mas a confiança na potência do seu estilo e na astúcia de suas táticas, como

traz Certeau (1994, p. 101). Como a *tática é a arte do fraco*, impulsionada pela *ausência de poder* ela opera passo a passo para permitir saídas fugazes, nas possibilidades oferecidas em instantes, sem prever benefícios permanentes. Com as táticas cotidianas esses sujeitos se movem nos labirintos de suas existências, superam dificuldades, suprem necessidades e garantem uma permanência nas ruas.

Vale ressaltar que os sujeitos dessa pesquisa nunca tiveram na sua história de estar-ser nas ruas, qualquer envolvimento policial e jurídico que comprometesse sua integridade moral e ética. O uso dessa tática, a qual o autor se refere, são as formas de ação que os sujeitos moradores de rua utilizam-se para sua sobrevivência. Como arte de saber fazer cotidianamente eles se deparam com circunstâncias que exigem recorrer às táticas para fortalecer suas fragilidades do momento. Como expressa Val, *para viver nas ruas tem que ser artista, se não trabalha tem que ir a luta. Quando a gente queria almoço, já tinha lugar certo pra ir*. Algumas táticas são praticadas para abastecer as necessidades fisiológicas, alimentar vícios, conquistar um espaço para descansar, cativar relações que lhe tragam benefícios imediatos, pois essa maneira de fazer está enredada na astúcia inventiva que cada um procura para viver com seus limites e possibilidades.

Silva e Souza (2002), na reflexão que fazem sobre a vida nas favelas procuram retratar a rua não somente por suas carências, por seus enigmas e fragilidades, pois assim esconderia as situações da vida urbana que também estão nas ruas como um todo, e desconsiderariam tantas outras relações e experiências que ali, na e com a rua, igualmente se estabelecem. Desmistificar o olhar de quem está ‘fora’ da rua, o meu, o seu, o nosso, seria perspectivá-lo para além das impressões preliminares desse espaço e pensar na informalidade como possibilidade estética de uma vida urbana não compatibilizada e ordenada, mas legitimada pelos que dela partilham.

Pensar ‘neles’ como ‘outros’ é pensar em mim, em nós. A fronteira que nos diferencia talvez não seja tão distante como algumas vezes parece. A rua, esta que está aí servindo de habitação a um grupo de pessoas é a mesma que serve a sociedade para que alcance seus fins com meios plurais. Enquanto uns fazem dela/nela sua morada, sua cama para dormir, o lugar para o descanso e para a alimentação, seu espaço de ser e existir, outros fazem nela/dela território de suas andanças, condado para encontros, trabalhos, lazer, espaço de passagem, onde cada um fala a partir do lugar que ocupa. Ao perguntar para o sujeito Jota o que diferenciava a população de rua com as demais domiciliadas, ele respondeu sem apresentar dúvidas:

Eu acho que no caso é porque nunca foi, experimentou o trecho pra ver o que é uma vida no trecho, como é que é.

- Você acredita então que se a pessoa experimentar a rua passa a gostar?

- Ah com certeza, se na primeira vez não levar nenhum susto, porque tem muitos que saem no trecho e não querem mais largar.

- Por quê? O que seduz no trecho? A bebida, a droga?

- Não, o que me seduz é a vontade de conhecer os lugares, cada vez mais.

Na obra de Kusch (1986), o autor fala sobre a configuração de um mundo que privilegia uma cultura dominante e desqualifica a história de um povo, seu lugar, suas raízes. Diz do modo cultural como o indígena pré-colombiano é visto pelo colonizar europeu na constituição da população da América Latina. Seus estudos, com caráter fenomenológico e antropológico, traçam profunda conversa em torno do encontro com o outro, das suas ascendências, das marcas que assinalam a formação de um ser cultural americano. Para isso, utiliza-se de um olhar metafórico para dizer o quanto o povo pré-colombiano é considerado numa relação de inferioridade como cidadãos, vistos à margem do progresso e podendo inclusive ser descartados, enquanto outros, os colonizadores europeus ganham visibilidade no seio da população latinoamericana.

Com um tom de idéias provocativas o autor acentua em suas reflexões, os diferentes adereços que adornam nas cenas colonizadoras a noção de *pulcritud*, associada aos argumentos típicos da assepsia social que define os lugares onde alguém pode ser pulcro, formoso, belo, desde que as referências circundem, de maneira preconceituosa, situações que levem o sujeito a se envergonhar de suas raízes latino americanas. Um discurso que contamina a *pulcritud* identitária, como se os pré-colombianos sujassem a população americana. Com esse paradigma os colonizadores praticaram diferentes violências contra as populações originárias da América Latina, dizimando-as em seus territórios.

Capturo essa idéia do autor para dialogar sobre a população de rua nessa sociedade política em que estamos inseridos/as. Inevitavelmente, esse conceito me remete a uma passagem no campo de pesquisa, quando um dos Freis relatou sobre uma reunião que teve com representantes de um órgão público. Estes representantes afirmaram a relevância para a cidade, como pólo turístico, de não ter as ruas

“ocupadas com a sujeira”, por isso desejavam fazer uma “limpeza” na cidade e retirar dela os moradores de rua. Acontecimentos como este proferem o olhar ético-estético e político que embasa as ações governamentais para com essa população e indica os aspectos das políticas públicas destinadas a mesma.

Com que objetivo se faz uma solicitação como esta? Fecundar a aparência da cidade com a assepsia social? A noção de mundo e de política pública destes gestores é contemplada na obra de Kush (1986), quando se referem ao outro como uma peça descartável que não se encaixa na normatividade social, a qual inclui ordem, limpeza, padrões de beleza. A cidade, historicamente foi pensada para os brancos, possuidores de riquezas, escolarizados, sujeitos de saberes que se fazem na afirmação de paradigmas excludentes. Não há tolerância para a diversidade, para o que é singular, para o que escapa ao modelo de normalidade social. A cidade é dos homens civilizados, dos intelectuais orgânicos que criam as normas de convivência e silenciam, sempre que possível qualquer nota que destoe da sinfonia em execução.

Vale esclarecer que ao falar em política, não me refiro a uma política partidária ou localizada exclusivamente no Estado. Escolho o sentido posto por Maffesoli (1997), a política como condição de possibilidade, hibridizada, diluída na multiplicidade das demandas, reconhecida e legitimada por uma *ambiência afetual de uma tribo e/ou* de um grupo. Nela o estar-junto é fundamentado por sentimentos partilhados, regido por infinitas probabilidades de movimentos, de interesses, afetados por um ambiente que impulsiona também a paixão e se instala no imaginário coletivo. Para os sujeitos dessa pesquisa, o próprio corpo é expressão de transfiguração política. As verdades são multiplicadas, as certezas sacudidas e o cenário político alterado no exercício libertador de resistir a clichês dogmáticos. Como expressado pelo autor:

É preciso saber ser teimoso, perseverar, andar, caso necessário, na contramão, pois as histórias humanas nos ensinam que os pensamentos inatuais estão mais aptos a dar conta e a compreender o que as teorias estabelecidas percebem com dificuldade (MAFFESOLI, 1997, p.24).

Essa noção de assepsia social postula retirar da cena pública os mendigos, os pedintes, os andarilhos e todos os que corporificam a população de rua, numa lógica de arranjar a limpeza visível para deixar

a sociedade mais bela, as ruas mais puras, calmas, organizadas, higienizadas e sem a bagunça que “essa gente” provoca por onde está ou passa. Podemos chamar de um pensamento hegemônico? Não, caso a solicitação feita pelos gestores públicos fizesse parte de uma exceção, o que não é o caso. Nós, eu, você, as pessoas à nossa volta, por vezes nos posicionamos de tal modo que sucintos desconfortos são sentidos quando nos deparamos com esse outro, morador de rua, ali pertinho da gente.

Quando consideramos o outro um indesejado, como uma sujeira que precisa ser exterminada, estamos diante de uma posição de homogeneidade social que prevê purificação em massa, o que justificou diferentes crimes na história. Podemos distinguir argumentos plurais, como a imundice, o cheiro, o medo, a insegurança, entre tantos outros que deflagram em nós estados de discriminação, situações de preconceitos. Kush (1986), no transcurso de sua obra intitulada *América Profunda* abre como desafio a vigilância sobre nossas atitudes, para que possamos superar premissas como essas, e assim não se acomodar no ordenamento social resultante de práticas eliminatórias.

Nesse momento trago para o texto a inevitável tomada de consciência, ou como diz Morin (2002), entrego ao leitor parte da minha *zona de sombra*. Revelar o que há em mim como artefato inexplicável de mim mesma é me expor ao desafio de tornar público faces dos *meus demônios* que de algum jeito se fizeram presentes nesse processo de ser pesquisadora, uma experiência inseparável da minha vida pessoal. Foram inúmeras as vezes em que retornei do campo de pesquisa alterada por aquelas vozes, pelas suas histórias, mexida e deslocada da minha zona de conforto, da vida estável, confortável e previsível.

Por vezes suas narrativas despertavam encantos em mim, com admiração que nutria a coragem para também viver outras coisas. Entretanto, não é possível camuflar sentimentos que também corporificavam o meu *estar-lá-com*, que me faziam entrar em contato com a sensação de perigo, de invasão, de náuseas pelo cheiro emanado do corpo de alguns moradores. Situações que endereçavam meu desejo por um banho, no retorno para minha casa. É crucial anunciar essas cenas como integrantes do enredo da pesquisa, mas profundamente significativo e revelador das transformações que minha carne-corpo vive nesse processo. Cheguei a pensar: quanta ignorância mascarada de cuidados!

O espaço da *rua* se apresenta, assim ressalta Brandão (1989, p. 18), como sinônimo do profano, da diversão, da permissividade, que dispensa formalidades e que também não exige credibilidade. Difere do

lugar que ocupa a *casa*, nomeado como sagrado, com suposta estabilidade nas relações, próprio de um ambiente familiar. As polaridades que existem entre *casa* e *rua*, como se a primeira fosse sinônimo do sagrado, de devoção e de restrição, enquanto a rua desvela a potência do conspurco, onde situações inadequadas são até toleradas, afinal, estão nas ruas! Encontro consonância na narrativa do sujeito Jota:

O trecho é aquele ditado, não tem ninguém esperando, não tem compromisso, não tem preocupação com nada, única preocupação que tem é que não aconteça nada, um acidente. O que vier é lucro. Agora se tiver trabalhando, vou ter que ter meu compromisso, vou ter que ter tempo, paciência pra fazer as coisas, cumprir horário, se eu quiser jogar uma bola, mas vou pegar agora as duas horas, então vou ter que jogar essa bola só depois das seis horas, vou ter que tempo pra tudo. Agora se eu tô no trecho, tô caminhando, quantos futebol de areia eu jogo, a gente tá passando do nada, de mochilão nas costas... 'oh moreno, vem cá, joga uma bola?' Bah beleza, ali já fiz amizade: ô meu, tu é da onde? Ô meu, tô viajando. Pra onde tu vai? Pra onde o vento me levar, eu dizia assim.

O espaço é como o ar que se respira (DA MATTA, 1997, p. 29). O que a princípio parecem opostos, casa e rua tornam-se complementares e com aspectos complexos para sua compreensão. É o que ocorre quando os sujeitos chegam à AVN, trazendo na bagagem as vivências da rua, do trecho, do ir e vir sem rumo e principiam aqui o ser-estar em uma casa. Não podem transformar a casa na rua e nem a rua na casa imparcialmente. Durante minha permanência no campo de pesquisa, era notória a hibridização desses dois espaços no cotidiano das relações entre os sujeitos que ali estavam. Ao chegarem à AVN, os homens têm o desafio de acolher esse espaço como seu lugar de moradia a partir de então, isto é, sua casa. Jamais é simples essa experiência, pois ao chegarem ali com os conteúdos que forjam o universo da rua, como por exemplo, o sentimento de subcidadão, eles aprendem que serão definidos pelos seus deveres e obrigações. Precisam assumir a operacionalidade do que “não podem” e do que “não devem”, dado que ainda permanecem à margem da sociedade e precisam adaptar-se ao mundo de uma instituição que, a princípio prevê o direito de cada um tornar-se supercidadão (DA MATTA, 1997, p. 93), conforme rege o

Estatuto da AVN: *a Associação tem por finalidade acolher os moradores de rua, proporcionando-lhes assistência integral*³⁰.

Outras configurações assemelham-se ao fluxo dessa chegada dos sujeitos em situação de moradia nas ruas à AVN. Isso me faculta fazer relação com o que Elias e Scotson (2000) trazem no estudo acerca dos *estabelecidos-outsiders*, como rotineiro no contexto da AVN, onde os moradores que já estão ali – *os estabelecidos* - atribuem a si condições de privilégios e superioridade em detrimento dos que estão chegando – *os outsiders*. Durante o período de atendimento presenciei constantes queixas das duas partes do grupo, os que já estão e os que chegam. Boa parte do tempo era destinado ao diálogo sobre os rearranjos para integrar o grupo de moradores, um grupo que se modificava praticamente toda semana.

Nos atendimentos como psicóloga, as lamúrias gestadas pelos que se consideravam veteranos na AVN eram de inconformidade pelas condições igualitárias asseguradas para a permanência dos novatos. Expressavam, assim, o desconforto próprio de quem se considerava *estabelecidos* e alegavam as inadequações praticadas pelos *outsiders*, o que dificultava o acolhimento dos demais e provocava o desafio de conquistar seu lugar nesse novo espaço de convivência. Talvez esse contexto nos ajude a compreender que habitar a casa não elimina a cultura de exclusão que permanece *hospedada* com o ex-morador de rua. Chegar ali e permanecer ali faz com que alguns desses sujeitos não queiram mais se parecer com um morador de rua, o que exige refutar no outro qualquer aspecto que o assemelhe a ele. Muitos não conseguem lidar com essas regras e retornam às ruas, embora esse não seja o único motivo para que voltem.

Porque o outro nos desconforta? A presença do outro em convivência demarca as diferenças, coloca em cena a poética da diversidade e nos desafia a reconhecê-lo em sua legitimidade. E aprender com o que Skliar (2003) chamou de *hospitalidade*, uma oportunidade para acolhermos esse outro, um desconhecido, com receptividade e a partir do que ele é, do que traz em sua cultura, em sua história. Uma hospitalidade banhada pela disponibilidade afetiva de abrir espaços em nós para hospedar quem nos chega. *Porque sem o outro não seríamos nada. Porque a mesmidade não seria mais do que um egoísmo apenas travestido* (2003, p. 29).

A paisagem que emoldura a convivência desses sujeitos que chegam à AVN também é outra, com adornos de irreverência e

³⁰ Informação retirada do Art. 2º do Estatuto da Associação Vida Nueva, 2010.

enquadramento às normas previamente instituídas. Nessa dinâmica eles precisam adaptar-se, acolher uns, negar outros, reconhecer como semelhante e hospedar, rechaçar demandas similares às suas e abrirem-se para ocupar territórios com outras configurações. Dessa forma, os sujeitos se deparam com um cotidiano em que o que se repete defronta-se com o inusitado, com um espaço geográfico delimitado pelas rotinas cronológicas, com seus horários estabelecidos, com incumbências disciplinatórias para tornar possível a convivência entre sujeitos singulares.

É visível o empenho com quem os gestores da AVN reúnem os moradores para estabelecer, com eles, uma ordem que faça valer o regimento da Associação, com a intencionalidade de oferecer a todos as mesmas garantias e os mesmos direitos. As chegadas e partidas se fazem ainda com de (des)encontros e nem sempre cumprem o ritual da hospitalidade, seja para ir embora, seja para permanecer. O mesmo autor (2003) nos alerta que a *hospitalidade* pode ser também uma experiência tecida pela *hostilidade*, quando desejamos encaixar o outro no estilo que consideramos condizente com o nosso modo de ser. Então determinamos seus espaços, como devem ocupar seus tempos e em que condições, para que aí possam ser aceitos em coexistência.

‘Com’ cuidado e ‘também’ violências...

O ‘com’ é uma determinação da presença. O ‘também’ significa igualdade no ser enquanto ser-no-mundo [...]. ‘Com’ e ‘também’ devem ser entendidos existencialmente e não como categorias, meramente. À base desse ser-no-mundo determinado pelo com o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com os outros.

(Martin Heidegger)

Meu *ser-em* movimento constante é desejanste do encontro com o *ser-com* o outro, razão que me motiva a apreciar com cuidado a passagem pelas ruas, as intrigantes histórias compartilhadas por seus habitantes em trânsito. Também habita em mim um corpo que sai de casa, que adentra a rua e transita por ela para compartilhar o encontro com o outro, ouvir suas narrativas e conhecer os instantes experimentados entre cuidados e violências, bases de seu *ser-no-mundo-*

com. Em presença consigo compreender alguns de seus argumentos, enquanto outros ressoam inimagináveis, e com essa ambivalência vou tecendo minhas explicações para compor o texto dessa dissertação.

Arrisco utilizar como metáfora dessa escrita o teatro, a fim de pensar esses sujeitos *em-com* no mundo da rua, num ambiente onde muitas vidas e experiências singulares estão ancoradas em feitos peculiares, onde cabe a diversidade de cores e sabores para hibridizar díspares formas de ser e estar aí. Quando observo uma peça no teatro suavemente sou levada para dentro de mim e consumo, com meu olhar, as facetas poéticas dessa vida em movimento. Dimensões como o cenário, o espaço físico, os atores em ação, os modos de ver o tempo e as coisas, de dizer daquilo que se olha, a criatividade que pulsa em cena com disposição inventiva de contextualizar enredos somados por um conjunto de adereços que compõem as histórias do momento.

Essa metáfora me faz ver que os sujeitos dessa pesquisa, de alguma forma circulam no cenário da rua, um lugar composto pelo espaço físico com praças, calçadas, bares, viadutos, rodoviárias, parques, recintos diverso e que, no fluxo da rotina de vida, atravessa os corpos, mesmo os (in)visíveis aos olhos de quem não consegue ver porque está imerso no atropelo das obrigações diárias. Como nos diz Da Matta (1997), a tradição dos estudos e pesquisas referenciados à natureza da rua, apresentam a casa como reduto privilegiado. Porque tantas pessoas transportam seus panoramas imaginários de moradia para a rua? E das ruas para as casas? Quais circunstâncias estão enredadas nessa teia de inconformidades que confunde realidades e imaginações?

São respostas esperadas por quem se depara com a problemática dos moradores de rua. Acho que ainda não é possível contrapor e nem tampouco desejo assumir tal compromisso. Vou apenas pincelar alguns componentes que permitam desencadear a transição de cenários relatados pelos sujeitos dessa pesquisa e por outros que cruzaram essa travessia, para então convidá-los a acompanhar meu jeito de discorrer sobre eles, numa perspectiva que inclua o cuidado com o que narro, mas sem deixar de dar ênfase às violências do tempo de ser-estar na rua e na AVN.

De diferentes formas os sujeitos entrevistados revelam que ‘ganham’ a rua para nela habitar, onde encontram fatores associados, tais como: decepções pessoais com a não aceitação de perda dos familiares; traições conjugais; perda de trabalhos; conflitos familiares; uso abusivo de substâncias químicas como álcool e outras drogas; assuntos de saúde mental, com negligência no atendimento e consequente abandono nas instituições, “esquecidos” pelos familiares;

fugas de casa para escapar das violências. Alguns se guiam pela esperança de encontrar uma condição “melhor” de vida e com ela se aventuram pelo mundo, enquanto outros se movem pelo desejo permanente de liberdade. Há ainda aqueles cujos motivos apresentados estão no enredo do inexplicável: *gosto da rua, de viver cada dia aqui sem nem mesmo saber a direção pra onde vou, sei lá, é um negócio meio doido porque tem risco, dá pavor, mas eu quero ficar. Morar em casa não é pra mim*³¹.

Ao meditar sobre essas questões passei a validar a pertinência de diálogos com o pensamento foucaultiano sobre o *cuidado de si*, e loucamente a imaginar que de algum contorno posso afirmar que esses sujeitos, nessa transitoriedade de espaço-tempo, escolheram olhar para eles e seguir. Seguir alguém e fugir dele, escapar das ameaças sempre que possível. A multiplicidade das situações indica que nelas está latente o cuidado de si, implicado no exercício pela liberdade de decisão e nas resistências, inclusive, de olhar para sua vida. Entretanto, a tarefa do cuidado de si, para Foucault (1985) remete ao cuidado do outro, isto é, o olhar que o sujeito inventa de si está engendrado na relação que ele tece com o outro, com as experiências mundanas.

Essa relação consigo e com o outro anima os sentidos para dar lugar às histórias de cada um e são elas que vão compor o enredo, desenhar os lugares por onde passam com as imagens guardadas na memória, trazer as falas que marcam os corpos enraizados. Nesse enredo estão os motivos e as circunstâncias que os fazem estar ali, os encontros com tantos ‘outros’ pelas ruas, os prazeres e as dores que integram a apresentação da peça com suas nuances diversificadas. Situações plurais que tentam justificar os pretextos que os guiaram para estar e viver nas ruas. Isso pode explicar porque assim que os moradores chegam à AVN, curiosamente, esse é um dos primeiros questionamentos feito a eles, pelos gestores da casa e por mim, diversas vezes, na condição de pesquisadora e psicóloga.

As circunstâncias com que esses homens com seus corpos nômades chegam a AVN, para nós, os habitados, por vezes são incompreensíveis. Embebedados de dor e também de prazer, enrodilhados pelo que sentem como liberdade, pelo caminhar sem destino, pelos encontros de cada dia, pelos amores e rancores do percurso, tudo isso ecoava em mim a esperança de que menos um corpo

³¹ Homem, morador passageiro da AVN, 39 anos – há 21 anos estava nas ruas. Nesta pesquisa é um sujeito complementar.

estaria pelas ruas. Outra de minhas ignorâncias! Em poucos dias acolhidos na AVN, ainda em processo de adaptação os sujeitos são apresentados “à casa”, com suas regras e práticas de disciplinamento que cercam esse outro contexto, até então, semelhante para alguns que já haviam passado por instituições anteriormente e desconhecidas para outros. A disciplina, para Foucault (2006), é um elemento do poder e é instituída para assegurar o controle e a sujeição do corpo. Ela é praticada para formar sujeitos dóceis e úteis e busca respaldo na política de coerção, ainda que sutil, para domesticar a corporeidade e se possível, fazer dormir o imaginário mundano, guiando este homem conforme os interesses prescritos pela instituição.

Quero esclarecer que não é objetivo desta dissertação fazer apologia às noções de disciplina que regulam as condições de convivência, nem tampouco negar a legitimidade das ações que orientam a AVN na acolhida dos novos moradores. Quero apenas problematizar o assunto em razão de sua complexidade, levando em conta que no cotidiano esta convivência demanda efetuar práticas educativas, explicitadas com intenções emancipatórias, mesmo utilizando metodologias que podem também oprimir, mantendo, em outros patamares as formas de dominação do outro. Para quem chega, a princípio não há alternativa, o corpo está cansado, a fome é rotineira, as dores da abstinência ao uso de drogas são difíceis de enfrentar, então, o movimento inicial é de não resistir. Dormir é preciso, durante muitas horas e dias. Aos poucos o dar-se conta da situação começa seu despertar e algumas possibilidades emergem: fugir, ir embora avisando aos coordenadores, fazer de conta que segue as regras e criar meios de transgredi-las. É a vida em movimento, mesmo ali, quando habitados.

No que diz respeito às instituições contemporâneas, Sousa (2010, p.47) nos ajuda a *perceber como se dão esses jogos de regulação do corpo, com intencionalidade na formação das subjetividades*. Sabemos que há na AVN um compromisso público de assegurar aos sujeitos que chegam até lá, a participação no projeto formativo que realiza, enquanto uma prática social para reeducá-los. O desejo da coordenação e dos apoiadores é que esse projeto os anime a perspectivarem uma *nova vida*, como a própria denominação da instituição prevê. Então podemos pensar que também está em curso uma *intervenção ética, que inaugura uma estética capaz de desenhar-se como cuidado de si, e que só pode ser de SI porque antes foi do outro* (SOUSA, 2010, p.47).

Nessa concepção, o cuidado de si implica reconhecer o outro como parte de minha espécie, meu semelhante. Nas palavras de Alberto

Melucci (2001, p. 28) está a assertiva de *que somente uma sociedade aberta pode fazer com que a complexidade não seja nivelada e que a diferença não seja violentada*. Cada homem que é encaminhado para a AVN traz com ele o mundo experimentado e este não pode ser dissociado de sua existência quando, ao deixar as ruas, mesmo que por um curto tempo, passe a viver com outras pessoas em uma casa. Morin (2002a) assegura que a vida humana é regida pela complexidade, mesmo quando nós insistimos em constituir uma ordem artificial que vai atuar em discrepância com a *desordem*, com a dinâmica que inventa os dias de todos os organismos vivos. A complexidade reclama um *olhar* os fenômenos, os episódios, as tramas que enredam as relações, mas sem renunciar a amplitude complexa destas.

Faço até mesmo uma aproximação com as questões étnico-raciais que constituem a corporeidade dos sujeitos desta pesquisa, para brevemente dar visibilidade às suas peles: cor negra, aparência negra, corporeidade negra. E nesse chegar mais perto quero perguntar: que relações habitam as questões étnico-raciais e o ser-estar-viver nas ruas? Os discursos que contornam o ser-estar-viver nas ruas trazem como um de seus conteúdos essas questões? Difícil não perceber que no imaginário sociocultural estas questões parecem legitimar as teses que motivam ser-estar-viver como um morador da rua, onde o tom da pele tem as inscrições desta condição. A rua foi e continua sendo historicamente ocupada pelas diferenças e por ela muitos passam, alguns permanecem e a “escolhem” como modo de viver e/ou são escolhidos por ela, a partir de dificuldades que os limita para ser-estar-viver numa casa, com laços familiares e rotinas possíveis. Quem são os que permanecem nas ruas?

Homens das ruas, os protagonistas que iluminam o cenário da minha pesquisa quando narram as marcas do “ser negro” nesta sociedade. As falas entrecortadas, os gestos tímidos evidenciam que reconhecem sua etnicidade racial. Durante uma das conversas que tive com Jota, perguntei a ele como era referenciado pelos outros: *E aí moreno? Se tu não fumava e essas drogas aí? Ênfase para continuar: ô negão vou ficar contigo aí então; o negão tá sumido; oh, você arrumou um negãozinho bom de serviço; falou como mãe verdadeira do meu filho preto, Dona Marli?* Esses são alguns trechos, dentre outros, em que Jota relata quase com naturalidade, sem expressar estranhamentos, as variadas maneiras de o chamarem. Elas são guiadas pelo tom de sua pele e não pelo seu nome legítimo. Qual o olhar desse outro a esses corpos que circulam nas ruas? Como o próprio Jota traz em seu relato, em muitos lugares nunca souberam seu verdadeiro nome, era conhecido

por *negão*, o sumido, o bom de serviço, o suspeito por alguma desordem. Alguém que para não ser qualquer coisa, era ao menos **negro**. Negro e bom, ele valia mais aos olhos do outro. Para mim foi relevante encontrá-lo pelo que proporcionou ao trabalho, com conversas trilhadas entre o pouso, a comida, a escuta silenciosa, a proximidade e o acolhimento.

Ser negro e da rua numa sociedade branqueada em suas posturas dominantes não é simples. As características visíveis desta população geravam e ainda geram, distanciamentos, discriminações, preconceitos, racismos, segregações e violências. A aproximação desses sujeitos e suas singularidades vivenciadas nas ruas despertaram em mim diferentes sentimentos: tristeza, alegria, compaixão, esperança, medo, confiança. Quem se aproxima? A cor da pele sinaliza maior resistência e uma barreira no que se refere ao contato: olhar, cheirar, tocar, escutar? O que dizemos de nós quando diante desse outro? É o não branco desvelando a miséria da civilização, ou como nos diz Foucault (1995, p. 239) *talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos*.

Botega (2010) discute como a invisibilidade da população negra está relacionada a um imaginário de branqueamento social. Ressalta o quanto ainda é dificultoso abrir espaços para olharmos a cor da pele que reveste a corporeidade do outro. Na maioria das vezes essas pessoas são vistas como inseridas aos olhos dos brancos, o que tem implicação para o seu autoconceito, ou seja, para o modo como se sentem no contexto da comunidade onde moram. E quando são moradores da rua, a invisibilidade se intensifica e o tom da pele passa a ser o centro das atenções: “o negão que vive nas ruas”! A diferença pela questão étnico-racial aparece primeiramente aos olhos do outro, quase sempre o que não é negro, dizendo que é a rua o lugar possível de estar, especialmente para aqueles que “não são bons”. Para estes, a rua se apresenta como condição de sobrevivência, tornando-os acostumados a elas.

Aqui faz sentido falar de violências, à medida que suas manifestações compõem a dimensão étnico-racial que constituem esses sujeitos, para dialogar em torno daquelas que estão engendradas nas atitudes mais elementares, amparadas em preconceitos e na banalização do racismo. Muitas vezes, as violências silenciosas que escapam de nossa percepção cumprem seu papel sem que sejam identificadas como tal. Sem trazê-las à tona, as deixamos vagando pelas ruas mesmo, não as convidamos para integrar a reflexão crítica. São violências que aniquilam o corpo e a alma, que limitam as possibilidades de um sujeito ser o que pode ser. Violências produzem sofrimentos que fragilizam a

potência humana e dificultam o reconhecimento do outro como legítimo outro.

A população que habita a AVN vive experiências que já conhecem em outras instituições e nem sempre é o cuidado que marca o acolhimento de busca ajuda. Sousa (2006) afirma que é nas instituições que o cuidado precisa ter um sentido mais concreto, como atitude relacional interessada na promoção de oportunidades para viver o respeito, com dignidade, gestado em espaços de convivência onde cada um pode expressar suas necessidades. Vale lembrar que estamos vivendo um tempo de muitos abandonos, maior que a safra de acolhidas. Para a mesma autora, cuidar requer disposição afetiva para antecipar-se ao bem estar do outro, para proporcionar-lhe condições de vida que sejam orientadas por uma compreensão emancipatória de cidadania.

Esses homens são negros, pobres, com precária escolarização, oriundos de uma realidade onde as oportunidades são desiguais. Ninguém vai para as ruas por pura escolha, embora possa permanecer ali por escolha. Há uma sujeição que é dada pelas circunstâncias econômicas, familiares, culturais, afetivas, por exemplo. A rua pode ser o lugar do anonimato, do impessoal, com poucas chances para que os sujeitos criem elos mais efetivos entre eles, como ressalta Da Mata (1997). Para o autor, historicamente a casa representa o lugar dos civilizados, onde acontece a cordialidade que permite às pessoas em convivência experimentarem relações íntimas, troca de afetos que são legitimados pelos padrões dominantes. Nas ruas estão vigiados por câmeras de segurança, por motoristas e transeuntes, por profissionais que atuam com a abordagem, diferentemente do que enfrentam aqueles que estão nas casas, onde podem desfrutar da privacidade. Mesmo assim, a rua atrai pelo que não vemos, encanta pelo que dela não se sabe, amedronta pelo que contém.

Refletir sobre as violências é sempre um desafio. Plural e infinito, mas com possibilidades de arranjos para reconhecer em mim e também no outro as potências dessa trama. Restrepo (1998) nos convida a pensar na homogeneização dos olhares, no estranhamento com a diversidade, a negação com o diferente, o não reconhecimento de formas outras de ser e de viver que abrem fissuras no cenário das relações ofertando oportunidade para práticas de violências. O retrato dessas violências enreda moradores de rua como alvos dos noticiários³² cotidianamente: “morador de rua sofre queimaduras de segundo e terceiro graus em suposto acidente em Palhoça” (1/07/2011); “morador

³² Fonte: Jornal Diário Catarinense, pesquisa online realizada dia 02/07/2011.

de rua é espancado até a morte em Caçador, no Meio-Oeste catarinense” (24/04/2011); “casal de andarilhos suspeito de homicídio, nas proximidades da SC-443, em Criciúma” (04/09/2008); “Andarilho é agredido e mutilado por moradores” (17/02/2011), entre tantos outros e segundo o autor:

[...] uma sociedade é violenta quando não reconhece as diferenças que animam grupos e indivíduos, tratando de impor a todos a mesma normatividade, sem aceitar a existência de casos singulares que obrigam a reconhecer modos diferentes de convivência (RESTREPO, 1998, p. 65).

Na trajetória de suas vidas nas ruas eles lidam com acontecimentos diversos que geram angústia, medos quando desconhecidos, violências dissimuladas ou não, tensão, impotência. Mas também, eventos que reforçam a confiança, a fé nas suas divindades e a esperança em um novo dia com abundâncias. No momento de apuros, as circunstâncias podem ser, ou não, suas aliadas. Ofensas verbais de transeuntes, acusações por roubos, ameaças da polícia, perseguições por discriminação plurais, expulsão de lugares públicos, caronas de risco nas estradas, brigas, agressões físicas, são práticas recorrentes contra a população de rua. Mesmo os sujeitos desta pesquisa não tendo passagens pela polícia, enfrentaram perseguições e outras situações embaraçosas, como narra o sujeito Jota:

peguei carona só duas vezes até hoje, em uma o cara era travesti, veado, queria fazer sexo; eu não gosto. A outra vez o cara era drogado demais, o caminhoneiro queria conversar comigo pra não dormir, tava sob efeito de ‘arrebite’ e drogas e me deu 24 pílulas de cocaína, pipeta que a gente chama, 1 ½ (uma grama e meia cada uma); daí eu ia cheirando e conversando com ele, num momento eu não tinha mais o que conversar, só se comesse a mentir, daí ele pegava e dizia: rapaz conversa comigo senão vou te dar um tiro, aí puxou uma pistola e mirou pro meu peito. Daí eu rezei e pensei, no primeiro posto que ele parar eu vou descer. E assim eu fiz.

Na continuidade Jota destacou:

Bah aquela vez nós subimos pra SP em cinco, incomodação direto, sorte que tinha dois lá que a gente tinha certeza que era fugitivo da polícia, só se incomodemos com eles. Por quê? Ah era muito brigão, botava na cabeça que queria as coisas, se não desse dinheiro, ficava xingando os outros; daí é que o pessoal vinha atrás, batia nele e o cara tinha que tirar o cara e dizer que não era pra bater, quando via já tava apanhando também, briga, o cara brigava muito com os outros.

Entre as andanças de cada dia sujeitos trilham um cenário desconhecido para a maioria de nós, mesclados por inventividades, astúcias, aprendizagens, subordinações e muitas violências, só para destacar alguns adereços. Sousa (et. al., 2010, p. 7) fala que *inspirações são sempre necessárias para enfrentarmos o percurso* e cita Jesus Martín-Barbero, que nos adverte: *diante das incertezas, devemos refazer os mapas de conceitos básicos. Isto não é possível sem mudar o lugar desde o qual se formulam as perguntas*. É com essa premissa que destaco algumas das violências sofridas pelos homens pesquisados, lembrando, desde agora, que qualquer de suas manifestações é sempre destrutiva e multifacetada (SOUSA, et. al., 2010).

Sujeitos itinerantes experimentam com mais rigor situações de vulnerabilidade, onde as violências são mais abrangentes. O Plano Operativo de Saúde (POS) da População em Situação de Rua (2010), em conformidade com o Plano Plurianual (PPA 2008-2011) revela que há **45 mil** pessoas em situação de rua. Este grupo é entendido como heterogêneo, se concentra nas grandes cidades brasileiras e em suas regiões metropolitanas. Tem na rua sua principal fonte de sustento, sendo a pobreza o dado comum entre os integrantes deste coletivo, com vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular. Esse grupo faz dos logradouros públicos e das áreas degradadas o espaço de moradia e sustento, de forma temporária ou permanente, podendo utilizar-se ainda, de unidades de acolhimento para pernoite.

Corpos em suas infinitudes

O corpo não é mais o obstáculo que separa o pensamento de si próprio, aquilo que tem que ser superado para se chegar ao pensamento. É, ao contrário, aquilo no qual o pensamento mergulha, a fim de chegar ao impensado, isto é, à vida.

(Gilles Deleuze, 1989, p. 34)

O que é um corpo? A primeira vista essa pergunta parece ser simples, ou mesmo básica. Será? Esse foi o título dado por Lima (2002) para apresentar sua experiência etnográfica com os povos Juruna, de etnia Tupi que vivem no Rio Xingu. Refletir sobre o corpo constitui um desafio, o que vem sendo estudado por diferentes articulações teóricas, em distintos momentos históricos, imersos em culturas diversas. São plurais as noções de corpo e elas trazem legitimidades provocadas por hibridizações no conhecimento sobre o tema, exigindo olhar a questão com cuidado e singularidade. No processo formativo venho acolhendo, de modo cauteloso, a variedade de estudos já realizados, para me aproximar da complexidade que esta temática exige.

Maluf (2001) aborda a complexidade dessa temática e o paradoxo que transversaliza os estudos sobre o corpo, incluindo as contribuições da antropologia para as pesquisas. Nestas pode-se perguntar se o corpo é simplesmente o objeto de uma ação cultural ou há algo mais a se dizer sobre ele? Qualquer possibilidade de explicação nos convida a pensar nos limites dessa autonomia dada ao corpo, não apenas como produto, mas também como produtor de cultura, de sentidos e de experiências sociais. A formação do sujeito é atravessada pelo próprio corpo, situado na vida mesma do sujeito. As fronteiras do corpo como expressão das resistências, suas experiências culturais e os modos de ofertar sentidos a sua existência mostram que nada sobre ele pode ser definido como finalização de um pensar.

Enredada por olhares epistemológicos plurais, a discussão em torno do corpo, da corporeidade, transitará numa perspectiva antropológica, em diálogo com autores dos estudos culturais e outros de abordagens pós-modernas. São muitos os estudos que se debruçam nessa temática, o que torna ainda mais complexo fazer os recortes e as escolhas conceituais, sem que elas afetem o corpo da pesquisadora. Como disse Csordas (2008), *estar em campo é estar com o corpo no campo*. Com progressividade e com o olhar curioso, trago aqui as

incertezas que permanecem na construção desse texto inacabado, que assume o tema de pesquisa sem recusas ao que lhe é próprio.

Em diálogos abrangentes, Keil e Tiburi (2004, p.09) apresentam o corpo como aquilo que não sabemos, o inimaginável mergulhado na multiplicidade das verdades que o compõem. *O corpo é o lugar de toda travessia na aventura humana*. Expressão viva dos corpos nômades que encaram a aventura tecida pelo (des)compasso de viver na contramão das normas socialmente estabelecidas, que borram as expectativas do *dever-ser* e arquitetam outras políticas do viver. Não é possível decifrar os enigmas que habitam o corpo, nele estão registros inomináveis de sofrimentos e de prazeres, sinais de violências e de cuidado, memórias de controle e transgressão.

Maffesoli (2007) adverte que

não é então a verdade que importa, podemos deixá-la para os clérigos de todo tipo, mas esse pedaço de verdade de que nos aproximamos na maneira de viver o tempo, no jogo das paixões, na arte de morar ou de se vestir, em suma, naquilo que poderíamos chamar de ‘cosmética transcendental’, como forma de nos acomodarmos no mundo como um todo, vale dizer, no ambiente natural e social (2007, p. 30).

O corpo nômade dos sujeitos pesquisados pede passagem para incursionar o texto conectado ao *ritmo de vida* (MAFFESOLI, 2007), sem compromisso com as verdades convencionais, sem exercer a maldade para defender alguém, apenas vinculado com as paixões do percurso e conduzido para viver o seu tempo. É nômade, que viver a cosmética, que para o autor se apresenta como a relação do ser humano com seu corpo, neste caso, os sujeitos na e da rua. Para mim, a cosmética pode ser compreendida como a própria transcendência corporificada no abandono de um corpo abstrato, tornado objeto para justificar a busca de uma razão com suas crenças, enfeitadas por fantasias que maculam os sonhos e ultrapassam a acomodação do mundo.

Louro (2001), referenciada em outro paradigma assume a reflexão em torno do corpo concebendo-o como um processo de construção permanente, com tracejos contínuos que marcam toda a experiência de cada sujeito, não de modo homogêneo, mas com rabiscos singulares articulados pelos discursos que circulam na sociedade. É nesta sociedade que a autora propõe compreender como as pedagogias

são reservadas a produção dos corpos. Pedagogias essas que, de alguma forma, direcionam para normas regulatórias dos corpos, com pretensão de torná-los estáveis e definidos. *Os corpos são nomeados e discriminados conforme se ajustem, ou não, aos ditames e às normas de sua cultura. Portanto, os corpos são feitos, inventados, também, por tudo que — de fora — se diz ao sujeito, sobre o sujeito, para o sujeito* (LOURO, 2001, p. 30). Ainda que os sujeitos não estejam de forma passiva nos processos pedagógicos, e participem deles com resistências, com reações que escapam ao governo, tudo isso produz efeitos sobre seu corpo-corporeidade.

Ampliar o olhar e inquietar-se com o que vê mexe com a cultura que engendra o corpo da pesquisadora, principalmente quando assumo a *premissa metodológica de que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura* (CSORDAS, 2008, p. 102). Olhar o corpo na perspectiva da “incorporação” é situá-lo no mundo com suas dobras, suas fissuras e sinuosidades, onde cabe pensar as realidades destes moradores de rua. Essa ótica pode ser favorável para analisar práticas que, mais do que expressões sociais em corpos inscritos, criam e recriam corpos, e com eles instituem modos particulares nas relações sociais. Tal ponto de vista contribui para apreciar as experiências humanas não mais pelo lugar onde elas terminam e sim, desde onde começam, sem a necessidade de um ponto para partir.

Trago a contribuição de Judith Butler (2001) para pensar a constituição desses sujeitos como processos, mesmo situados na zona de abjeção, onde são os estranhos que não têm lugar, aqueles que experimentam um não-lugar quando vistos pelos “habitados”. Nessa acepção, o sujeito é constituído de uma força de exclusão e da abjeção, e estas produzem um exterior característico que se repudia, que limita e que é interpretado equivocadamente como fora do sujeito, entretanto, faz parte dele. Essa autora ressalta que a abjeção *relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não-importante’ e o abjeto:*

aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas, cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2001, p. 155).

Judith Butler (2001) conversa a respeito dessa zona de inabitabilidade como sendo o limite do sujeito, mas também o avanço de fronteiras na busca por suas próprias reivindicações, como o direito à autonomia e à vida. Esses corpos-abstractos experimentam um lugar provido de uma identidade que contesta as regras, com fragilidades para respeitar as leis, o que os infiltra em conflitos numa zona de estranhamentos com a norma. Corpos na e da rua tencionam a demarcação da normalidade quando são alocados pelos discursos hegemônicos. Assim e dos jeitos possíveis materializam-se nessa territorialidade, constituídos como corpos que não “importam”.

Para Frangella (2009) há profundidade no modo como os moradores de rua vivem a experiência de seus deslocamentos, o que está abrigado visceralmente em seus corpos:

A trajetória do morador de rua é eminentemente corporal. Não apenas porque o corpo traz visibilidade aos processos que marcam a formação desta categoria. Mas também porque, sendo o único suporte que lhe resta e que lhe é irredutível, atualiza sua possibilidade de existência e as condições atuais nas quais ela se faz. Seu corpo aparece como último território, sobre o que e por meio do qual singularizam-se as manifestações de sua experiência na cidade. Desprovidos de bens materiais, sem casa, absolutamente fora das práticas de consumo, envelhecendo na rua, corpo sujo e fético que os mimetiza no asfalto, o morador de rua aparece como uma ameaça às definições normativas do espaço urbano e às projeções corporais idealizadas (2009, p. 61).

O contato aproximado com os corpos dos sujeitos com experiências de viver nas ruas, dentro do campo de pesquisa, revelou o limiar da zona de abjeção que os constitui. As expressões, os olhares, os gestos no silêncio e/ou no barulho, a existência da polifonia abrem-se para as diversas histórias de vida que assinalam suas existências. São marcas circunscritas e reveladas na pele de seus corpos, por meio de cicatrizes, tatuagens, acessórios, gradações que anunciam os lugares que ocupam. A pele, esta superfície nada superficial, que revela o que há de mais profundo em um corpo (MAFESOLLI, 2005). E cada corpo sabe a dor e/ou o prazer, o significado de seus sinais, sem necessariamente desejar sua revelação. Sinais estes que mantêm a memória viva no cotidiano desses corpos e anunciam/denunciam seus lugares.

Olhares cambiantes circulam pelas ruas, atravessam os corpos-sujeitos, dizem deles e com eles. Olhares que agregam valores ao conjunto de significados que o corpo apresenta em todo o seu movimento de estar aí, no mundo. Olhares que enxergam ou invisibilizam os corpos em manifestação de experiências implícitas e/ou explícitas em torno da interpretação da vida que vivem. Processualmente, desvelam estilos de ser em afinidade. Corpos nas e pelas ruas dançam entre lugares, deslizam pelas fronteiras, expressam existências, afetam e são afetados pelas presenças e/ou ausências enquanto borram os requintados cenários com suas paisagens. Aqui ou acolá, em qualquer lugar, um corpo que olha, olha-se e é olhado, outro que se afeta pelo que olha e metamorfoseia-se no contato com outros corpos.

Outro aspecto parece-me relevante nesse momento: os olhares. Tanto de quem olha, quanto o de quem é olhado na hibridização do encontro, que jamais é constituída de neutralidades. O olhar dirigido ao morador de rua não é apenas preconceituoso, nem somente piedoso. O olhar das pessoas que mira os homens nas ruas carrega crenças, guardam traços culturais, respondem a tempos diferenciados e tampouco é destituído de aportes, anunciados pelos próprios moradores de rua. Ou seja, vemos e deixamos ser vistos n/aquilo que nos interessa, com intencionalidades. Por vezes, talvez seja importante para o residente da rua potencializar suas fragilidades diante do outro que o vê, outrora essa manifestação pode ser indiferente e trazer dificuldades.

Ferracini (2006, p.14) lembra que *em algum lugar, em todos os lugares, em cada lugar, há um corpo em trânsito, de passagem, um corpo em êxtase, um corpo em dança, um corpo em ação, um corpo em resistência, um corpo em criação, um corpo em memória*. Um corpo nômade, indecifrável, inquieto. Como imaginar no corpo que é perpassado cotidianamente por relações que lhe enclausuram e disciplinam, sua pulsão dançarina? É possível um corpo dançar ao mesmo tempo em que resiste? Tenho registrado em minha memória um dos dias mais longos relatos de Jota, com seu corpo dançarino, feito de expressões vibrantes, de enorme entusiasmo de viver, com sua face em movimento, mãos que dançavam fluidamente enquanto compartilhava suas histórias. Foi mágico capturar esse momento. Aquele corpo parecia me convidar para dançar na rua, com a rua, pela rua! *Diante de um corpo dançarino, em êxtase, os outros corpos que se aproximam, vislumbram outras possibilidades de existência e desejo para sua passagem* (Ibid, p.14). É no movimento-dança que o morador de rua concebe sua forma de ser e estar no mundo.

Um corpo que também se anuncia em êxtase e te convida para criar, para imaginar brincadeiras, jogar algumas cumplicidades, ousar como um corpo-em-arte. Uma solicitação para dizer sim a vida e ao mundo e não a um corpo passivo, aprisionado na inércia de existir. A existência como obra de arte talvez seja a linha de fuga da população adulta moradora de rua. Como expus antes, um corpo-em-arte que alude *à inclusão, à diferença, à possibilidade de se relacionar com o outro, em resistência à doxa, à opinião, à frieza, à cristalização dessas mesmas relações* (Ibid., pag. 16).

No itinerário improvável da pesquisa com essa população assumi como uma de minhas ocupações o cuidado na aproximação com esses *outros-eus*, para respeitar os alcances e os limites, para afrouxar as amarras dessa relação que se dá em presença. Como disse Lopes (2007), tinha como desejo atravessar essa experiência como paisagens andantes, sem um planejamento engessado que facultasse admirar o inesperado enquanto pensava sobre o que fazer com os não ditos, as recusas. Traduzir essa gratificante aventura em escrita não me permitiu escapar inteiramente dos devaneios e impressões ligeiras. Pequenas cenas, alguns vestígios, pegadas talvez. *Não há tempo para parar e entender de todo* (Ibid., p. 18). A peça precisa continuar. E o convite agora é para embarcar na teatralidade e/ou realidades criadoras e criativas das vidas em movimento.

Na reflexão a seguir os sujeitos da pesquisa sobem ao palco com suas falas e recorrências às situações experimentadas no itinerário das ruas, onde a corporeidade narra as significações do *viver-ser-aí*. Embora tenha convivido com muitos homens na Associação Vida Nueva e incluído na dissertação fragmentos das conversas cotidianas, por considerar que são complementares para a temática em curso, os protagonistas escolhidos são Jota e Val. Esses dois sujeitos, com suas histórias (possíveis) de vida é que vão contar a rua e o que nela encontram, deixam, aprendem, ensinam, escondem, revelam, manipulam, acolhem, amam, matam...

PIRUETAS NO TRECHO

Não avisei ninguém. [...] Me larguei no trecho. A primeira noite, o primeiro dia, quando eu cheguei em Terra de Areia foi maravilha, sempre jogado, fumando minha maconha... Aí começou a passar o efeito da pinga, comecei a procurar trabalho na rua, não saiba nem pedir um prato de comida. Me encontrei com um cara, não me lembro o nome dele, mas ele vinha subindo...

- Tá no trecho?

- Ah tô na rua, vou indo.

- Quer andar comigo?

- Vou sim.

E foi com ele que aprendi a pedir dinheiro, comida.

Que não era pra ter vergonha, chegar e pedir.

[...] Fui até Araranguá caminhando com ele.

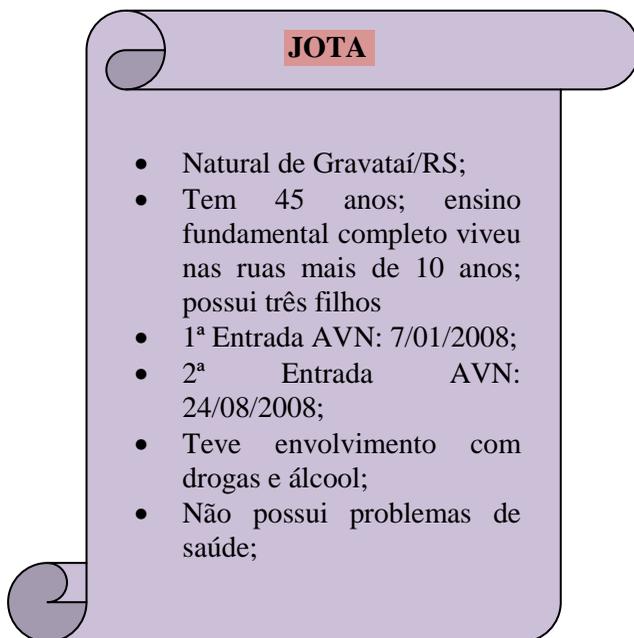
(Sujeito Jota)

É com a fala do sujeito Jota que abro as cortinas para continuar a contar o enredo desta peça. Um enredo que parece começar algo, que anseia por achar um ponto de partida para o que é nômade desde a origem, para o que dança em piruetas pelos trechos que percorre, ou mesmo para o que joga com o que a vida oferece em cada ato. As narrativas partilhadas com os sujeitos da pesquisa se configuram como *experiências* vividas a luz de suas realidades, sentidas corporalmente no tecido social. Trago algumas cenas-diálogos com o privilégio de meu olhar para o momento e deixo outras tantas de fora, também por não saber onde situá-las na escrita da dissertação. São opções intencionais as minhas, seja pelas diferenças e/ou semelhanças que me aproximam, seja porque elas me afastam do meu modo de *ser-no-mundo* e do lugar que falo. Neste recorte, o desafio é apresentar os discursos dos sujeitos, costurados com o olhar único e particular da pesquisadora, ainda que pincelado pelas fontes bibliográficas que solvi durante o processo da pesquisa.

As piruetas no trecho estão divididas em atos que compõem o enredo desta peça, interpretada-vivida por seus dois protagonistas. No primeiro ato faço a opção de contar os detalhes possíveis que dão sentido à história de vida do sujeito Jota. No segundo ato trago a cena do segundo sujeito participante da peça, aqui identificado como Val. De ambos juntei os retalhos narrados por seus corpos-protagonistas, organizando as cenas situadas por seus entornos para tornar o enredo

compreensível aos espectadores, a fim de que possam emitir suas opiniões a respeito do que escutam, das imagens que elaboram, das marcações que enunciam instantes de vibrações e apatias. No terceiro ato experiencio a hibridização dos dois anteriores, intercalando as narrativas dos protagonistas e minhas ousadias interpretativas. Coloco no palco Val e Jota para que possam bailar suas semelhanças e diferenças.

Primeiro Ato



Jota é um homem negro, com dez ou mais anos de vida nas ruas. Natural de Gravataí/RS chegou a cursar o ensino fundamental completo. Por volta dos 20 anos foi morar junto com a primeira esposa, com quem teve um filho. Ele trabalhava numa metalúrgica, ela num supermercado, enquanto o filho ficava sob os cuidados da sua mãe e da sogra. Com o Plano Collor Jota ficou desempregado por um tempo, mas depois começou a prestar serviços numa madeireira. Ficaram casados cerca de seis anos e a separação aconteceu porque ele se envolveu com outra mulher durante um baile e foi flagrado pela sua mulher. Separado voltou para casa da mãe, e nessa época começou seu envolvimento com

as drogas. A bebida já fazia parte da sua rotina. Pouco tempo depois ele pediu demissão da madeireira, por já estar envolvido demais com o uso de drogas: *não tinha mais coragem de ir trabalhar, só fazia biscates quando tinha vontade.*

Ainda em Gravataí Jota freqüentava uma casa onde muitas pessoas se encontravam para usar drogas, onde conheceu outra mulher que não era usuária e não apreciava bebida alcoólica, mas que, segundo ele, *era louca de ferrar.* Esta se tornou sua segunda esposa, com quem seguiu numa relação conjugal por uns sete anos, como ele narra, e teve dois filhos. Por já está muito comprometido com o uso contínuo de substâncias psicoativas *chegava em casa agressivo, quebrava as coisas, arrumava as mínimas coisas e botava defeito em tudo. E a mulher foi se desgostando cada vez mais de mim. Daí ela achou um cara, um policial. Sofri, apanhei um monte comigo mesmo, fiz muita coisa errado pra ela.*

A separação aconteceu com audiências para acertar os procedimentos, quando a justiça determinou que Jota mantivesse uma distância da ex-companheira. Nessa dinâmica ele perdeu o contato com os filhos e voltou para sua cidade de origem. Sem conseguir trabalho perambulava pela casa dos parentes, de onde era *escorraçado pela própria família por causa das drogas.* Nesse período enfrentou a desconfiança de todos e narra que *se sumisse alguma coisa dentro de casa, mesmo que não fosse eu, fosse o sobrinho, eu é que levava a culpa.* Jota, desiludido resolveu pegar o *trecho* e ir atrás da mulher com quem havia se envolvido no baile, quando ainda estava casado com a primeira esposa. Tomou esta decisão porque tinha informações de que a referida mulher morava sozinha. Mas Jota não a encontrou e resolveu continuar sua jornada no *trecho*.

Sua narrativa sugere fatores *espiralados* cuja dinâmica tece um enredo que é comum às pessoas em situação de moradia nas ruas, como destaca Snow e Anderson (1998, pp. 403 e 414), o que pode configurar algumas *raízes biográficas do desabrigo*, tais como a perda dos vínculos familiares, a rejeição social, a vulnerabilidade gerada pelo uso recorrente de drogas, a quebra dos laços afetivos com filhos e parceiros. *A falta de apoio familiar figura, de algum modo, no processo pelo qual indivíduos se tornam moradores de rua.* A dependência das drogas e os efeitos decorrentes, em geral produzem um esgotamento emocional dos familiares, que não encontram saídas duradouras para a reabilitação dos sujeitos. *Essa imagem dos moradores de rua os retrata como membros importunos de famílias, quanto mais intactas e relativamente saudáveis.*

Jota chegou pela primeira vez à Associação Vida Nueva em janeiro de 2008, como “demanda espontânea”, ou seja, quando alguém

aparece no portão da AVN, alega sua condição de moradia nas ruas e pede para ficar. Abrigado na Associação Jota permaneceu ali por nove meses, então, retornou às ruas. Em agosto de 2010 ele reapareceu pedindo acolhimento pela segunda vez, quando foi aceito, e sua estadia na AVN durou até janeiro de 2011. Apesar da quebra nos laços familiares, Jota conseguiu manter contatos telefônicos com sua mãe, enquanto morou na AVN.

O cenário para nossas cenas-diálogos era privilegiado, nos levando ora ao mar, ora ao pomar que contornava a Associação. Nossos encontros eram solicitados previamente aos gestores da instituição que sempre os autorizava, assim, algumas vezes, em dias de sol, caminhávamos até a praia da Enseada do Brito, município de Palhoça, localizada a poucos metros da AVN. Ali nos sentávamos sobre as pedras ou em bancos improvisados feitos de troncos de árvore pelos moradores locais, onde viajávamos nas conversas com suas previsibilidades e seus inusitados. Quando os encontros aconteciam pela manhã, eu ficava atenta ao horário do almoço que era religiosamente seguido pelos Freis: ao meio dia para todos. Certa vez nós passamos alguns minutos do horário habitual e generosamente fomos chamados, na praia, por um companheiro de morada da AVN. As cenas-diálogos que ocorreram no pomar, um espaço amplo dentro da AVN e diversificado de espécies, com bela área verde, tinham uma conotação mais visível de informalidade, o que favorecia a partilha dos conteúdos narrados, muitos deles divertidos ou fantasiosos.

Do pomar podíamos subir o morro que fica na parte de trás das casas e lá de cima desfrutávamos de uma vista ainda mais privilegiada, com a beleza realçada da praia e dos morros ao seu entorno. Conversar com Jota nestes cenários era um jeito de mantê-lo no movimento similar ao das ruas, caminhando, olhando um pouco do que estava a nossa volta e dividindo um tempo entre a sua fala, as minhas perguntas e as nossas escutas. As relações familiares tinham ênfase na narrativa, acenando para um traço que pode ser considerado próprio de uma “família problemática”, com atitude (...) *disfuncionais e abusivas* (ibidem, 1998, p. 414) que estimulam estes homens, fragilizados por múltiplas circunstâncias, a buscarem refúgio nas ruas: *os refugiados domésticos* (idem, p. 414).

Misturada pelos sentimentos gerados nesta experiência estabeleci um forte vínculo com Jota, alguém que considero um sujeito de bom coração, sempre disponível para nossas conversas, bem humorado frente ao seu viver, comunicativo, educado e trabalhador. A primeira cena-diálogo que aconteceu na praia, um lugar público, aberto,

entrecortado por barulhos, me levou a utilizar o gravador, mesmo com o receio de perder o caráter informal que desejava assegurar em nossa estréia. Foi uma decisão acertada, pois logo nas primeiras narrativas, as muitas informações borbulhavam aceleradamente atropelando o ritmo das anotações em meu diário de campo. Comecei a preparar o gravador para usá-lo, caso precisasse, e Jota fez sua intervenção na cena: *melhor você gravar senão vais cansar, porque são muitas histórias*. E assim fiz, gravei sua narrativa que me aprisionou muitas horas no trabalho de transcrição.

Jota trazia para as cenas-diálogos expressões de *um corpo em êxtase, um corpo em dança, um corpo em ação, um corpo em resistência, um corpo em criação, um corpo em memória* (FERRACINI 2006, p.14). As palavras saltavam de seus lábios bailando em gestos diferentes, conforme a mobilização emocional do que dividia comigo. Desde a primeira vez em que o convidei para participar da pesquisa, sua receptividade corporal colocou-se inteiramente presente. No primeiro dia ele parecia estar entregue a ouvir sua própria história e encantado por eu estar na platéia, na peça da sua vida. Todos os momentos de narração de suas histórias eram proclamados visceralmente, gesticulando as mãos e deixando ver o brilho nos olhos. Tinha a impressão de que ele vivia em tempo real a cena contada, sem se importar com o fato das lembranças serem boas ou ruins. Como uma música em *remix*, todo o corpo de Jota se re-mexia.

Na narrativa de abertura desta peça Jota anuncia seu primeiro dia no trecho, do qual puxo alguns fios para entender porque e como ele fez sua estréia nas ruas. Observo alguns fatores no conteúdo de suas falas: que a presença do *outro* configurou a diferença no seu percurso; que são necessárias aprendizagens para sobreviver no trecho; que a mendicância é uma estratégia de sobrevivência; que o uso de substâncias psicoativas³³ faz parte do estar no trecho. Abro parênteses para revelar as dificuldades em eleger as cenas-diálogos que traria para esta peça, pois cada parte e/ou o todo delas oferecem infinitos fios para serem conchegados no texto, costurados nos argumentos, desmanchados pela insuficiência das explicações, bordados na estética do tecido social humano.

³³ Não é foco desta pesquisa problematizar o uso das drogas por parte desta população, por isso este assunto não integra o enredo como cena privilegiada. Contudo, fazer referência a esta questão é pertinente, dado que ela atravessa, visceralmente, a vida da população em situação de moradia nas ruas. O uso de álcool e outras drogas é frequente nesta população.

Na tessitura deste enredo observo que *a mendicância é a exploração mais regular* (RIO, 2008, p. 181) entre quem habita as ruas, sendo talvez a mais tradicional forma de sobrevivência para quem não tem trabalho formal e não busca na informalidade angariar alguns recursos. Conforme Rio (2008, p. 181), *pedir, exclusivamente pedir, sem ambição aparente e sem vergonha* é uma prática comum que os assemelha, tanto na beira da estrada, quanto nas sinuosidades do trecho. Sem aparentar qualquer dificuldade, estes homens se diluem, no dia a dia, a usufruírem desta prática, normatizando-a como fonte de renda. Com o passar do tempo e na constância desta, Jota anuncia um certo orgulho em ser um “mendigueiro”. Com certa naturalidade conta, em tom de deboche, como ela se materializa:

[...] era 9hs da manhã, não sabia direito, bah hoje tá ruim, hoje vou procurar trabalho. Só dei uma volta, uma vilinha assim, é aqui mesmo. Dei uns balaços fortes³⁴, pensei, hoje vou criar vergonha, vou ficar bem sem vergonha, falei assim mesmo, ficar bem sem vergonha. Fui, tum, tum, quando terminou lá naquela esquina, bah fui contar o dinheiro, já tava com cento e trinta pau (R\$ 130,00).

- Só de pedir nas casas?

- *Só de mangar, tô te falando.*

- Não deu nem o dia todo, em quanto tempo?

- *Não, não deu nem três horas, 13hs eu já tinha almoçado, tomando cerveja nas casas, saí com 130 conto e dois boteco que eu entrei, ao invés de comprar, saí de cada boteco com litro de 51.*

A expressão corporal de Jota colocada na cena do diálogo acima foi intensa, e desde o início, as palavras travestidas de gírias saltavam nômades de significados. Com progressividade elas foram dando a gradação dos movimentos corporais, desvelando o gingado com seus trejeitos, as *caras e bocas*, como se a cena pedisse uma performance exacerbada. Com ar cheirando a malandragem, com sabor de esperteza degustado com prazer, a cena ganhava dimensão infinita de gozo por quem contava. E a cada intervenção minha, com tom proposital de encanto-surpresa-curiosidade eu entrava no exercício do meu *espírito*

³⁴ Gíria utilizada entre eles para dizer que tomou bebida alcoólica.

vagabundo, cheia de inquietudes que alimentavam a nossa contínua *arte de flunar* (RIO, 2008, p. 31).

O arranjo destes fios evidencia que as aprendizagens das ruas dispensam a exigência de escolaridade e outros critérios a priori. Ele atinge homens, mulheres, adolescentes e crianças em situação de rua e contexto de miserabilidade. No cenário da mendicância os sujeitos logo entendem como chegar a malandrice, usando como recurso de exploração da compaixão alheia os agenciamentos de suas dores e os aniquilamentos que elas produzem na aparência, na estatura corporal. Usam um largo vocabulário de lamúrias que faz exaltação aos sofrimentos, experimentando-se entre a sinceridade e a fantasia consciente. E quem aparece para essa cena? O corpo. Por inteiro ele anuncia sua necessidade, real ou imaginativa não importa, é o corpo que se apresenta e pede, simplesmente pede! No *gesto* fragilizado, na *fala* submissa, no *cheiro* ‘fedido’, no *olhar* entristecido/sofrido, no *sentir* miserável, esse corpo se põe no mundo encharcado de táticas de malandragem para arrecadar recursos e suprir seu ser-estar nas ruas. Arrisco a dizer, de acordo com a fala de Jota, que tais táticas garantem acesso a necessidades que estão para além da manutenção fisiológica:

- Era difícil pra você não ter dinheiro, ou quase sempre tinha?

- *Quase sempre, quase sempre, às vezes até sem querer, antes de colocar aquela calça velha que tava tão suja eu revistava e achava um dinheiro perdido, sempre tive.*

- Já passou fome?

- *Nunca, nesse tempo todo, dez, onze anos de rua, nunca mesmo. Nunca fui numa lixeira pegar um pão, ou uma fruta, não, nunca.*

Retomando o primeiro fio da fala de abertura, estar nas ruas é estar na vida, ora sozinho, ora acompanhado, o que faz diferença para enfrentar as adversidades que lhe são apresentadas. Peço licença a Skliar para emprestar sua frase, a fim de qualificar minha reflexão: *e se o outro não estivesse aí?* (2003, p. 19). Como poderíamos dizer desta sociedade e de suas cartografias? Uma frase curta, mas longa na profundidade do seu dizer, ela impulsiona pensar alguma coisa que aparenta ser exterior a mim, algo que não sou eu, que desvela um outro lá, longe, diferente, sem tanta visibilidade, sem prioridade no cotidiano da vida coletiva. Mas tudo isso me diz respeito porque o *outro* é alguém que me habita.

Frases corriqueiras do tipo: respeitar o outro, ajudar o outro, *conduziram para tornar o uso da palavra outro mecânico e moralizante* (ibidem, p. 30). Entretanto, esse não é o sentido de *outro* que o autor nos traz para reflexão. A com-vivência no trecho gravou nuances advindas dos encontros com tantos *outros*, por vezes (in)desejadas.

Retrato desses encontros com o *outro* são expostos nos adereços que dão forma ao movimento empreendido para buscar trabalho, especialmente quando a situação no trecho estava *apertada*. Como narra Jota:

cheguei no posto e pedi um pão:

- Tem um pedaço de pão e um café? Ele perguntou:

- Quer trabalhar?

Se tiver serviço não quero mais nem o pão, nem o café. Daí me deu o serviço.

Durante o tempo em que trabalhou no posto de gasolina localizado na BR-101, às margens da cidade de Içara-SC, no sentido sul do estado, outros encontros foram forjados. Mesclado culturalmente pelo envolvimento com tantos *outros das ruas*, Jota compartilha seu caminhar nos trechos enfeitado por espetáculos mágicos que se confundem com as vivências reais. Descreve acontecimentos como se eles brotassem de uma cartola, e assim os faz desaparecer, talvez para esconder as dores da alma que habitam a escassez desse universo complexo chamado ruas. No subterrâneo está o que se esconde do imaginário fantasioso e cria na superfície outro Jota, o da festa malandra, esperto.

Vejamos uma narrativa sua, que embora longa é cheia de detalhes que remetem aos serviços prestados no posto de gasolina.

Comecei a limpar, capinar, deixava bem limpinho tudo, aí com o tempo comecei a abastecer o freezer; daí comecei a mexer com a maldita da cachaça, menti pra ele [para o proprietário do posto], disse que não bebia. Com tempo ele viu, sentiu o cheiro...

- Oh Jota, tá mexendo na minha cachaça?

- Oh, não vou mentir, quando tu mandar eu abastecer me dá um litro e eu não mexo na sua cachaça.

-Ele disse:

- Um litro não te dou, mas te dou uma garrafa.

Aí fiquei ali trabalhando. Nesse meio tempo fiquei lá, chegava a trecharada [outros sujeitos que habitam postos de gasolina e transitam pelas rodovias] eu ajudava, dava pinga, levava comida na mesa... Tinha vários amigos meus do trecho.

- Ah tá bem negão, fica aí que o trecho tá ruim, eles dizem pra mim.

Eu olhava eles e... bah, louco pra largar junto com eles, mas fui ficando, ficando [meio contrariado, permaneceu no posto].

A influência dos parceiros pode querer nos dizer que *todos somos, em certa medida, outros* (SKLIAR, 2003, p. 25). E mesmo na solitude³⁵ do trecho carrega no corpo muitos *outros*, vivificados por tudo com o que cruza no caminho, pelos que passam e/ou permanecem constituindo-se em circunstâncias que habitam e fazem habitar nele o que está em nós. *Sem o outro não seríamos nada*, ficaríamos na opacidade de nós mesmos (ibidem, p. 29). Vivido com certa saudade e arrependimentos de ter abandonado essa oportunidade, tempos depois Jota trouxe para o enredo as lembranças corporificadas de cada pessoa que conheceu nesse tempo. Esses *outros* que o habitam, sustentam sua existência e fornecem fôlego para vislumbrar outras experiências possíveis no recorte da sua jornada.

Jota fala de outros momentos percorridos onde é notável a generosidade diante da dor do outro:

Em Laguna também teve momentos de salvar pessoas. Vinha vindo no trecho, veio um motoqueiro fazendo trilha e quando vi uma moto rodou, aquela moto ficou rodeando no chão, veio outra e bateu. Eu tô arrastando a mulher do motoqueiro, ela caiu, bah vi o osso da perna dela, peguei o corpo dela, arrastei, tirei minha mochila, tirei o galo como nós chamamos, botei a cabeça dela em cima, ela botando sangue. Nisso que eu tô conversando com ela ali, dando atenção e o cara gritando no barranco, veio outra moto bateu naquela, e a segunda moto passou por cima de mim. Eu abaixado com ela, ainda disse baixa o teu braço pro sangue parar de correr. Um carro parou e viu toda cena, o cara falou:

³⁵ A solitude é diferente da solidão. Compreendo como um estado em que o indivíduo se sabe só no percurso, mas não se sente abandonado, sem ninguém.

- oh cara tu nasceu de novo, oh negão tu nasceu de novo.

E eu não vi, só vi um monte de poeira que a segunda moto bateu na moto no chão, voou por cima de nós dois e o cara voou no barranco de terra, saiu correndo, saiu um monte de terra e as rodas começaram a patinar. Daí, ali eles me apelidaram de salva-vidas, 'oh salva vidas tá sumido'. Tenho conhecimento, graças a Deus, um conhecimento bom ali.

Essa experiência é narrada por Jota como expressão da bondade que também intercede no trecho, criando pautas de vida em meio a sofrimentos. A nomeação recebida de 'salva-vidas' faz desabrochar sua autoestima de "negão" diante daquele *outro* em apuros, faz ele ser visto pelos habitados das cidades. Sabemos que os apelidos são comuns entre pessoas situadas nesse contexto e muito usados entre os que estão no trecho, uma herança das características atribuídas pelos pares para dar a alguém o (re)conhecimento apropriado. Neste caso, o apelido tem uma dimensão qualificadora das ações dos sujeitos, como Jota orgulhosamente deflagra ao finalizar seu feito, agradecendo a divindade pelas marcas de suas pegadas deixadas na região.

Eu ia direto no baile no trecho. Em Capivari de Baixo, aqui eu fui num baile; me arrumei, cheguei no posto de gasolina, eu tinha dinheiro, tinha 130,00 reais, cheguei num caminhoneiro pedi prestobarba pra ele, me deu junto com um sabonete. Fui no posto de gasolina, tomei banho, banho é liberado, fiz barba, botei roupa nova, pedi pro frentista:

- Oh vou deixar meu cobertor e minha mochila aí escondida.

- Ah deixa aí que vou trabalhar a noite toda, eu deixo pra ti.

- Vou no baile ali.

Eles começaram a rir, capaz que tu vai no baile...

Interessa-me, com esta cena, mostrar que no trecho também há uma estética afetiva com o corpo, a qual é enredada numa poética do cotidiano como experiência criadora do estilo de estar-no-mundo. Uma estética particular para demarcar, sem medos nem riscos, seu lugar de protagonista da sua vida naquele instante, que mesmo duvidado por quem assistia, não inibiu sua intencionalidade. No imaginário coletivo

esse prazer de dançar a vida não está como possibilidade para o morador de rua, mas é na tragédia que aprendem a viver a comédia, ou seria invertida esta lógica? O mérito do narrador está estampado na ousadia de driblar a trágica-comédia e/ou a comédia-trágica que atravessa seu corpo dançarino.

A continuidade da noite de Jota está revelada no diálogo a seguir:

*Daí tô dançando, tomando cuba ali, tinha uma morena olhando, olhando, eu **tava bem arrumadinho** (grifos meus), olhava, olhava, ofereci pra ela, convidei pra dançar, dançamos umas três músicas, perguntei o nome dela, Regina o nome dela, ela perguntou:*

- Tu mora onde?

- Eu moro no trecho.

- Tu sempre falavas a verdade para as mulheres?

- Sim, eu moro no trecho falei pra ela. Daí ela:

- O que que é isso, o trecho?

Ela não sabia.

- Trecho é morar na rua pra um lado e pro outro.

Daí ela:

- Peraí um pouquinho que eu vou ali no banheiro e já venho.

Me deixou de bobeira e nunca mais. (risos). [...] fui falar a verdade daí ela me deixou de bobeira, bah. No maré alta [um clube da cidade de São José-SC] era direto, fui já direto, um monte de festas.

No momento deste relato, as risadas, as minhas e as dele foram inevitáveis. A estranheza deflagrada pela moça neste encontro-experiência foi narrada com apreço e gosto pelo sujeito, ao lembrar alguns momentos hilários de sua caminhada. Da Regina também nada soubemos. São situações semelhantes com aquelas que nos deparamos cotidianamente. Aceitar o *outro* que se apresenta estranho, inominável, que não é regido pela nossa autorização e nem pelo nosso respeito torna-se desafiador. Conhecer, sentir, pensar o outro, não implica em questionarmos “o que ele é?”, como assinala Louro (2004), nem submetê-lo ao binarismo do “isto ou aquilo?”, traduzindo em lógicas definidoras e dicotômicas? Na medida em que nos disponibilizamos ao encontro com este outro, em vez de “o que é” perguntamos “como ele

é”, e assim fazemos uma opção pelo conectivo *e*, ou seja, o *outro* é isto e também aquilo. A curva do diálogo seria diferente se a pergunta fosse: como é morar-viver no trecho?

Morar no trecho convoca aos momentos de estar *bem arrumadinho*, a fim de dançar com a música que a vida lhe oferece. Nesta dança pode arriscar-se ao imprevisível entre o deleite e destemperança para lançar seus desejos ao vento. Ser rejeitado, ser desejado são portas abertas pela música a embalar seu corpo. E também estar *maltrapilho, fedorento, cabeludo, barbudo, magro*, como descrito pelo próprio Jota em outra ocasião da nossa conversa. Estar no trecho é ser seu próprio território de existência em constante movimento: *eu indo a pé já vou conhecendo vários lugares; não tenho pressa pra ir nem pra voltar e já vou conhecendo muitos lugares, um mais bonito que o outro. O que me interessa muito são as paisagens.*

Mas não foi só no jogo da paquera que Jota escolheu a sinceridade como cúmplice de suas coreografias, mesmo correndo o risco de não garantir seus objetivos, como achar trabalho, encontrar um amor, um flerte. Fatos que não escondem as vezes em que fez uso de mentiras quando achou conveniente. Narra Jota:

Bati num baita de um depósito de tratores e perguntei:

- Vem cá, o senhor não tá precisando de alguém pra trabalhar?

- O que você sabe fazer?

- Limpo, sei tratar dos animais, capino...

- Cara, eu tô precisando, ele falou; tenho 3 fazendas, tô precisando de um peão mesmo, sabe mexer com isso?

- Aplico injeção, mato gado...

- Então lhe perguntei, você faz isso mesmo ou era lábria?

- Faço, faço tudo isso.

- Da onde tu és, tens documentos? Vou passar seu nome na polícia pra ver se não tem nenhuma passagem.

- Não tem problema, tá aí. Identidade, eu sempre carrego.

- No outro dia de manhã vou te levar na fazenda, ele disse.

Jota conta que no dia seguinte ele foi levado para a fazenda do homem que o estava aceitando para trabalhar.

Fui pra fazenda dele.

- Quem sabe tu quer ficar hoje aí?

- Não, não, olhei, daí ele disse:

- só tem um problema: se te pegar bebendo aqui te boto na rua sem direito a nada, bebendo dentro das minhas terras, vai pra rua.

- Ah, pra mim não me serve.

- Pensa bem, pensa bem. Assim que eu gosto, de pessoas assim. Mas pensa bem, pensa. Também vou pensar, vou falar com minha mulher.

Mostrou os gados, o que era pra eu fazer. Me levou no depósito de novo, chegou outro dia de manhã falei:

- Não, não, não quero o serviço.

- Oh Jota pensa, sua chance de mudar de vida, sei que precisa de um terreno, compro terreno pra ti, fica comigo aí uns seis meses que compro o terreno.

Eu não fiquei, só porque eu tava bebendo, fui honesto com ele.

Jota, tanto nessa situação como na anterior no posto de gasolina deixou transparecer sua autenticidade, na medida do possível. Encarava relações de trabalho tendo como foco alcançar a credibilidade necessária para garantir a manutenção do seu vício. Na situação do posto, a negociação foi possível e manteve-o por um tempo trabalhando no local. O mesmo não aconteceu na trama acima. Entretanto, o cuidado com que Jota assumiu sua verdade traçou uma cena que permite ao outro e a si viver o mundo a partir de suas próprias possibilidades. Jota sempre falou com orgulho das pessoas com quem construiu relações afetivas no percurso do seu trecho. E foram muitas. Com o corpo expandido em sorrisos expressou: *bah, como a gente conhece gente no trecho.*

As pessoas, assim como os lugares arquitetam nossas histórias. As intrigantes narrativas de Jota, até o momento, são fragmentos de uma vida encharcada pelas experiências, agora compartilhada com a platéia quando as cortinas são abertas para mostrar o cenário das ruas. Histórias legítimas e dignas de provocar deslocamentos, alguns com poesia, aberturas, vida, outros com morte, prazer, dor, e todos relevantes para compor as passagens por este mundo. Aspectos de sua história, mesmo que lapidados pela minha escrita não escondem descrições muito difíceis de ser escutadas. Tento me proteger das reações que elas provocam em meu corpo criando “enfeites”, mas recuo para garantir a

fidedignidade das emoções-afetações que elas significam. Vamos a uma longa narrativa. Jota conta que,

em Santa Rosa do Sul [no RS], uma vez cheguei cedo, tava fazendo uma sopa com tijolinho, uma latinha aberta no meio, tinha pego batata, um frio, frio... Ficava fazendo artesanato, mas não sabia que aquilo ali era um ponto de droga e tô ali né. Passou viatura da polícia, olharam, olharam cumprimentei eles, mas eles não viram. Daqui a pouco, umas seis, sete horas da noite chegou um motoqueiro, começou a vir carro, aí eu vi que o cara começou a passar droga.

- Aí moreno tu é da onde?

- Sou do RS, tô no trecho.

- Ah pode ficar na boa aí que aqui não dá nada.

- Tá legal. Oh, a polícia passou aí.

- Não, não, eles passam todo dia.

Eu não sabia que eles tavam pra estourar a boca ali. Aquele movimento, já chegou mais 4, 5, com ele já dava 6 e eu 7. Eles ficavam ali, eu fazendo minha comida, bebendo.

- Posso tomar um gole? O cara pediu.

- Pode

- Depois nós mandamos comprar um litro pra ti aí.

- Tá legal.

Aí os caras mandaram comprar mais um litro, tomamos. Bah, eu tava bêbedo, louco pra dormir, mas só bêbedo pra dormir, tava cabreiro, olha só como meu santo é forte, tava assustado pensando que a policia ia chegar ali. Era umas dez horas da noite, tavam tudo ali, fumando droga, vendendo. Daí eu peguei no sono, enrrolei.

- Pode dormir aí moreno, pode dormir de boa, ninguém vai mexer contigo.

- Tá legal, vou dormir, pode ficar tranqüilo que eu sou da paz.

Falei pra eles e dormi. Daqui a pouco, me acordei com dois carros que entrou no barranco, botaram farol, e aqueles caras começaram a apanhar. Nisso eu senti que passaram por cima de mim, ou se encostaram em mim, aí a polícia viu, quando me olhou, botou o lanternão, tava

enrolado no cobertor, olhei aquela lanterna na minha cara...

- Te levanta vagabundo! Custei a levantar, tava com minhas pernas doendo, tinha caminhado demais, tava bêbado, quando mal levantei, o cara me arrebentou pra cima, cheguei a cagar nas calças, pegou em cima da espinha, bah um cara forte, me levantou, quando sacudiram minha coberta, caiu terra, barro, caiu quatro trouxinha de droga. Não tinha fumado, não tava a fim de fumar, eles me ofereceram.

Perguntei a Jota: a droga era deles?

- Era deles, eles tinham enfiado em mim na hora que tava dormindo e a polícia me levantou, aí caiu aquelas petecas no chão.

- E aí moreno, se tu não fuma, de quem é essas drogas aí?

- Essas drogas não é minha seu, não sei de quem é.

E os caras todos ensangüentados na parede, seis ali apanhando. Aí um tenente viu e...

- Não, não, esse baixinho correu ali pro lado do moreno, eu vi a hora que ele correu, procura que tem mais.

Bah, e eu tremendo e os outros tudo a fim de dar em mim. O tenente dizia assim:

- Não, não, esse aí é andarilho rapaz, esse cara aí não tem dinheiro pra nada, o cara não tem dinheiro nem pra droga.

Revistaram minhas coisas, derrubaram minha comida, viraram a pinga no chão...

- Tu senta do lado aí. Mandaram sentar, tiraram eu, não bateram mais em mim, não tiraram sangue, mas os outros tavam tudo ensangüentados.

- Agora tu vai assistir um filme.

- Bah, quando eles disseram assim Claudia...

- Eles disseram assim?

Disseram. Daí eu tremia, aqueles caras era de coronhada em cima da cabeça, o sangue corria, e os caras ruim, ao invés de dizer que eram deles, dizia não é meu, não é meu. Daí algemaram eles,

pegaram seis, botaram três numa viatura e três na outra.

- Vamos levar o andarilho junto também. Daí o tenente disse:

- Deixa o andarilho aí.

Bah, acho que aquilo foi um anjo da guarda que tocou no coração daquele cara.

- Deixa ele aí, coitado do cara, vou até trazer umas roupas pra ele, o cara ta todo sujo, todo cagado, oh o que vocês fizeram com o cara.

Pegaram meu nome, minha identidade, passaram no rádio...

- Nada consta, o cara é liberado, não deve nada, 44 anos não tem passagem na polícia nenhuma, vamos deixar aí.

- É moreno, fica aí.

*- Vou pra onde, todo quebrado, chovendo, não sabia se ria ou se chorava. Aí pensava, tenho que cair fora, **não quero mais o trecho, aí eu via que o trecho começava ficar pesado** [grifos meus].*

Pausa para respira diante de tantas violências. Todas as vezes em que me deparei com essa cena, lendo-a e relendo-a fiquei tentando lapidá-la para usar na pesquisa. O ar me faltava e um aperto no peito tomava conta de minha corporeidade. A descrição de Jota foi tão densa que novamente a visceralidade se manifestou, tornando inevitável não imaginar as imagens do “filme”, em tempo real do acontecimento. No momento dessa cena-diálogo, estávamos sentados no morro do pomar da AVN, com vista para o mar, num lindo dia de sol. Parecia incompatível com os detalhes divididos no encontro, os quais estavam sendo lançados através de suas palavras. Sem pausas do narrador e com mínimas intervenções minhas, o “filme” era colocado para fora como “vômitos” e meu corpo sangrava pela afetação do que ouvia, assimilando os rituais de destruição onde os humanos são protagonistas por excelência.

As cenas de violências descritas por Jota me obrigaram a considerar o quanto de vulnerabilidade social os humanos dos trechos enfrentam, mas também qualquer pessoa que desperte desconfiança em agentes policiais, alguns deles viciados em suas apostas de impunidades diante dos excessos que a farda parece esconder. Para essas práticas, que se repetem em muitos lugares, ainda há permissividades para *o aplauso dos medíocres* (RIO, 2008, p. 29). Violências manifestas e com ramificações profundas, algumas inimagináveis, posicionam a

responsabilidade da pesquisadora ao olhar para as atitudes cotidianas que ganham notoriedade nas cenas mais próximas.

Quais são as implicações destas violências quando os discursos verbalizam que é preciso “resgatar” os inadequados? Como olhar para estas e outras violências sem projetá-las como próprias dos riscos que correm aqueles e aquelas que escolhem as ruas e os trechos como morada? O que sentem os corpos violentos-violentados dos sujeitos implicados nessa trama? Os sujeitos não estão lá, estão aqui, habitados em cada um de nós, com potência de praticar, receber e limitar, banir, inibir as violências no tecido social? Atravessado por esses sustos-violências narrados num mesmo dia, Jota traz outros fragmentos da sua história, com um ar mais descontraído. Ao final ainda consegue fazer um comentário bem humorado com a situação: *não saiba se ria ou se chorava*. Esse era o toque pessoal que Jota dava para as adversidades que apareciam no seu trecho.

Nisso chegou o Ricardo³⁶, um trecheiro de Passos de Torres/RS:

- Ô negão, o que aconteceu que eu vi a polícia de longe?

O Ricardo tava no posto de gasolina próximo e ficou espiando e sabia que eu tava ali na igreja. Daí ele veio empurrando a bicicleta azul dele.

- Ah cara tomei um pauzão, os caras tavam aqui traficando e pensavam que eu tava junto.

- E será que vão voltar?

- Ah, eles falaram que vão voltar, vão pegar esses celulares aqui, e essas bicicletas aí, não bota a mão nesse troço aí.

- Ô negão vou ficar contigo aí então, se eles vier diz que eu tava contigo, tava no posto.

Aí um policial encostou, trouxe uma sacolada de roupa, trouxe uns dois litros de leite, um pão de aipim, me pediu desculpas umas trezentas vezes; o tenente falou:

- Cara, não era pra ter feito isso aí contigo, me desculpa, os caras são violentos.

*- Nada, sei tenente, vocês tão no serviço de vocês, sei que tem os caras bons e ruins, **minha sorte foi que o senhor foi um cara bom pra mim, senão eu tava lá no xadrez essas horas.***

***Bah, aquela noite ficou marcada** (grifos meus).*

³⁶ Nome fictício.

Alguns aspectos chamam a minha atenção neste episódio. O trecho, como um lugar onde também se pode cultivar laços afetivos, promove amizades inspiradas na solidariedade. Há ali atitudes de cuidado com o outro-Eu, retribuídas por Jota: *Ricardo era bom de andar, também faz artesanato, sempre com dinheiro, tem casa inclusive, mas mora no trecho, não consegue ficar em casa.* O encontro com o outro não se dá no vazio, não é indiferente, se alicerça numa presença fundamental a nutrir a existência. A imprevisibilidade do acontecimento nas ruas forja a dor e o prazer de estarem juntos.

A corporação policial, com toda a sua rigidez em torno da noção de segurança, tem em seu pelotão pessoas com posturas contrastantes, como este tenente, que conseguiu achar uma brecha na sua formação para permitir que sua humanidade escapasse e com ela, se desculpar pelas atrocidades com o morador de rua. Entretanto, os pedidos de desculpas, mesmo repetidos não arrancam as marcas deixadas, nesta noite, na corporeidade de Jota. Ademais, a inocência de Jota, ao se colocar numa relação hierarquicamente desprivilegiada, não conta para esse modelo de relação. Ele acreditava na sorte de não estar numa situação pior ao assistir todo o ritual de tortura.

E com a mochila - o galo³⁷ - cheia de esperança, Jota faz planos para seu futuro ao retornar para a Associação Vida Nueva:

Mas meu objetivo agora tão cedo... Acho que essa vez vai ser minha última caminhada, não pretendo mais voltar pro trecho, não pretendo mesmo.

Não tô mais a fim de trecho, não tô. Minha cabeça tá montada pra uma vaga num emprego. Pretendo montar um dinheiro, comprar uma área verde no valor ai de 10.000,00, ou 15.000,00 porque a idade tá chegando, fazer um teto pra mim e parar, parar mesmo. Não quero montar família, quero só curtidão, curtir um som, ir num baile...

- Não tem vontade de casar de novo?

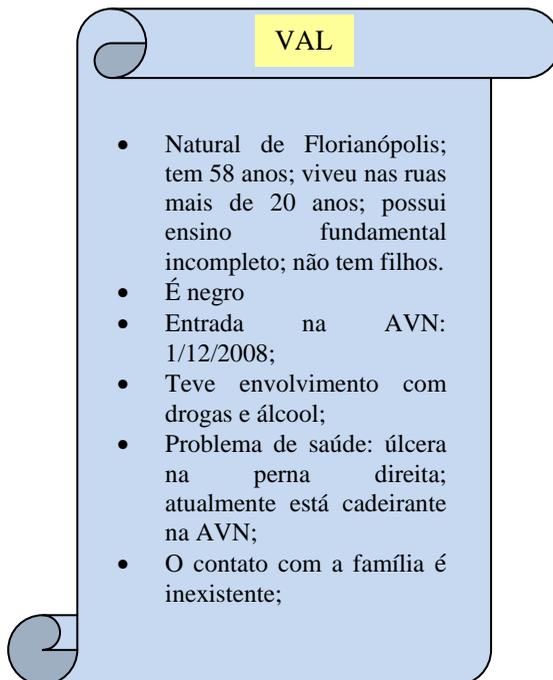
- Não, sou muito "raggeiro", gosto de um ragge, vou pra Guarda do Embaú curtir um ragge, me dedicar ao trabalho e botar a cabeça no lugar.

Jota entregou ao vento o sorriso estampado na face, liberou a esperança no ar e a confiança na vida enquanto encerrava essa cena-

³⁷ Nome dado para a mochila que carrega no trecho.

diálogo. Com os corpos latentes de vida nas ruas, os homens chegam à AVN com seus discursos e experiências, legítimos no que sentem. Estão certos de que ali há uma oportunidade de transformar suas realidades e para manter vivo seus desejos, eles deixam o enredo deste ato para fechar as cortinas provisoriamente. Logo vão abri-las para compor outros fragmentos possíveis.

Segundo Ato



Val é um homem negro que traz como principal bagagem a história de uma vida marcada por mais de 20 anos vividos nas ruas. Natural de Florianópolis/ SC, freqüentou a escola por um tempo, mas não chegou a concluir o ensino fundamental. Morou com os pais até seus 28 anos e nunca teve filhos. Antes de ir morar nas ruas ele chegou a trabalhar em empresas grandes, com pinturas e aos 18 anos começou seu envolvimento com drogas, mais intensamente com o uso de álcool. Tem oito irmãos e nenhum deles se *envolveu com qualquer vício*. Em situação de dependência das substâncias psicoativas que usava, Val resolveu sair de casa para ir morar com amigos, e depois foi morar na

rua, numa barraca. *Comecei a fazer meus rolos, trocava roupas, correntes, trocava tudo por droga.*

Os pais e os irmãos foram em sua busca algumas vezes para trazê-lo de volta para casa, sem sucesso. A irmã lhe ofereceu uma casa da família para morar, ele aceitou, mas ficou ali por pouco tempo e logo regressou para sua barraca na rua. Os pais já faleceram e atualmente Val não tem nenhum contato com outras pessoas da família. Foi encaminhado para Associação Vida Nueva pela Casa de Passagem³⁸, em dezembro de 2008, e permanece ali até o momento em que termino a redação dessa dissertação. Apresenta dificuldades de locomoção, por isso utiliza uma cadeira de rodas para caminhar pela AVN com o apoio dos companheiros de moradia, já que uma antiga ferida na perna direita se transformou numa úlcera, ainda não curada, herança das condições experimentadas enquanto esteve nas ruas.

Val é um homem de poucas palavras, com jeito crítico de ser, alguém com muita sabedoria de vida. Sempre com semblante sério aparenta estar tranquilo com a escolha que fez de permanecer como morador na AVN, junto com outros homens. Não tenho lembranças do seu sorriso e nossas cenas-diálogos ficavam limitadas aos espaços por onde ele conseguia circular. Como eu não conseguia carregá-lo sozinho, quando queríamos privacidade para conversar, por exemplo, ir a praia, tínhamos que apelar para a colaboração de outro morador. E assim se repetia quando íamos para alguma sala fechada dentro da AVN. No pomar nunca conseguíamos ir, já que o terreno era acidentado, de difícil acesso.

Quando eu cheguei na AVN Val ainda caminhava com ajuda das muletas, então propus que tentasse usá-las, certa vez, para que isso nos levasse ao pomar, o que ele recusou alegando que não se sentia mais seguro com elas para andar na terra, poderia escorregar e cair. Determinado em suas decisões, Val é respeitado pelos demais moradores e nunca apresentou problemas de convivência na casa, conservando *um bom relacionamento com todos*. Durante seu tempo nas ruas manteve-se a maior parte no mesmo lugar, fixando seu espaço num bairro situado no continente, município de Florianópolis.

O espaço da rua é feito de sinuosidades inimagináveis para que humanos possam habitar. Nelas, os sujeitos inscrevem suas corporeidades masculinas, tramam seus relacionamentos íntimos, em

³⁸ Instituição Social do município de Florianópolis/SC que acolhe moradores de rua tendo como limite de permanência cerca de sete dias. Entretanto o sujeito Val excedeu esse prazo, ficou na Casa de Passagem uns sete meses e depois foi encaminhado para AVN.

pares ou na coletividade, criam circunstâncias existenciais para tornarem-se homens. Estilizam uma sexualidade que é tão transitória quanto os trechos e cidades por onde passam, com raros vínculos duradouros, onde regras sociais como monogamia, fidelidade, família parecem não fazer parte do que anseiam. Estes homens vivem um dia de cada vez, com mais intensidade do que nós, humanos habitados.

A situação de Val nas ruas é marcada por algumas exceções nesse enredo, já que ele escolheu estar a maior parte do tempo num mesmo lugar, com deslocamentos mínimos, com quem se fixa para descansar ou para demarcar um território. Conforme sua descrição:

Era uma barraca enorme, com dois colchões, panela, bengala, com divisões dentro. Ganhei a barraca de um filho de papai, era chique, não entrava água. Ficava nesse lugar, com autorização da dona do terreno. Algumas vezes eu não dormia na barraca, dormia em qualquer lugar, quando estava bêbado e/ou drogado.

A sua maneira de viver nas ruas lhe dava certa estabilidade em suas condutas, como ter um espaço permanente para dizer *eu moro ali*, para estar com as coisas que julgava necessárias à sua sobrevivências. Questionado se já havia passado fome nas ruas, Val narra: *quando a gente queria almoçar, já tinha lugar certo para conseguir*. Val era um tipo de morador de rua particular em relação aos que se encontram na dinâmica coletiva. Seu imaginário desenha um estar na rua que segue uma rotina, com lugar para ficar sempre que deseja, para pedir comida; *pra tomar banho ia no posto ou nos donos de pensão*; para ele, tudo era conseguido e/ou conquistado com naturalidade. Aprendeu a garantir suas necessidades com pouco tempo de vivência na rua, como me relatou durante uma de nossas conversas: *só não pude correr atrás e fiquei com dificuldade para arranjar comida foi quando compliquei a perna*, que o deixou impossibilitado de se locomover. E acrescentou: *o pior quando se está na rua é ter problema de saúde*, pois dificulta os deslocamentos e assim perde-se a autonomia. O corpo nômade, que precisa do movimento, torna-se inviabilizado.

As cenas-diálogos com Val não foram gravadas, somente registradas no meu diário de campo. Esta opção se justifica devido ao jeito diferente de Val se colocar em cena: sempre muito sisudo, com poucas palavras, respostas curtas e objetivas deixando para o silêncio a tarefa de ocupar parte do enredo. Seus lábios sem sorrisos acentuavam a face com expressão de “zangado”, o que por vezes me confundia quanto

à sua disposição para narrar sua trajetória nas ruas. Seu silêncio me deixava insegura quando não conseguia assumir a etnografia da interpretação, um dos limites da minha (in)experiência como pesquisadora ambulante. Afora isso, nossas conversas ganharam outras dimensões quando compreendidas não como *o fracasso da comunicação, mas como uma das formas fundamentais, através das quais, o ser humano pode se expressar* (MÉLICH, 2001, p. 269).

Nuances da relação com Val, quase no término da coleta em campo, pode traçar alguns fios de como o silêncio não é vazio, ou feito de nada. Certa vez fiz a proposta a Val de irmos de carro re-visitando alguns lugares, entre eles, o bairro onde ele teve a maior permanência na época em que morou nas ruas. Acreditei que seria uma boa contrapartida, um jeito de agradecer pela sua disponibilidade para com a pesquisa. Acrescentei que poderíamos tentar encontrar também sua irmã, com algumas dicas que tinha da residência e local de trabalho. Na hora ele não confirmou a proposta, pediu para pensar. Combinei que ligaria para AVN, antes de ir buscá-lo no dia combinado.

Assim eu fiz e enquanto aguardava ao telefone, um dos Freis que atendeu foi até ele perguntar se a Claudia poderia vir buscá-lo. Para minha surpresa, novamente Val respondeu negativamente à proposta feita. Naquele momento, não pedi para falar ao telefone com ele, apenas respeitei seu desejo. Fiquei pensando em várias hipóteses para ter recusado meu convite, e outra vez o vício da previsibilidade foi diluído pelo inesperado. Outro dia voltei ao campo e na conversa com ele relatou, com simplicidade, que não sentiu vontade de re-viver aquela época da sua vida, *estou bem e não gostaria de lembrar algumas coisas*. Neste momento, os seus silêncios ganharam significados nas cenas-diálogos e o meu pediu passagem para aceitar, sem precisar compreender.

Mas, em algumas situações o seu silêncio era transitório, quebrado quando ele se colocava em cena, com o corpo mais solto e descontraído: era quando queria narrar-viver as lembranças das noites nas ruas. O período noturno é ímpar para quem está nas ruas, tempo de curtição, de medo, de gozo, de euforia com as farras, uma temporalidade não cronológica para abandonar-se aos excessos e *pirulitar*. O dia e a noite são estações diferenciadas na 'rotina' dos moradores de rua. *De dia na rua é cozinhar e dormir*, disse Val com objetividade, pouca graça e certo desprezo. No enredado subjetivo a noite tem graça, por isso nos conta:

A vida noturna de quem mora na rua é gostosa, mulheres, boates, bebida. Passei muitas noites em claro curtindo. Em casa teria horário para chegar, nunca que eu queria isso. A noite pra nós era o paraíso, meia-noite pra frente daí ficava bom. Todo morador de rua gosta da madrugada. Passava a noite toda sem gastar um centavo, não gastava nada. Alguns donos de boates são traficantes, as boates é para disfarce de ponto³⁹.

No momento em que expunha sobre as festividades noturnas nas ruas, Val trazia sutilmente as lembranças da vida sexual ativa com as mulheres. Quando lhe perguntei porque não teve filhos, ele respondeu com o mesmo semblante sério: *que eu saiba não tenho nenhum filho no meu nome*, ou seja, nenhuma mulher reivindicou a paternidade para ele, deixando pistas de que os riscos do sexo sem proteção também existiam. Com o peito levemente estufado, afirmou que teve muitas mulheres, *mas não podia morar na barraca, só visitar, fumar, comer, fazer amor*. O período noturno também servia para saber *de tudo que acontecia na cidade. Na praça XV escutava todas as informações, nem precisava jornal*.

A corporeidade de Val é expressão de (in)constâncias. Olhar sério, gestos discretos, movimentos silenciosos, respostas resumidas e práticas, tudo isso pincelado com ares de mal humor e pouca receptividade para brincadeiras. Um conjunto que se mescla por algumas características que compõem sua vibração corporal. Uma corporeidade envolta numa certa película de proteção, que oras parecia impenetrável, oras deixavam as cenas-diálogos trôpegas. Como homem fazia questão de afirmar sua virilidade diante do enredo compartilhado, sem nenhuma fragilidade quando se tratava de exibir seu status com as mulheres.

As lembranças do tempo na rua deixaram também cicatrizes na sua pele. Ele conta que durante uma partida de futebol ganhou uma canelada na perna, passou por cirurgia na época e precisava continuar o tratamento médico, entretanto, abandonou as prescrições por estar nas ruas. Com o uso abusivo de substâncias psicoativas químicas, mais especificamente álcool e cocaína, a recuperação da perna não só ficou prejudicada, como se agravou, desenvolvendo a úlcera. Na AVN, cotidianamente precisa fazer o curativo na perna, com uso de pomadas e a substituição da faixa que protege a ferida. Em virtude disso se obriga a

³⁹ Todas são falas do Val, extraídas em diferentes momentos durante nossa conversa.

uma rotina: tomar banho sempre ao levantar pela manhã e ficar aguardando por um voluntário para cuidar de sua perna. Recentemente, depois que AVN recebeu a visita de profissionais do posto de saúde da região, ficou acordado que alguém levaria Val semanalmente para a equipe de enfermagem acompanhar e fazer o curativo. Este fato referenciado por ele: *a dor aliviou muito depois que fui pro postinho de saúde tratar minha perna.*

Apesar de não ser o enfoque desta pesquisa, como dito anteriormente, torna-se relevante trazer para a cena o lugar ocupado pelas drogas na trajetória de Val, como um homem em situação de moradia nas ruas. Remetia com frequência a essa questão nas cenas-diálogos, com o corpo encharcado de (des)gosto pelo que as drogas potencializaram para *destruição em minha vida*. Mas olhava para isso referenciado pelos lugares legítimos onde seus pés pisaram, com sentimentos que o inundavam para dizer de sua maior vilã na temporalidade vivida nas ruas: *a grande causadora por me manter tanto tempo nas ruas foi as drogas; na rua a tendência era afundar cada vez mais.*

A permanência no vício era nutrida pela rede social que circulava na barraca, seu local de moradia. Tinha preferência por estar mais tempo acompanhado de outras pessoas do que sozinho, *ter gente pra conversar, usar droga junto*, demonstrando que tinha facilidade para se relacionar nesse contexto. Com ele *nunca teve briga, sou da paz não da briga e quando via uns pega, violência, eu pensava em sair da rua, mas logo já vinha as drogas e aí esquecia tudo*. Acrescentou com tom de autoridade que nunca foi abordado com violências pela polícia, ao contrário disso, *elas iam à barraca beber comigo e às vezes levavam droga e álcool*.

O encontro com Val nas chegadas em campo era quase previsível. Logo quando o carro adentrava a AVN já era possível avistá-lo sentado na cadeira de rodas, do lado de fora da casa, no sol se o clima do dia fosse esse, com expressão facial séria e sisuda, observando a movimentação da casa. Seu olhar me transmitia a mesma sensação de (des)agrado. O corpo, com pouca vitalidade e aparência frágil, aguardava sempre na mesma posição, sentado na cadeira de rodas. Na nossa última conversa, no início primeiro semestre deste ano Val trouxe como narrativa:

As ruas deixaram boas lembranças, muita gente boa eu encontrei na rua! [Paradoxalmente me dizia que] na rua tem que andar escondido por

causa das drogas e da polícia, na rua não tem paz. A rua, não sei não, tem de tudo...

E com tudo que se tem nas ruas partimos para colocar Val e Jota à bailar em cena.

Hibridização de atos em cena

O ANDARILHO

Eu já disse quem sou Ele.
 Meu desnome é Andaleço.
 Andando devagar eu atraso o final do dia.
 Caminho por beiras de rios conchosos.
 Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
 Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
 (Ouço harpejos de mim nas latas tortas).
 Não tenho pretensões de conquistar a ingloria perfeita.
 Os loucos me interpretam.
 A minha direção é a pessoa do vento.
 Meus rumores não têm termómetro.
 De tarde arborizo pássaros.
 De noite os sapos me pulam.
 Não tenho carne de água.
 Eu pertença de andar atoamente.
 Não tive estudamento de tomos.
 Só conheço as ciências que analfabetam.
 Todas as coisas têm ser?
 Sou um sujeito remoto.
 Aromas de jacintos me infinitam.
 E estes ermos me somam.

(Manoel de Barros, Livro sobre Nada, 2008, p. 85)

Andarilho é designado pelo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa simplesmente como *aquele que anda muito*, mas o poeta Manoel de Barros deixa a mera definição ganhar sentido de além

fronteira, remete à expressão a beleza. É aquele que anda devagar, na direção do vento, sem pretensões de conquistas, um carregador de objetos in-úteis que perambula dia e noite, àtoa(mente). Há, por certo, diferentes nomenclaturas que diferenciam moradores de rua com seus modos de se deslocar, de se vestir, o tipo de agrupamento que selecionam e o estilo de ser. O propósito no momento não é expor a diversidade de nomes e suas diferenças, mas abrir o diálogo desses sujeitos remotos, interpretados como loucos por seus aromas e feições infinitos.

Tendo em vista as trajetórias de vida dos protagonistas apresentados nos dois primeiros atos, faço agora um esforço de entrelaçar algumas semelhanças e singularidades, entremeadas também pelo lugar que os acolhe, a Associação Vida Nueva, onde compartilhamos o viver de uns, os dis-sabores de outros dançando nômades entre o que é legítimo e o que é (in)apropriado num espaço coletivo e tão complexo.

Val e Jota, homens hibridizados como pessoas em situação de moradia nas ruas, que também são culturalmente os trecheiros, os andarilhos, os mendigos, os arruaceiros, os drogados, os vadios, aqui protagonistas desta pesquisa. Nessa condição narraram suas *experiências* de vida, com os valores que aprenderam a guardar e as insuficiências com que argumentam seus tempos de ser sujeitos nas ruas das cidades e nas estradas entre elas. A rua e o trecho estão entre eles, porque estão neles, em sua corporeidade nômade a constituir o que são, o modo como se vêem, as astúcias que inventam, as dores que compartilham nas conversas em confiança.

Juntos, Jota e Val possuem semelhanças: são vistos pela sociedade como “moradores de rua”, mesmo que sejam do trecho ou permanentes nas cidades; são negros e pobres; tiveram acesso a poucos anos de escolaridade; vivenciaram conflitos familiares; nas ruas e nos trechos são usuários de substâncias psicoativas; pedem dinheiros para sobreviver ou aceitam pequenos serviços, e com os ganhos suprem a dependência de comida e drogas; vivem a ambiguidade de ora desejar as ruas e os trechos, ora a colhida em casas; valorizam o status na relação com as mulheres. E juntos, Jota e Val guardam peculiaridades que são únicas em cada um. Jota é o sujeito do sorriso largo, da malandragem aprendida no trecho, da sedução enfeitada na conquista das mulheres, na postura autêntica de dizer onde mora e o que faz, na percepção festiva que tem dos trechos percorridos, mesmo quando relata os “filmes” que assistiu e dos quais participou como bandido. Val é o sujeito da seriedade constante, rosto com expressão sisuda que ressalta a imagem

de homem de bem; ele não gosta de brigas, não teve filhos nessa vida ambulante e admite que está abrigado porque sente seu corpo com poucas condições de continuar na rua.

A conexão que os interliga é rua com seus desdobramentos, é a condição nômade, mesmo como morador de uma barraca. Como nômades, transitaram seus corpos com intensidade diferenciada na circulação dos passos por aí. Enquanto Val, durante sua experiência de viver nas ruas, manteve-se por lugares aproximados e sem maiores deslocamentos, permanecendo mais tempo na cidade de Florianópolis, o que demonstra sua familiaridade com o bairro que o acolheu, Jota escolheu o trecho, onde passou a maior parte de sua experiência na rua. Deslocou-se por longas distâncias, prioritariamente pelas rodovias, vivendo tudo que era possível naquele espaço. A forma como cada um inscreveu seus corpos nas ruas e foi inscrito também por elas, forjou lugares e olhares diferenciados para os dois. Como me ensinou Rio (2008, p. 29), *uma rua abre para outra rua* e forma seus habitantes em seus modos humanos de ser.

Esse modo com que cada um habitou as ruas consolidou em suas corporeidades tatuagens internas e externas, trouxe olhares particulares quanto à dimensão da vida nas ruas e agregou conhecimentos e des-continuidades, do que não escapou a pesquisadora. A relação de apropriação com o momento de acolhida na AVN, com Jota e com Val, tece os vínculos sustentados durante nossos encontros e conversas, também seus anseios manifestos por seus corpos. Decifrar o enigma que viceja nestas corporeidades masculinas não é possível, talvez nem mesmo para eles, portanto, aqui o que importa é o que pode ser narrado pelos sujeitos da pesquisa, as verdades suas abertas em diálogos. Não tem preferência a minha análise, do contrário, ela poderia ser lida como um monólogo escrito por uma pesquisadora solitária.

Durante as ocasiões destinadas às conversas, Val e Jota me ensinavam a vivenciar a inevitável diferença que os constitui, a traçar distintos olhares para as nuances ali narradas. As cenas com Jota bailavam com fluidez e descontração, conseqüentemente, meu corpo também encenava com questões mais leves, com atitudes sensíveis para manter o fluxo da sintonia. Com Val, as cenas apresentavam ‘nossos’ corpos mais contidos e exigiam um tempo maior para afrouxar as amarras que apareciam, quase sempre sem ser convidadas. Com Jota o ato acontecia sem ensaios. Com Val, os ensaios eram prévios nas combinações e negociações que se faziam necessárias para o encontro acontecer. E Assim, Val e Jota dançaram afectos diferenciados, como

todos os demais passageiros dessa travessia, marcando com singularidade suas presenças.

Como diferenças, elas também abriram fissuras para eixos de intersecção nas narrativas de Val e Jota. Ambos percorreram com naturalidade e segurança quando eram questionados sobre a situação de moradia nas ruas. Corpos nômades, no desafio de exercer autonomia num mundo em que as escolhas se encontram extremamente restritas, assumem com autenticidade suas condições:

Eu sou do RS, moro na rua, tô no trecho, gosto do trecho (Jota)⁴⁰

Morar na rua foi uma decisão minha (Val)

As narrativas transcritas nesta dissertação despertam para questões habituais direcionadas aos moradores de rua: como estas pessoas chegam às ruas? O que os leva a tal situação? Porque permanecem num lugar tão recheado de vulnerabilidades? Perguntas das quais eu também não consegui me esquivar quando fazia os atendimentos terapêuticos na AVN. Diante de variados argumentos, a maioria apontando a culpabilização de alguém, Val e Jota fogem a esta generalização e trazem para si a responsabilidade por suas escolhas. Na escuta sensível com eles, arrisco em dizer que o encontro com a rua acontece progressivamente, no percurso da vida de cada sujeito, sem estar vinculado a uma situação linear que possa ser lida como deflagradora. A rua, enredada por suas *des-graças*, abraça a pluralidade de sujeitos que chegam até ela, sem exigir que expliquem porque aportaram ali.

A trajetória de permanecer nas ruas inclui muitas faces que afetam aos dois, entre elas, a mentira dissimulada pela malandragem aprendida, quando necessária como ferramenta para garantir a sobrevivência, um dado banal entre os moradores de rua, confessado nas falas abaixo de Val e Jota:

***Mentia** direto para a polícia, de alguma forma tinha que mentir senão eles massacravam meus colegas (Val).*

Cheguei um dia de manhã, bah hoje sou obrigado a arrumar um serviço, às vezes era assim, eu não pedia nada, ia atrás de emprego, carpi, fazer

⁴⁰ Resposta dada a um homem que o encontrou no posto de gasolina, e lhe perguntou de onde era.

alguma coisa pra ganhar dinheiro, hoje não vou mentir, hoje vou ver se arrumo um serviço (Jota).

A mentira tem por vezes um sentido alegórico para barganhar alguma coisa e é parte do comportamento de qualquer um de nós. Nas narrativas compartilhadas ela tem um papel periférico e não ameaça as histórias aqui registradas. Nem sempre é possível encontrar as palavras apropriadas para compreender essa teia dos envolventes discursos da população de rua. A agilidade nas respostas, o jeito com que chegam aos lugares, o tom com que escapam de situações adversas, tudo isso me dá a sensação de que *deslizam* pela vida. Até onde vai a *verdade e o trocadilho* (RIO, 2008, p. 28)? Mentir, em alguns momentos, ocupa um lugar de proteção para consigo e com outro, serve para conquistar suprimentos, se manter nos trechos, nutrir o vício na ingestão de substâncias alucinógenas, enfim, auxiliam na arte de tirar vantagens das situações.

Jota, ao declarar que não mentiria na situação acima, também deixa implícito que em outras circunstâncias já se comportou diferente e se utilizou da mentira. Mas, como esta dissertação não se pauta pelo consenso, ao contrário, a autora tentou preservar a pluralidade como condição para o emergir das ideias, a ambiguidade tem lugar nessa escritura. Jota e Val são, a um só tempo, um acontecimento e outro, imersos na complexidade de suas vidas nas ruas, nos trechos, na AVN. Às vezes eles são leves e esvoaçantes como a brisa que acorda seus corpos doloridos depois de um sono dormido em qualquer lugar; outras vezes revelam-se rígidos e sisudos como o movimento dos dias de tempestades que precisam encarar.

Quando chegam à AVN, os sujeitos trazem seus corpos encharcados da rua e ali são invadidos por uma sequência de rotinas que estão no cerne da vida institucional. Eles têm horários, tarefas, regras a cumprir, tempos de diversão e momentos de coexistência na casa. Muitos deles apresentam movimentos tímidos, por vezes resistentes para iniciar o processo adaptativo ao novo espaço de moradia. Cercados por des-encantos, as reações preliminares são variadas, com vislumbre de alegria pela garantia de alimentação, um bom chuveiro para sua higiene, segurança para o descanso e surpresas diante de tantos cuidados de afeto recebidos como mediadores das relações com os Freis, os gestores. São eles que assumem os primeiros discursos para situar os chegantes no contexto do acolhimento. Quase como *clichês dos recém-chegados*, os discursos apelam para que eles não voltem às ruas e aproveitem a

oportunidade oferecida na AVN como possibilidade de mudança na vida. Como expresso nas falas⁴¹ abaixo:

Não quero sair da casa, tô cansado da vida na rua (47 anos).

De tudo que já fiz de errado no meu passado, eu não mereceria toda essa atenção que tô recebendo. Aqui realmente é uma Vida Nova (31 anos).

Tô aprendendo bastante coisa boa aqui dentro da casa e quero ficar para aprender ainda mais (50 anos).

Nunca imaginei que pudesse existir um lugar assim. Aqui é o paraíso, não vou jogar fora essa oportunidade (28 anos).

Não é fácil viver uma vida toda certinha como aqui; às vez é bom, às vez, é ruim, dá uma agonia e alguma coisa na barriga começa a chamar pra voltar pra rua. É doido isso, tem tudo aqui e quer ir pronde não tem quase nada... (36 anos).

No início do acolhimento na AVN, os moradores manifestam receptividade com o novo espaço de com-vivência e no decorrer do processo alguns descompassos começam a fragilizar o encantamento. Há também certo toque de malandragem para serem aceitos e qualificar o lugar, o que faz parte das táticas de aceitação pelo grupo, principalmente pelos Freis. O tratamento que recebem quando estão acolhidos é diferenciado, incluindo respeito, atenção à saúde, cuidados gerais, preocupação com o *outro* de forma integradora. Entretanto, a atenção dedicada aos homens que ali chegam, não se torna suficiente para mantê-los distante do desejo de voltar para as ruas. Por diversas vezes, no momento dos diálogos com os sujeitos na AVN, pesava na balança os inesperados que atravessam o trecho, com suas malandragens acobertadas por mentiras e jogos de autodefesa.

Inevitável para mim a indignação diante desse paradoxo: aqui eles têm tudo, como eu pensava, mesmo assim, muitos retornam às ruas

⁴¹ Falas extraídas das anotações de atendimentos terapêuticos, de outros cinco sujeitos que retornaram para as ruas com menos de seis meses de acolhimento na AVN, nos anos de 2009 e 2010. Suas idades foram atualizadas.

quando estão fortalecidos para reiniciar o percurso. Aprendi que a insatisfação é uma das grandes astúcias que compõe a nossa humanização, por isso ela tem uma beleza peculiar que nos arremessa em busca dos desejos. Se são desejos saudáveis, aventureiros, arriscados, glamorosos, ou mesmo feitos de crenças, talvez não seja isso o mais importante, são desejos e pulsam diariamente em nossa corporeidade. Alguns sentem e vão em busca, outros os fazem adormecer com as justificativas que melhor aquietam a consciência.

As verdades das pessoas que ali habitavam se transformavam em desafios no processo, e ainda hoje, com a sensibilidade e a escuta mais trabalhada, encontro descompassos nas narrativas de cada um deles, tanto dos que estão convencidos que oferecem ao outro o que de melhor dispõem, quanto dos que recusam o modelo de vida próprio dos habitados. Por oras, me bastava reconhecer que aquelas eram as suas verdades, portanto, elas eram legítimas e coerentes com o que sentiam. Por outras, o limite se fazia necessário e pontuava com eles onde estava a fantasia, a demanda justa e a malandragem. Se eles entendiam do meu ponto de vista, penso que não, mas afirmavam: *é, eu sei, mas não é assim, desse jeito, tem coisa boa, mas tem coisa mais.*

Os dias no campo foram atravessados por rupturas, aproximações, fluidez, travações, minhas-deles-nossas. Contornos mutantes de estar na relação entre os previsíveis e os deslumbramentos, os disponíveis e os calados para a conversação, num eterno aprender a lidar com o silêncio que pedia passagem e as falas que desabrochavam. Num dia a acolhida tinha como ingredientes os afetos qualificados, sorrisos, expressões contentes, no outro, as pessoas se encontravam introspectivas, e até incomodadas ao remexer aspectos de suas trajetividades. Cada encontro deflagrava incertezas que marcavam o estar com o *outro* e o encontro comigo era inevitável para me fazer perceber como suas vivências contribuía para borrar minhas previsíveis expectativas.

Para ilustrar tal circunstância partilho a memória de um dia no campo, presenteada com um lindo sol. Antecipei a dificuldade de tirá-los do trabalho diário para o diálogo, pois em dias ensolarados, o entusiasmo para as atividades na casa emergiam e era raro perceber ociosidade entre os moradores. Quando o portão de entrada se abriu eu visualizei os dois sujeitos da pesquisa. Jota, como de costume, trabalhando, colocando piso ao redor da piscina e Val, também previsível, pegando sol sentado em sua cadeira de rodas observando o pessoal no trabalho. Ambos cientes da minha ida na casa. Mesmo sem querer planejar, meu corpo movimentava-se na previsibilidade,

direcionando linearmente o percurso que desejava ter para o dia. A proposta era iniciar a conversa com Jota, por considerar meu acesso mais fluído com ele. Entretanto, o fato de logo na chegada vê-lo focado no trabalho, não me senti confortável de interrompê-lo e mudei a rota, acolhi o que senti no campo e me dirigi a Val, cumprimentando-o. Perguntei-lhe como estava? Me disse não estar muito bem naquele dia. Apesar de sentir pouca receptividade, resolvi dessa vez prosseguir e lancei o convite para conversarmos. Outra desestabilizada se fez presente, pois Val expressou sua indisposição e pediu para deixarmos para outro dia.

Foi intrigante a relação com Val, pois a expectativa era sempre de que iria aceitar minhas demandas, afinal eu corria contra o tempo para terminar as atividades de campo e escrever a dissertação. Novamente tinha que aprender a me deslocar para ver e fazer coisas diferentes. Precisei lidar com o sentimento de frustração algumas vezes na relação com ele. No início foi inquietante esse movimento corporal de pouca disponibilidade para o deslocamento, primeiro porque eu, equivocadamente, considerava o ato de se deslocar restrito ao espaço físico; segundo porque, sendo assim, isso seria característica habitual para moradores de rua, então, como Val poderia não querer sair dali? Demorei algum tempo para me sentir confortável na relação com Val. Quase no final da pesquisa compreendi que os incômodos surgiam no confronto com paradigmas traçados por mim para a vida nas ruas. As resistências, minhas-dele-nossas foram diluindo no percurso e deixam suas marcas no processo.

Val trazia em seus discursos inconstâncias do seu tempo de rua e o de estar na AVN. Durante nossas cenas-diálogos, seu corpo se inclinava para dizer que estava em paz como acolhido, sendo cuidado, pois *na rua tinha que andar escondido por causa das drogas e da polícia, era muito agitado*. E traçava várias qualificações para seu momento na AVN:

- *Aqui tem um lado religioso que antes eu não fazia;*
- *Na rua não ia me aposentar nunca, aqui já está sendo encaminhado, isso é um fato importante;*
- *Não tem droga e não tem álcool, isso já é uma grande coisa;*
- *Aqui a rota é diferente da rota da rua, acorda tem café da manhã, alimentação tudo na hora certa, na rua não tem nada disso.*

Por outro lado, sua corporeidade também expressava desejos concretos de retorno: *se não estivesse com a perna assim, não teria aceitado abrigoamento. Foi a perna que me prendeu, senão estaria na rua numa boa.* Arrisco a dizer que essas ambiguidades são compostas de saudades diferenciadas de ambos os espaços, da rua e da AVN. Será que se estivesse recuperado da perna já teria retornado para as ruas? A perda da autonomia de ir e vir contribuiu para sua permanência? Por depender da ajuda dos demais moradores, Val se torna mais flexível para manter um bom relacionamento na casa? São indagações que me ocorrem, porque Val está entre os moradores que mais tempo se encontra abrigado na AVN. Será mesmo por desejo de outra vida, fora das ruas, ou por condições de impossibilidade de locomoção?

O discurso de Jota com desejo de outra vida, fora das ruas, não foi diferente:

Não quero sair pra rua que nem eu saí da outra vez, sem emprego. Eu não quero mais não Claudia, não quero mesmo, eu botei na minha cabeça. Ainda aquele dia você perguntou:

- Você tá indo pela cabeça de alguém, alguém tá te influenciando?

Me deu aquela vontade, bah não vou ficar esperando essa chance. Aí pensei muito no que você falou, considero vocês tudo, o serviço que vocês tão fazendo, não quero isso aí pra mim e eu sei que vou vencer essa batalha. O que tenho pra te falar é que eu tô de bem aqui, sei que minha mãe tá faceira comigo, sei que minha família tá faceira que tô aqui. E ela nem espera, mas quando arrumar um serviço, o primeiro dinheirinho vou mandar pra ela.

Entretanto, o desfecho se fez diferente de Val e semelhante a tantos outros que passaram pela AVN: Jota escolheu novamente seguir no *trecho*. Como compreender o sentimento que tomou conta da corporeidade de Jota, para que dias depois dessa fala, ele abandonasse a AVN pela segunda vez e retornasse às ruas? Esse relato encerrou o que foi nosso último encontro no campo de pesquisa. A complexidade que envolve o desejo dos corpos nômades é desestabilizadora para quem vive na normatividade. Fui em busca de informações por intermédio de outro sujeito que passou pela casa e agora reside próximo à AVN, pois a suspeita dos moradores da instituição é que Jota estivesse com ele. Encontrei tal sujeito morando em sua casa, onde me relatou que Jota, às

vezes aparecia por lá, mas no momento não tinha como saber por onde ele andava. Pedi a ele que caso Jota aparecesse, ele entrasse em contato com a AVN e marcasse um encontro, que poderia ser ali mesmo, na sua casa, pois este sujeito me conhecia e já havia passado pela acolhida na AVN. Situação que não aconteceu e eu perdi o contato com Jota.

O sentimento que vivi com a minha convicção de que ele desejava mesmo “mudar de vida” foi repetido por diversas vezes no encanto-encontro, mas os corpos nômades agiam movidos pelo que eles sentiam. Em alguns casos, como com Jota, fui esvaziada pela frustração, tempos depois de seus retornos às ruas. No início, o sentimento que pulsava era de decepção, por considerar ter sido enganada por seus discursos. Hoje, acredito na legitimidade de suas narrativas, no vislumbre por uma vida feliz, apenas diferente da minha. Eu não conhecia a rua, entretanto, envolvida nessa teia pude aprender um pouquinho do que significa estar nela. Seus corpos estão hibridizados pelo desejo de permanência e de saída de lá, conforme as adversidades, o que escapa das apreensões racionais de quem é domiciliado. Como expressão híbrida desse desejo, Jota relatou: *passsei tanto trabalho na rua e o cara sente saudade*. Essa é para mim a expressão primária de um corpo nômade se desafiando ao acolhimento institucional.

Que saudade é essa? Saudade com *sede do infinito*, como diz Maffesoli (2001). Saudade da vida em constante movimento, arejada pelo deslocamento. Saudade de romper com o que está estabelecido, com a rotina, o tudo previsível. Dos bailes, das noites, do futebol de dia, da solidariedade dos parceiros de trecho. E também das boas oportunidades que cruzam o caminhar e o caminhante. É o trecho que deixa saudade com tudo que habita essa *experiência*, mesmo com o reconhecimento da tragédia, a ameaça dos medos objetivos, os enigmas que a rua tem. Parece que nada impede o sujeito de querer voltar. Os corpos que preenchem o espaço da rua não têm lugar para a indiferença, eles transitam na (in)visibilidade de si e entre si.

Durante o processo de escrita do primeiro e do segundo atos me dei conta que os cenários das narrativas foram forjados com intencionalidade, não somente pela qualidade da escolha, mas pelo envolvimento com que nossa corporeidade era afetada nos encontros. Ou seja, com Jota, o cenário escolhido para conversar, na maior parte foi a rua, devolvendo o contar das histórias para o espaço público da rua, onde os adereços envolvem cada estada nos trechos. E com Val, suas narrativas aconteceram no espaço da AVN, privilegiando seu bem estar no momento presente.

Resistir às seduções da rua não é uma tarefa fácil e nem depende isoladamente de vontade, coragem, força individual dos sujeitos. Nem tampouco depende exclusivamente do lugar de acolhida. Considero a AVN um lugar privilegiado pela capacidade afetiva e singular com que os Freis acolhem e zelam os homens que a ela são encaminhados. Entretanto, a qualidade afetiva do estar-junto-ali não foge inteiramente às normas de vigilância e controle institucional e talvez, isso nem seja mesmo possível para um contexto de habitados. Há um esforço coletivo de proporcionar a todos um bom-viver-ali, com práticas educativas que até ensaiam algumas poéticas, em circunstâncias especiais, como por exemplo, nos eventos para arrecadar recursos financeiros, nas atividades de lazer, nos passeios.

Quem sabe possamos entender que a Associação Vida Nueva, com suas concepções de acolhida e com seu jeito peculiar de ensinar uma nova vida, faz sim uma “educação poética”:

Uma educação poética é uma educação que sabe que o ser humano está de passagem no mundo, que somos convidados da vida. Uma educação poética é uma educação que sabe que a palavra humana é plural e que esta palavra, ou palavras, tem sentido não somente pelo que dizem, pelo que podem dizer, mas também e essencialmente, pelo indizível, pelo silêncio, pelo testemunho, pela alteridade, pela ausência. E também pela fragilidade e a vulnerabilidade, pela mestiçagem e a fronteira, pelo desaparecimento de pontos de referência estáveis e absolutos (MÉLICH, 2001, p. 279).

Eis assim o texto possível em três atos, um ensaio em diálogos hibridizados a partir da minha-deles-nossa *experiência*, no sentido posto por Larrosa (2002), feito, portanto, de tudo que toca a minha alma-corpo, que afirma um modo de ser dos sujeitos em trânsito pelos mundos onde conseguem aportar para o repouso, costurado pelas histórias que atravessam o enredo com suas narrativas. Eis um texto que se torna peça, aberta desde o começo aos olhares de leitores-platéia que podem, com suas explicações contribuir para gestar outros argumentos e pesquisas. Uma escritura que dança entre a vida e a morte dos protagonistas, tão próximas e tão distantes conforme a música que embala cada um dos passos dados por eles nas ruas e nos trechos, desenhando sonhos e realizando possibilidades, inebriando-se de

excessos e sofrendo pelas ausências, criando cenários e apresentando realidades. Que seja a vida a nos educar com poesia.

PELO CAMINHO DO CORAÇÃO FAÇO A CHEGADA SEM FIM

*Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.
(Manoel de Barros, 2008, p. 71)*

Há chegadas? Talvez. Há um *trecho* a percorrer e ele é longo, incerto e exige paciência para conhecer suas veredas. Por vezes, não é possível visualizar seu fim. Por outras, a miopia dos olhos imagina que o vê, quando acredita que aportou num destino certo e terminável. Há chegadas, mas sem fim, porque a viagem assumiu o caminho do coração como parte do percurso, podendo se emocionar, se perder, não saber. A partir daqui vou utilizar como texto, a letra de uma música do compositor brasileiro, Gonzaguinha⁴², em diferentes parágrafos, para melhor ilustrar o que pretendo com essas considerações finais. Para além de chegar, com pistas reais ou imaginativas, o que meu corpo sabe agora é que vai viver outras partidas, novamente privilegiando *caminhos onde bate mais forte o coração*, pois do lugar que estive já sinto ter ido embora!

Estive na trajetividade à procura de respostas possíveis para minhas perguntas, tentando encontrá-las no *trecho* e com ele. Agora, o desejo é de contemplação da vida como acontecimento irrestrito, que não se apega a verdades intransitórias, de qualquer natureza. Inspirada pela música Caminhos do Coração, de autoria do cantor e compositor Gonzaguinha, escolhi fazer essa despedida e visitar brevemente os fios de pensamento que atravessaram essa pesquisa. Ele diz: *há muito tempo que saí de casa/ há muito tempo que eu caí na estrada/ há muito tempo que eu estou na vida/ foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz.*

Com essa metáfora Gonzaguinha inspira a legitimidade das minhas escolhas teórico-metodológicas e o contexto de vida dos sujeitos que participaram da pesquisa, com as inquietudes presentes no trajeto, com os conteúdos narrados e interpretados por mim. Talvez ainda me falte competência para dar conta de todo nomadismo que essa travessia exigiu, entretanto, *foi assim que eu quis* com as possibilidades que eu tinha, e isso não significa que não tenho nada a contar. E, se tenho algo a contar, a travessia me leva para além da conquista de um título acadêmico, pois ela pode me tornar mestre em educação, mas antes me

⁴² As estrofes estão citadas em itálico neste texto e a letra completa da música, Caminhos do Coração (Gravadora Odeon, 1982), está em anexo.

fez outra, mexeu comigo ao deslocar meu olhar, ao transmutar os valores e mais, ao me encorajar a dizer que fui feliz com essa oportunidade acadêmico-existencial.

Há tempos os sujeitos desta pesquisa saíram de suas casas, do contexto de suas famílias, largaram o trabalho ou não tiveram acesso a ele, e “caíram” na estrada da vida, por desejos, ou impulsionados por condições atravessadas por vícios e outros fatores adversos, que lhes apresentaram a rua como possibilidade de moradia. Cada cena-diálogo me ensinava o quão peculiar é o jeito como cada um vivencia sua história, a despeito das semelhanças que nos unem, mesmo habitados em universos diferentes. A rua, o *trecho*, nada é somente o que descrevemos, há sempre algo que se esconde no subterrâneo das realidades e que não conseguimos perceber, conhecer, mesmo com nossos saberes pretensamente estruturados na formação.

Eis porque o tema desta dissertação, com os significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa à experiência de viver nas ruas, emerge do conhecimento inicial em torno dos motivos que os levaram à Associação Vida Nueva, mas também da minha crença de que a rua é antes um lugar onde, potencialmente, a vida se des-faz diariamente. A experiência de ser-estar nas ruas foi sendo tecida a partir das relações estabelecidas com cada um deles, observando o vibrar de seus corpos mesmo quando sentados, ou quando partilhavam os aspectos mais sutis, os mais profundos, partes do mosaico complexo que diz da existência aí onde estão.

São corpos em devir no tempo de estrada, que fazem escolhas autênticas de ir e vir e que encontram, nas fissuras criativas das vivências, um espaço entre o repouso e a luta, o amor embriagado e as violências, a fome e a compaixão que sacia, a malandragem e o medo de morrer, de sofrer. Em cada instante eles lidam com autonomia e dependência, e ainda assim arriscam ousadias enquanto desejam segurança. Forjam malandragens na esperança de atenção às suas demandas fundamentais, incorporam sentimentos que desencadeiam práticas de sobrevivências, enquanto seus corpos se movem nas sinuosidades das ruas e dos trechos. Homens em devir, nômades entre a vida e a morte, mescladas entre si.

Ressaltando situações de cuidado e também violências, os protagonistas em cena me convidaram a passar por suas ruas (in)certas. Cuidado se configura pela solidariedade no itinerário, com apoios, amizades, ‘salva vidas’, boas oportunidades. Violências se configuram com noites embriagadas, misturadas de prazer e brigas, conflitos, medos de ordens complexas e plurais que atingem de maneira impar os sujeitos

que habitam o tempo da rua, mas que afetam a sociedade. Portanto, não é possível apontar vilões e mocinhos nessa teia, onde a vida simplesmente acontece, seja onde for que eles estejam com momentos bons e também ruins, como disse Jota.

Assim como os sujeitos da pesquisa, eu também me deixei fisgar por alguns fios que tramam as cenas de rua, me percebendo atraída por detalhes dessa vida narrada pelos protagonistas. Arrisco a dizer que tanto Val quanto Jota, se inclui na nomeação de “morador de rua cidadãos” - uma nomeação feita por Val -, pois ambos não tiveram envolvimento com a polícia, ou entraram em conflitos graves durante suas trajetórias de viver nas ruas. Acreditam que não causaram danos aos lugares e/ou pessoas que conheceram, e com quem conviveram. Ao contrário, demonstraram relacionar-se com o contexto da rua de forma pacífica, “principalmente pra poder voltar aos lugares onde já cheguei” (Jota, 2011). Lá deixaram um prato de comida, um abraço amigo, um canto pra dormir e sonhar.

A pesquisa me mostrou que a vida nas ruas é marcada pelas presenças de inúmeras pessoas, outros que nutrem fragilidades e permanências. Tanto Val quanto Jota emanam expressões corporais das situações, dos lugares, das pessoas que atravessam o caminho por onde seguem. A corporeidade desses sujeitos é o território onde se inscrevem as dores e os sabores da experiência de viver nas ruas. A vida está contida no próprio corpo, não é possível separar. Abrigo de prazer e sofrimento, o corpo carrega historicamente as pegadas deixadas em seu condado, com afetos bons e ruins. Pude observar nas narrativas dos sujeitos que há uma potência criativa, provocada diariamente pelas adversidades das ruas. É ela que move a capacidade de superar as dificuldades e manter o corpo em vibração.

No itinerário concretizado com a pesquisa, aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre representa, para nós, as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. Independente dos lugares que habitamos, somos seres relacionais, e nessa rede, estamos sujeito à dinâmica coletiva. O contato com o outro, a um só tempo diferente e instigante, me coloca diante do espelho que ofusca e faz brilhar minha existência, instala as de desconfortos e por vezes, me torna des-conhecida diante da autoimagem. Senti-me encantada pelas lições destes sujeitos nômades, que conquistam lugares no meio da multidão. Eles dançam trôpegos, as valsas possíveis enquanto encenam a peça com o enredo que conhecem, hibridizada pelas intempéries, com o desafio de abandonar os

juízos apressados. É tempo de tencionar as certezas e bailar seus movimentos, eis o que ensinam à pesquisadora.

A particularidade da experiência de cada sujeito impede qualquer tipo de generalização, entretanto, pude constatar que aceitar o abrigo se traveste, algumas vezes, numa mudança de espaço físico. Para a nova casa eles carregam as aprendizagens culturais corporificadas, os conteúdos das ruas com violências e inventividades. Assim, dentro da AVN estão os homens e sua história. Nela apresentam dificuldades para cumprir regras, como respeitar o horário de acordar e deixar o quarto para tomar café, assumir as atividades designadas, dividir os espaços, esperar sua vez para ser atendido nas necessidades. Não sabem pedir autorização, embora de onde vêm essa seja uma constante para chegar, tomar banho, carregar algo.

Independente do tempo que lá estão e das possibilidades ofertadas pela AVN, a rua ainda permanece presente e desejada por seus corpos. A maior parte dos sujeitos acolhidos, assim como Val e Jota, apresenta narrativas de imensa gratidão e bem querer por esse espaço e pelos Freis, gestores da instituição. Fato este que não inviabiliza o retorno às ruas por muitos deles, como aconteceu com Jota, para quem o deslocamento e a transitoriedade permanente realçam os sinais fidedignos de sua existência nômade.

Parece-me pertinente assinalar que durante a pesquisa, nem sempre a minha forma de inserção no campo permitiu o distanciamento necessário no processo. Por vezes consegui ver o campo de outra forma, por outro me sentia afetada tentando alcançar o estranhamento possível. Lá, a acolhida era sempre carregada de alegrias e incômodos que costuravam a estética única da AVN. Tive dúvidas se havia obtido sucesso com a decisão de me afastar. O campo nutria meu fôlego e progressivamente entendi *que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar*. Os sujeitos estão presentes mesmo quando ausentes, tatuados no meu corpo pela experiência dos encontros, onde quer que eu vá.

Não poderia deixar de compartilhar nesse exercício de chegada, o desafio da minha orientadora, discreta e cuidadosa em me advertir de que a rua não é só lugar dos bons acontecimentos. O encantamento que me invadiu pode ter ofuscado as interpretações, o que assumo como responsabilidade de uma escolha interessada. Acredito ter privilegiado os bons encontros nas ruas sem deixar de apontar também algumas violências, por entender que tais facetas podem ser escoltadas diariamente pelas redes de comunicação pública, ou olhadas

superficialmente pelos transeuntes que falam sobre as situações desagradáveis, mais do que agradáveis com os sujeitos que ali estão.

Entretanto, as narrativas e os significados que até mim chegaram durante a pesquisa, não foram estas e/ou tive dificuldades para ouvir-sentir outras. Talvez essa tenha sido a película de resistência na minha relação com Val, pois este trazia a olho nu, na úlcera de sua perna, as marcas maléficas da vida nas ruas. Fui seduzida pelo espírito nômade desses sujeitos que afrontam a normatividade e num movimento de fuga desafiam as prescrições. *É tão bonito quando a gente pisa firme nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos. É tão bonito quando a gente vai à vida nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração.*

A rua tem lugar especial no coração desses sujeitos, talvez isso tenha me incentivado a fazer o caminho que meu coração convidava. Ciente de que apenas iniciava a caminhada, sinto meus passos tímidos para alcançarem a profundidade que um tema como este merecia. Mas caminhei, com apoio de diferentes pessoas com quem deixo a sutileza das pegadas visíveis nessa travessia. O percurso é longo e nele muitos outros podem se arriscar, pois o desejo agora, com essa experiência, é permitir desnudar meu corpo para Ser uma moda de Clarice (1998, p.17):

Nova era, esta minha, e ela me anuncia pra já. Tenho coragem? Por enquanto estou tendo: porque venho do sofrido longe, venho do inferno de amor, mas agora estou livre de ti. Venho do longe – de uma pesada ancestralidade. Eu que venho da dor de viver. E não a quero mais. Quero a vibração do alegre. Quero a isenção de Mozart. Mas quero também a inconsequência. Liberdade? É o meu último refúgio, forcei-me à liberdade e aguento-a não como dom, mas como heroísmo: **sou heroicamente livre. E quero o fluxo** (grifos meus).

Vou experimentar caminhos que não tive pernas para chegar no prazo desta pesquisa. Em muitos momentos tive sentimentos de identificação profunda com os sujeitos da pesquisa nas suas travessias, banhada pela ousadia que os faz “heroicamente livres” na expressão de uma corporeidade irregular, transgressora de quaisquer propósitos normativos. Assim, se chegamos a algum lugar, abrangemos tão somente o fluxo que consolida uma viagem peregrina e que provocou uma nova partida: vou ser caminhante por Santiago de Compostela, nos

meses que se seguem ao término desta dissertação. O que procuro? Não sei, quero caminhar, seduzida pelas paisagens que observei no processo da pesquisa e que hoje me encorajam para encarnar a errância da peregrinação, a vida em vibração nos cenários do alegre, mesmo se cansada.

Assim como Jota, sinto *saudade de caminhar, vontade de sair caminhando, caminhando...* Desejo conhecer um pouco mais do que não sei, seguir a bússola do meu imaginário que fica tentando adivinhar como vai ser, que foca meus pensamentos para o estar-lá. Vou por afinidade, e não preciso de um caminho todo o tempo iluminado, quero experienciar o mais sutil, o delicado, o que penetra dos sentimentos. Não sei como é lidar com as ausências, os adiantamentos, as distâncias, as impossibilidades. Mas levo como intuição que quando há afinidade, o reencontro fortalece os afetos inscritos nas relações, gera diálogos e silêncios, mostra algumas imagens do que foi interrompido, do que permanece inacabado. Afinar-se com o que aprendemos com o *outro* é muito raro, mas quando conseguimos, os códigos prescritivos dão passagem ao caminhante. Vou “por aí”, sem tantos conhecimentos dos lugares, mas disposta a irradiar o durante, a cuidar do que permanece após o encontro.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer - 5. ed., Rio de Janeiro: Forense-Universitária, Salamandra; São Paulo: EDUSP, 1991.
- ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: Unimep, 1995.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2.ed. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.
- BINGEMER, Maria C. e BARTHOLO, Roberto S. (Orgs.). **Violência, crime e castigo**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BONETI, Lindomar W. **Educação, exclusão e cidadania**. 2. ed., Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2000. (Coleção educação).
- BOTEGA, Gisely. *Relações étnico-raciais e educação: problematizando em torno de suas dimensões culturais, históricas, políticas e sociais*. In: LEITE, Amanda M. Pereira e ROSA, Rogério M. (Orgs.). **Modulo III: Educação, Escola e Violências**. Florianópolis: UFSC-CED-NUVIC, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BROGNOLI, Felipe F. **Trecheiros e pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. PPGAS/UFSC, 1996 (Dissertação de mestrado).

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *A ética democrática e seus inimigos: o lado privado da violência pública*. In: **Ética**. Rio de Janeiro: Garamond Ltda: Codeplan, 1997. (p. 67-84).

CSORDAS, Thomas J. **Corpo, significado, cura**. Tradução José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DADOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do 'homo violens'**. Tradução Pilar F. de Carvalho e Carmem de C. Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. (Coleção Enfoques. Filosofia).

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Tradução Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2**. imagem-tempo. São Paulo, Brasiliense, 1989.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro; tradução de posfácio à edição alemã: Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica: Frederico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRACINI, Renato (Org.). **Corpos em fuga, corpos em arte**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores: Ed. Fapesp, 2006. (Apresentação).

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

FONSECA, C. *Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação*. In: **XXI Reunião da ANPED**. Caxambu, MG: ANPED, 1998a (Anais).

FONSECA, C. *Diário de Campo: alguns apontamentos*. Palestra proferida na UFRGS, em 14 dez. 1998b.

FONSECA, Tânia Mara G. e FRANCISCO, Deise Juliana. **Formas de ser e habitar na contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed Universitária/UFRGS, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3** - o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. (p. 231 – 249).

FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2009.

GALLO, Silvio e VEIGA-NETO, A. *Ensaio para uma filosofia da educação* – In: **Revista Educação** - Foucault 3 pensa a Educação. São Paulo: Ed. Segmento, 2007 (mar. p. 16-25).

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: la identidad deteriorada. 5. ed., Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KEIL, Ivete e TIBURI, Márcia. **Diálogos sobre o corpo**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

JÚNIOR, Luiz Gonzaga do Nascimento (GONZAGUINHA). **LP Caminhos do Coração**. Rio de Janeiro: Gravadora Odeon, 1982

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Bonum, 1986.

LARA, Nuria Pérez de. *Pensar muito além do que é dado, pensar a mesmidade a partir do outro que está em mim*. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Tradução Giane Lessa, Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (Prefácio).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

LARROSA, Jorge e PÉREZ DE LARA, Nuria. (Orgs.). **Imagens do outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. **La experiência de La lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Campinas: Leituras SME, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piroetas e mascaradas**. 4. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LIMA, Tânia S. *O que é um corpo?* In: **Religião e Sociedade**, n. 22, (9-10), Rio de Janeiro: ISER, 2002.

LIMA, Patrícia de M. **Infância e experiência:** as narrativas infantis e a arte-de-viver o cuidado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. (Tese de Doutorado em Educação).

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família: contos.** São Paulo: Relógio d'Água, 1989

LOPES, Denílson. **A delicadeza:** estética, experiência e paisagens. Brasília: Ed. Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre a estética da existência e uma ética para docência.* In: **Educação & Realidade.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Educação, v. 1, n. 1, 1976, (p. 69 – 82).

LOURO, Guacira (Org.). **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. 2. Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, M. **O mistério da conjunção:** ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Tradução Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAFFESOLI, M. **A Transfiguração do político:** tribalização do mundo. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Sulina, 1997.

MALUF, Sônia. Weidner. *Corpo e corporalidade: abordagens antropológicas*. **ESBOÇOS**. Florianópolis: PPGH/UFSC, v. 9, 2001. (p. 87-101).

MAY, Viviani A. **Trajetórias de escolarização de sujeitos em contexto de rua**. Florianópolis: PPGE/UDESC, 2010 (Dissertação de mestrado).

MEIHY, José C. S. B. & HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MÈLICH, Joan-Carles. *A palavra múltipla: por uma educação (pó)ética*. In: LARROSA, J. e SKLIAR, C. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001 (p. 269-280).

MELUCCI, A. (Org). **A invenção do presente nos movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MEYER, Dagmar E. E. e SOARES, Rosângela de F. *Modos de ver e movimentar-se pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em educação, o que podemos aprender com e a partir de um filme*. In: COSTA, Marisa Vorraber e BUJES, Maria Isabel E (orgs). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução Leneide Duarte e Clarissa Meireles. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

ORTENBLAD, Rô. **Putkoi: a fotossíntese**. São Paulo: R. A., 2002.

REICHOLD, Anne. **A Corporeidade esquecida**: sobre o papel do corpo em teorias ontológicas e éticas da pessoa. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2006.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução Letícia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. In: ANTELO, Raúl (Org.). **A alma encantadora das ruas: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROLNIK, Sueli. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC, v.1 n.2, set./fev., 1993 (p. 241-251).

ROSA, Rogério M. **Corpos híbridos na docência: experiências, narrativas de si e (des)construção das masculinidades no magistério**. Florianópolis: PPGE/UFSC, 2009 (Dissertação de mestrado).

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, RS: FAFCE/UFGRS, v.20, n.2, jul./dez., 1995 (p.71-99).

SILVA, Regina Helena A. da e SOUZA, Cirlene Cristina de. *Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga (org). **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável da diferença): e se o outro não estivesse aí?** Tradução Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SNOW, David A. e ANDERSON, Leon. **Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua**. Tradução Sandra Vasconcelos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SOUSA, Ana Maria Borges de. *O sentido institucional de acolher: por uma gestão do cuidado com as crianças*. In: SOUSA, Ana M. B. de, VIEIRA, Alexandre; LIMA, Patrícia de Moraes. **Ética e gestão do cuidado: a infância em contextos de violências**. Florianópolis: CED/UFSC/NUVIC, 2006.

SOUSA, Ana Maria Borges de. *Gestão do cuidado: por uma disposição afetiva de antecipar-se ao bem-estar do outro*. In: SOUSA, Ana Maria B.; MIGUEL, Denise M. e LIMA, Patrícia de Moraes (Orgs.). **Módulo**

1: gestão do cuidado e educação biocêntrica. Florianópolis: UFSC-CED-NUVIC, 2010.

SOUSA, Ana Maria Borges de. **Infância e violências:** o que a escola tem a ver com isso? Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002 (Tese de Doutorado em Educação).

A N E X O S*Caminhos do Coração*

Composição: Gonzaguinha

Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz
Principalmente por poder voltar
A todos os lugares onde já cheguei
Pois lá deixei um prato de comida
Um abraço amigo, um canto prá dormir e sonhar
E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate bem mais forte o coração
E aprendi...



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Experiências Dançantes: corporeidade de sujeitos nômades

O senhor _____ está sendo convidado a participar de um estudo com o objetivo de rever sua trajetória de viver nas ruas e como estas participam na constituição da sua corporeidade. Serão previamente marcadas a data e horário para conversas, utilizando registro em cadernos de anotações. Estas medidas serão realizadas no PPGE/UFSC. Também serão utilizados dados das atividades e dinâmicas em grupo. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver medições não-invasivas.

A sua identidade será preservada, pois, cada indivíduo será identificado por um nome fictício.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo será a possibilidade de refletir sobre suas situações e escolhas de escolarização.

As pessoas que estarão acompanhando a pesquisa são a mestranda **Claudia Annies Lima** e **Prof.ª Dr.ª Ana Maria Borges de Sousa** sua orientadora.

O senhor poderá se retirar do estudo a qualquer momento.

Solicitamos a vossa autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

Assinatura do participante da pesquisa

Claudia Annies Lima

Emai: claudiaalpsi@hotmail.com

(48) 9951 5754